

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

HENRIQUE DA ROCHA BERGMANN

**O GLOBO, MANGUEIRA E AS VERSÕES DA HISTÓRIA:
A construção de sentidos na cobertura jornalística do desfile campeão do
carnaval do Rio de Janeiro de 2019**

**São Leopoldo
2020**

HENRIQUE DA ROCHA BERGMANN

**O GLOBO, MANGUEIRA E AS VERSÕES DA HISTÓRIA:
A construção de sentidos na cobertura jornalística do desfile campeão do
carnaval do Rio de Janeiro de 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
jornalismo, pelo Curso de jornalismo da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Everton Cardoso

São Leopoldo

2020

Dedico esse trabalho aos meus pais, Cesar e Fabiane e ao meu irmão, Matheus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu professor e orientador pela paciência e apoio durante todo o processo de realização desta pesquisa e também por tanta troca de ideias sobre um tema tão querido por nós dois.

Agradeço aos meus pais, Cesar e Fabiane, ao meu irmão, Matheus e demais familiares pelo amor dado durante minha vida e pelo apoio incondicional em todas as escolhas feitas por mim.

Agradeço a todos os meus amigos pelos milhares momentos de alegria e felicidade que me fazem ter força e ânimo para lutar contra as adversidades.

Por fim, agradeço ao samba, a mais linda e importante forma de expressão artística e cultural do planeta e a Estação Primeira de Mangueira, por sua importância como maior escola de samba do mundo e sua atuação como promotor de arte, cultura e sentimento.

Esse modo de contar o tempo gerou a história, e mesmo a história passou a ser narrada sempre de modo como aconteceu para alguns, não do modo como aconteceu para todos. (JECUPÉ, 2020, P.74)

RESUMO

A presente pesquisa busca identificar sentidos produzidos pelo jornal *O Globo* sobre o desfile de carnaval da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019, chamado de *História para ninar gente grande*. Para isso, a pesquisa coleta e analisa o material da cobertura do jornal *O Globo*, cruza as matérias do jornal com as postagens de redes sociais de Leandro Vieira e de Mangueira, faz o levantamento das personagens citadas nos materiais produzidos para o carnaval e nos textos do jornal, além do mapeamento dos sentidos existentes na cobertura de *O Globo* sobre o desfile. Estes são os quatro indícios que, baseado no paradigma indiciário e colocados em conjunto, mostram como *O Globo* realizou a cobertura do desfile de Mangueira. O levantamento de material para a pesquisa mostra que *O Globo* produziu 32 matérias desde o anúncio do enredo, em junho de 2018, até a cobertura após o desfile de Mangueira, em março de 2019. As pautas dessas matérias manifestam coincidências de assuntos com as postagens das redes sociais de Leandro Vieira e Mangueira; mostram que, de todos os personagens citados pela escola em seu desfile, o mais lembrado pelo jornal é Marielle Franco; e foi identificado que *O Globo* construiu o sentido de que o desfile de Mangueira teve um discurso político, contestador, inovador e perfeito artística e tecnicamente. Ademais, o jornal produziu o sentido de que o desfile teve o carnavalesco da escola, Leandro Vieira, como o principal idealizador da apresentação, a homenagem à Marielle Franco, como momento mais emblemático do carnaval da Estação Primeira de Mangueira e como a apresentação da escola deu representatividade ao povo negro brasileiro ao homenagear heróis de origem africana do país.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornal *O Globo*. Carnaval. Mangueira. Análise do discurso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 AS REALIDADES APRESENTADAS PELO JORNALISMO	13
2.1 Jornalismo como forma de Conhecimento e construtor de realidade	13
2.1.1 Acontecimento e os critérios de seleção do jornalismo.....	16
2.1.2 Jornalismo cultural	20
3. JORNALISMO E CARNAVAL	24
3.1 A história de <i>O Globo</i>	24
3.2 A origem das escolas de samba e sua relação com a mídia.....	25
3.3 O carnavalesco, a chegada da televisão e o sambódromo	30
3.4 Enredos críticos e políticos e o protagonismo do negro e do índio no carnaval.....	33
3.5 O desfile nos dias atuais	35
4 MANGUEIRA E O CARNAVAL DE 2019	37
4.1 Estação Primeira de Mangueira	37
4.2 O carnavalesco Leandro Vieira	39
4.3 Enredo de Mangueira em 2019.....	41
5 COBERTURA DE O GLOBO NO CARNAVAL DE 2019 DE MANGUEIRA	44
5.1 A composição da cobertura do jornal <i>O Globo</i>	45
5.2 Acontecimentos e a temporalidade do desfile e do enredo de Mangueira ..	47
5.3 Os personagens do desfile.....	51
6 OS SENTIDOS DO DESFILE DE MANGUEIRA FEITOS EM O GLOBO	56
6.1 O método de análise do discurso	56
6.2 A análise dos sentidos.....	58
7 OS PROTAGONISTAS DE UM DESFILE POLÍTICO	78
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	93
ANEXO A – SINOPSE DO ENREDO 2019 DE MANGUEIRA	100
ANEXO B- SAMBA-ENREDO DE MANGUEIRA 2019	104
ANEXO C- AS MATÉRIAS O GLOBO	106
ANEXO D- POSTAGENS DAS REDES SOCIAIS DE MANGUEIRA E DE LEANDRO VIEIRA	153

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar e identificar sentidos produzidos pelas matérias do jornal *O Globo* sobre o desfile de carnaval de 2019 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira¹, que foi a campeã do desfile de carnaval carioca entre as escolas de samba da Liga Independente Das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA), com o enredo *História para ninar gente grande*. Além disso, o trabalho discute como o jornalismo brasileiro se relaciona com o carnaval e com o mundo do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, duas das manifestações culturais e artísticas mais importantes do Brasil.

A escolha de pesquisar e aprofundar os estudos relativos à visão do jornalismo brasileiro sobre o carnaval e o desfile das escolas de samba tem como primeira justificativa as minhas próprias preferências. Muito em conta, pelo grande interesse por samba e carnaval, juntamente com o entendimento da importância que o jornal *O Globo* dá para a construção do desfile das escolas de samba como o maior evento de cultura popular brasileira.

A forma como o samba, o desfile e o carnaval conseguem provocar reflexões sobre as complexidades da sociedade, levando, ao mesmo tempo, alegria, acrescentada à história de um jornal de 95 anos, me fazem querer estudar ainda mais sobre o assunto. Além disso, o enredo da Mangueira, em 2019, foi extremamente representativo, dando espaço a aspectos da história brasileira poucas vezes vistos em manifestações artísticas, conseguindo ser um instrumento de contestação com relação ao conservadorismo das pessoas e da sociedade que regem o Brasil atualmente.

A trajetória das escolas de samba para se tornarem um grande movimento artístico e cultural, segundo Cabral (2011), começa em 1928. Mas somente em 1932 é criado o desfile competitivo, idealizado pelo jornalista Mário Filho do jornal *Mundo Sportivo*, e é iniciada, então, a relação do desfile com a mídia, tendo o jornalismo como propulsor. Mesmo assim, o desfile e o samba demoraram para se tornarem os

¹ Nas referências sobre escolas de samba e a história de Mangueira usadas para a realização desta pesquisa, foram encontradas diferentes formas para se mencionar a escola e Morro (a Mangueira, de Mangueira, Na Mangueira, da Mangueira, em Mangueira ou a Estação Primeira). Por isso, ao longo deste trabalho, se aproveita essas diferentes maneiras de se denominar e nomear a escola de samba e sua comunidade.

principais atrativos do carnaval na sociedade carioca, que ainda tinha os blocos, ranchos e cordões como as maneiras mais populares de festejar o Carnaval.

A partir de 1933, com o fim do *Mundo Sportivo*, vários jornais impressos começaram a promover eventos com as escolas, principalmente *O Globo*, aumentando ainda mais essa parceria entre jornalismo e carnaval. Foi assim, com esse apoio da imprensa, que as escolas e o samba passaram a ser, aproximadamente nos anos 1940, a forma preferida da população para brincar o carnaval. O posto de evento mais popular do carnaval que o desfile das escolas passou a ocupar foi extremamente afirmado com a chegada da televisão, nos anos 1960, e com a criação do sambódromo, nos anos 1980, dando à festa o caráter de espetáculo que, hoje em dia, se sobrepõe à histórica característica de folia do carnaval.

A pesquisa toma, como ponto inicial, pressupostos teóricos originários de estudos sobre acontecimento jornalístico, jornalismo como um construtor e reproduzidor de realidade e jornalismo cultural. Segundo Berger (1996), o jornalismo tem como função relatar acontecimentos que ocorrem na sociedade através da linguagem e do discurso, com o objetivo de descrever o mundo de volta à sociedade. Os acontecimentos escolhidos são postos nas notícias a partir de critérios dos próprios jornalistas e da imprensa como um todo. É o que Berger e Tavares (2010) chamam de acontecimento jornalístico, que é como o jornalismo relata o que ocorre na sociedade.

Por isso, Meditsch (2010) diz que o jornalismo não é um reproduzidor fiel da realidade, mas, sim, um construtor de várias versões de realidade. O jornalismo atua como um elo entre diferentes realidades que existem na sociedade, que está sempre condicionada aos critérios e às influências sociais e históricas nas quais a imprensa está inserida, fazendo isso através da linguagem. Dessa forma, esta pesquisa tenta responder à questão: Quais os sentidos construídos em *O Globo* na sua cobertura sobre o desfile da Mangueira em 2019?

Tendo isso em vista, este trabalho tem por objetivo geral identificar os sentidos produzidos pelo jornal sobre a apresentação de Mangueira. São objetivos específicos da pesquisa: entender a atuação do jornalismo como reproduzidor de realidade e construtor de sentidos; identificar as particularidades do jornalismo cultural feito em *O Globo*; explicitar a origem das escolas de samba e a consolidação

como evento de cultura e arte popular e discutir a influência da mídia e do jornalismo na história do Carnaval.

Portanto, para a análise dos sentidos construídos em *O Globo* sobre o desfile de Mangueira, a pesquisa parte do conceito de Braga (2008) sobre paradigma indiciário, que é a reunião e escolha de dados singulares de um determinado acontecimento, chamados de indícios, para que se consiga explicar esse fenômeno. Dessa forma, o trabalho toma quatro indícios principais na construção de sentidos feitos pelo jornal *O Globo*: as matérias feitas desde a preparação do desfile até a repercussão da conquista do título, o cruzamento de informações entre as publicações do jornal com as postagens de redes sociais de Mangueira e Leandro Vieira e o cruzamento das personagens do desfile citadas nas matérias para entender o comportamento do jornal sobre o que escola e o carnavalesco fazem. E, como último indício, o mapeamento dos sentidos construídos presentes nas matérias de *O Globo* sobre o desfile.

Para isso, a pesquisa seleciona 32 matérias sobre o desfile, desde o anúncio de qual seria o enredo da Mangueira, em junho de 2018, e março de 2019, quando a escola foi consagrada campeã do Carnaval, e as analisa a partir do conceito de análise do discurso com abordagem em mapeamento de sentidos, conforme Benetti (2016). O conceito é usado para identificar os significados construídos por meio da cobertura jornalística.

Obviamente, pesquisar sobre a história do Carnaval, escolas de samba, Mangueira e jornalismo, prova-se relevante em ser realizado, também, por conta dos trabalhos acadêmicos anteriores já realizados. É verdade que, apesar de ter um grande número de estudos ligados aos temas já citados, o montante de pesquisas sobre a visão de um veículo de comunicação sobre um desfile ou enredo de escola de samba ainda é reduzido.

Sobre estudos das escolas de samba e seus enredos, cito o projeto Observatório do Carnaval da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS) – Museu Nacional (2020). O projeto tem como objetivo a produção de pesquisa para reflexão do carnaval das escolas de samba, atuando em inúmeras áreas como Educação, Ciências Sociais, História da Arte e Linguagem. Pode-se citar, como exemplo de pesquisa sobre a história do desfile das escolas de samba, o artigo de Natal (2010)

Os caminhos da memória no batuque do carnaval carioca, que fala sobre a influência e o poder da memória nos desfiles.

Sobre a relação entre o carnaval e a mídia, a dissertação de Cardoso (2008) *“Saudamos a imprensa e pedimos passagem”*: um estudo sobre *mediatização das escolas de samba do Rio de Janeiro* explica sobre a importância que a mídia teve na popularização do carnaval e na transformação que causou, fazendo com que as próprias escolas de samba aderissem à *mediatização*.

A Mangueira também recebe pesquisas sobre sua história, relevância cultural e, principalmente, no samba, através de sua música e discurso. Como a dissertação de Pizotti (2010) *Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes*, que discute a importância que a Estação Primeira tem em distribuir a simbologia e os significados do Morro da Mangueira por meio de seu samba.

A discussão sobre enredos de escolas de samba também é assunto de alguns trabalhos, como a pesquisa de Dorneles (2019) *O carnaval como comunicação: uma análise do samba-enredo “Histórias para ninar gente grande”*, que analisa os sentidos contidos no discurso do enredo de Mangueira em 2019, a partir da sua diversidade cultural e identifica o desfile como uma manifestação artística que incluiu classes sociais excluídas da normalidade social, de maneira desestruturadora, a contextos culturais.

Ainda assim, essa pesquisa se mostra relevante quando se percebe pouca quantidade de análises do trabalho e da visão do jornalismo em relação aos desfiles, enredos e discursos das escolas de samba. Pois, apesar de ser um importante instrumento para a formação da opinião pública, da sua essencial função como divulgador de informações que ajuda a sociedade a reconhecer sua realidade, conforme Meditsch (1997), e a importância que exerce para a própria existência da arte como propagador dela, segundo Cardoso e Golin (2010), a atuação do jornalismo em noticiar o carnaval ainda possui quantidade insuficiente de pesquisas acadêmicas produzidas.

Ademais, aprofundar os estudos sobre carnaval, escolas de samba e jornalismo se mostra imensamente importante dado seu apelo como movimento popular, ou como explica Oliozi (2019), falar sobre carnaval e escolas de samba se mostra de extrema importância pela sua identidade como manifestação cultural mais importante da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Para se ter uma ideia, segundo

prefeitura do Rio de Janeiro (2020), a cidade recebeu 2,1 milhões de turistas durante o Carnaval e teve mais de 10 milhões de pessoas circulando pelas festividades, em 2020, além de movimentar mais de 4 bilhões de reais nesse período. Já nas arquibancadas do sambódromo, local do desfile, mais de 75 mil pessoas assistiram ao desfile em cada um dos dois dias de carnaval, em 2020.

O que se deve perceber, igualmente, é que, conforme Souza (2000), o Carnaval é, por si só, um evento midiático e que, mesmo sendo uma atividade artística, ele é um espetáculo da mídia. Ou seja, já que ele nasce e se consolida como evento mais famoso do Brasil, muito resultante da relação com a mídia, pesquisar de forma mais aprofundada sobre a visão do jornalismo sobre o carnaval também ajudará no melhor entendimento sobre como este chegou ao estágio de espetáculo com grande relevância social, econômica, histórica e cultural.

Além de ser de extrema relevância pesquisar sobre a Mangueira tanto como escola mais importante do carnaval carioca e suas especificidades quanto como morro e favela. Essas características fizeram do Morro da Mangueira e da Estação Primeira de Mangueira a comunidade e a escola mais exaltadas na música popular brasileira, cantada por Noel Rosa, Cartola, Paulinho da Viola e tantos mais. (CACHAÇA; OLIVEIRA FILHO; SILVA, 1980)

Para a realização dos propósitos apresentados, a pesquisa foi dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo (de número 2) apresenta o embasamento teórico. Ele discute como um acontecimento é relatado pelo jornalismo e transformado em acontecimento jornalístico, o jornalismo como gênero do discurso e reprodutor e forma de conhecimento, além das particularidades e características do jornalismo cultural.

O capítulo seguinte conta sobre o surgimento do jornal *O Globo*, das escolas de samba no Carnaval da cidade do Rio de Janeiro e a relação entre jornalismo e carnaval desde seu início até os dias atuais, além lembrar o começo dos enredos políticos e críticos no desfile.

No terceiro capítulo, é contada a história do Morro da Mangueira como local de sambistas e o surgimento da escola da comunidade. Depois, será contada a história do enredo de 2019 e sobre a trajetória de Leandro Vieira como carnavalesco de Mangueira.

No capítulo quatro, são apresentados a coleta das matérias feitas na cobertura de *O Globo* sobre o desfile; o cruzamento das publicações de *O Globo*

com as postagens de redes sociais de Mangueira e Leandro e o cruzamento das personagens presentes nos materiais produzidos pela escola para o desfile de carnaval e as que são citadas nas matérias do jornal, formando os três primeiros indícios para a realização da análise dos sentidos construídos.

O quinto capítulo (de número 6) apresenta o mapeamento dos sentidos produzidos das matérias em *O Globo* e como o jornal relatou o desfile da Mangueira. Nos dois capítulos seguintes, são apresentadas a discussão e as considerações finais da pesquisa.

2 AS REALIDADES APRESENTADAS PELO JORNALISMO

Como esta pesquisa tem como objetivo analisar os sentidos construídos e a cobertura feita pelo jornal *O Globo* sobre o desfile da Mangueira, é preciso refletir sobre a funcionalidade do jornalismo. O que faz um fato se tornar uma reportagem ou notícia no jornalismo, a capacidade que ele tem de transmitir conhecimento sobre determinado assunto da sociedade e como o jornalismo se comporta com acontecimentos da sociedade são abordados nesta seção.

Além disso, o capítulo irá discutir sobre o jornalismo cultural, suas peculiaridades e como esse tipo de jornalismo trata sobre diferentes manifestações artísticas, como o carnaval.

2.1 Jornalismo como forma de Conhecimento e construtor de realidade

Segundo a perspectiva construcionista do jornalismo nos anos 70, conforme Traquina (2005b), a notícia toma forma através de uma construção feita pelos veículos de comunicação e seus jornalistas. Essa teoria entende que o jornalismo, por meio de suas produções, técnicas características e pela busca por objetividade, têm como objetivo construir versões da realidade que se aproximem da verdade, que ajudam a sociedade a se enxergar nelas.

Essa construção da notícia é condicionada pelo ambiente e pelos conceitos das próprias pessoas da mídia, no caso, os jornalistas. Suas práticas e rotinas na profissão ou até mesmo suas atitudes políticas, mesmo que não de maneira premeditada ou pensada, podem influenciar na construção da produção jornalística. Mas é bom ressaltar que a teoria construcionista rejeita a tese de que a linguagem consiga transmitir de forma direta e certa qualquer tipo de acontecimento.

A partir disso, Meditsch (1997) entende o jornalismo como uma forma de conhecimento de realidade única, que tem a capacidade de revelar tipos de realidades de maneira diferente de outras instituições. Ele é tanto um produtor quanto um reproduzidor de conhecimento. O jornalismo é baseado no senso comum, pois está extremamente ligado às percepções individuais de cada ser humano, já que os jornalistas estão inseridos nesse contexto. Além disso, também entende que forma conhecimento de uma maneira diferente, numa escala industrial e com mais

imediatez. Dessa maneira, a relação com o senso comum será a principal força e fraqueza do jornalismo como forma de conhecimento.

É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se deslocar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público[...] em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer ciência formal, mas, em compensação, será menos artificial e esotérico. (MEDITSCH, 1997, p.7)

O jornalismo, diferentemente de outras formas de conhecimento, não produz novas informações, como é o caso da ciência, por exemplo. Norteados pelo senso comum, teria como função disponibilizar e veicular informações que não são inéditas, mas são desconhecidas de seu público, ajudando-o a se reconhecer em aspectos de realidades até então desconhecidas.

Partindo desse aspecto do jornalismo como forma de conhecimento, Miguel (1999) irá tratar o jornalismo como um sistema perito. Giddens (1991, pag.35. apud MIGUEL, 1999. p. 198) define o conceito de sistemas peritos como “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”.

Nesse conceito, o sistema perito possui duas grandes características: a primeira é a sua autonomia; o seu cliente/consumidor possui pouca capacidade para influenciá-lo. A segunda, e mais relevante, é a de que o cliente carrega uma grande crença em sua capacidade especializada.

Assim, quando um indivíduo vai ao médico, via de regra, não tem condições de avaliar a correção ou incorreção do tratamento que lhe é recomendado. Apenas confia no conhecimento especializado de que o médico é portador. (MIGUEL, 1999. p. 198).

Essa teoria diz que o próprio jornalismo pode ser entendido como sistema perito, pois é possível enxergar a mesma relação de confiança que o cliente, nesse caso, o seu público, tem com o sistema perito, o veículo de comunicação. A atitude de confiança do consumidor com o jornalismo é dividida em três pontos, conforme Miguel (1999, p. 199): “1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de “fatos” disponíveis.”

A primeira diferença do jornalismo com sistemas peritos convencionais é a incapacidade de comprovação da veracidade das notícias e reportagens. Dessa forma, o desafio do jornalismo é encontrar a credibilidade total com seu público.

É claro que, se um jornal noticia que em certo cinema está passando o filme X e, chegando lá, o leitor percebe que é o filme Y que está em cartaz, sua credibilidade é abalada. Mas se a notícia é que um terremoto destruiu uma cidade do Sri Lanka, um número muito reduzido de leitores terá condições de comprovar a exatidão da informação. (MIGUEL, 1999, p. 200).

Outra característica desse conceito do jornalismo como sistema perito é a de não existir escolhas corretas ou incorretas das notícias. O entendimento de que determinado veículo deveria ou não noticiar tal fato varia de pessoa para pessoa. Miguel (1999, p. 200) entende que “a imprensa impõe à sociedade seus critérios de seleção à informação.” O jornalismo usa dessa posição para exercer um papel de autoridade na construção da realidade, percebido, assim, por parte da sociedade.

O jornalismo também pode ser classificado como meta-sistema perito, que são os sistemas que influenciam na crença ou descrença sobre outros *sistemas peritos*. O jornalismo acaba tendo a capacidade de alterar a confiança de seus consumidores com outros sistemas peritos.

Para Benetti (2008), o jornalismo pode ser entendido propriamente como um gênero do discurso, pois também é baseado nessa relação entre enunciador (jornalista) e o destinatário (consumidor de determinado veículo de comunicação). Já o discurso jornalístico tem como particularidade um enunciador que fala para dois tipos de destinatários: leitor real e leitor imaginado. O leitor real é o sujeito que consome o jornalismo e lhe dá sentido. Já o leitor imaginado é para quem o jornalista produziu o discurso, mas que existe apenas nas percepções e imaginação do enunciador.

Meditich (2010) diz que o jornalismo é um dos atores que contribuem para a construção da realidade que será compreendida pelos destinatários; entretanto, é importante ressaltar que o jornalismo atua como um ator coadjuvante na construção da realidade. Para ele, o jornalismo teria o papel de conservação das realidades primárias e secundárias.

A socialização primária é a primeira versão de realidade que o sujeito absorve em sua vida. É a chamada realidade dominante, pois é o “princípio de realidade a partir do qual o indivíduo vai identificar natural e espontaneamente o que é real e

conhecido: é a partir dele que vai reconhecer a realidade com que lidará na vida cotidiana”. (MEDITSCH, 2010, p. 27)

A socialização secundária é relativa às outras versões de realidades que surgem e agregam-se à realidade dominante do indivíduo, vinda de outras pessoas ou de instituições. O jornalismo irá atuar entre elas, fazendo as ligações dessas diferentes realidades, tendo atuação parecida com a da conversa na vida cotidiana.

Pensando no jornalismo como forma de conhecimento e como ator na construção de realidade, Meditsch (1997) aponta três problemas. O primeiro é que a reprodução da realidade feita no jornalismo está inteiramente condicionada ao contexto histórico e social no qual está inserido, além de nunca revelar ao seu público os critérios para as escolhas feitas na produção e reprodução da realidade. O segundo é a velocidade de produção de notícias e informações dos meios de comunicação. E o terceiro são as técnicas narrativas e dramáticas usadas para se ter mais audiência, ao invés de ter objetivos cognitivos.

Partindo do conceito de reprodução de realidades, Molotch e Lester (1999) irão dizer que o jornalismo faz parte do segundo estágio de transformação de um fato em acontecimento público. O primeiro estágio, a promoção e os promotores, refere-se aos que presenciam algum fato e o tornam público para outras pessoas. Mesmo podendo divulgar atividades de outros, conforme Molotch e Lester (1999, p. 40), “geralmente o trabalho de promoção gira em torno da nossa própria atividade, que como toda atividade social é realizada tendo em mente os seus potenciais usos prospectivos e retrospectivos”. O segundo estágio, a área de montagem, é como o jornalismo torna determinado fato um acontecimento público, dependendo dos critérios e interesses dos próprios agentes da mídia. É importante entender, também, que os interesses e o critérios da promoção e da montagem podem se assemelhar muitas vezes.

2.1.1 Acontecimento e os critérios de seleção do jornalismo

O fato que se torna público é o que Berger e Tavares (2010) chamam de acontecimento experienciado. Esse tipo de acontecimento é o que se passa na própria sociedade e está ligado aos efeitos que ele tem sobre a realidade tangível. Ocorre no presente, causa ruptura na normalidade da sociedade e do cotidiano e funciona como um marco no espaço e tempo. Diferente do fato em si, o

acontecimento experienciado tem a função de elo entre passado e o futuro, dando sentido aos dois para os sujeitos que são afetados por ele através de narrativas.

Sua ação de romper com a normalidade, com a ordem das coisas. “impor” a um contexto temporal, mesmo que por um instante, uma ruptura. E, desse movimento, iniciar um processo que é o da busca pelo sentido, pela explicação. Uma operação que se faria pela construção de narrativas, (BERGER; TAVARES, 2010, p.123).

É importante entender a relevância temporal que o acontecimento proporciona. Para Molotch e Lester (1999), os acontecimentos servem como pontos de referência para demarcação de tempo, como reconhecimento e entendimento do passado e futuro. Além disso, para Molotch e Lester (1999, p. 35) todo “novo acontecimento reinforma aquilo que cada acontecimento anterior era, por isso a importância de compreender o contexto de espaço e tempo em que o acontecimento está inserido.”

Já a atuação do jornalismo em tornar um fato público é o que será chamado por Berger e Tavares (2010) de acontecimento jornalístico, que é como os meios de comunicação relatam o acontecimento experienciado, através das notícias e reportagens. O que muda, agora, é que são os critérios do jornalismo que definem quais acontecimentos causaram ruptura considerável e notável na realidade cotidiana e deverão ser veiculados nos veículos de comunicação.

a história não tem nada de linear, lisa ou compacta. É complexa e irregular, marcada por fenômenos sociais diversos que contém, cada um, algum índice de notabilidade para alguém. O que ocorre é que os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história – os sujeitos que a percebem e a transformam em narrativa – são, no jornalismo, guiados por critérios que exigem ruptura, repentina ascensão, desvio ou acidente. (BENETTI, 2010, p.145).

Partindo disso, é preciso entender que, conforme Benetti (2008), o acontecimento jornalístico toma forma, especificamente, através da linguagem, por meio de notícias e reportagens e só consegue produzir sentidos por conta de sua característica como discurso, que é uma prática dialógica entre sujeitos em diferentes posições de poder. O jornalismo constrói sentido e consegue relatar determinado acontecimento, pois existe um sujeito falando para outro sujeito. Além disso, conforme Benetti (2010), o jornalismo tem a capacidade de dar um sentido coletivo e continuidade a acontecimentos singulares e descontínuos.

Segundo Gomis (1991), o acontecimento será transformado em acontecimento jornalístico se causar um rompimento ou ruptura na normalidade que, conforme os critérios do jornalismo, seja merecedor de ser noticiado. Dessa forma, um acontecimento vira notícia se ele possuir um dos quatro tipos de ruptura como base do rompimento de sua normalidade. À primeira ruptura, chama-se de resultado, que são as verdades indiscutíveis. São informações incontestáveis, majoritariamente baseadas em estatísticas e dados que, por si só, podem ser reproduzidas como notícias pela mídia. Elas são chamadas de notícias universais e neutras. Por serem baseados em números, dados ou estudos, os resultados não necessitam da interferência da mídia, pois podem ser reproduzidos em sua íntegra como notícia. A mídia usa o resultado em suas notícias, porque ela tem a capacidade de dar veracidade e prestígio ao veículo de imprensa e suas matérias. Os resultados são informações úteis e necessárias para a sociedade e tem enorme capacidade de gerar repercussão e comentários entre as pessoas, mesmo tendo passado dias após o ocorrido.

A segunda forma de ruptura que transforma um acontecimento em notícia é o da aparição. *Aparição* é o comentário, frase, discurso ou atitude de pessoas conhecidas da sociedade em locais públicos e que são transformados em notícias. Nessa ruptura, a atenção é dada mais às pessoas e sua relevância do que em suas atitudes ou comentários.

é o comentário transformado em notícia, a palavra considera como acontecimento, a subjetividade pega pela mídia com atenção e respeito e difundida amplamente. [...] As aparições são populares e, se os resultados são os esqueletos da informação, as aparições são a carne, a polpa, o aparente [...] chama atenção, o que se comenta, mais pela sua importância do que por seu interesse. (GOMIS, 1991, p.126, tradução nossa)²

A aparição como notícia consegue dar mais relevância e atenção aos acontecimentos e aos próprios personagens, além de dar mais prestígio para os veículos quando dão espaço para pessoas conhecidas. Além disso, a aparição é um ótimo custo-benefício para a imprensa, já que é um produto de fácil e barata produção e de grande repercussão. Como já foi dito, a aparição pode ser um

² “Es el comentario convertido en noticia, la palabra considerada como hecho, la subjetividad recogida por los medios con atención y respeto y difundida ampliamente. [...] Las apariciones son una renta de popularidad y, se los resultados son el esqueleto de la información, las apariciones son la carne, la pulpa, lo aparente, [...] llama la atención, lo que se comenta, más que por su importancia, por su interés.”

discurso, uma atitude ou pode ser representada na notícia através da morte de alguém de relevância, pois, nas matérias, é recontada a história em vida de quem faleceu.

É a partir da aparição que surge o terceiro tipo de ruptura, chamado de deslocamento. O deslocamento é a reação à atitude da *aparição*. O deslocamento é o movimento ou ação de um agrupamento de pessoas de forma significativa, que tem a intenção de fazer algo. Dos tipos de deslocamentos como rupturas, destaco a trajetória anunciada, elas são o tipo que tem mais atenção da mídia. São os eventos anunciados de forma prévia, protagonizados por pessoas conhecidas do público. O último tipo de ruptura é o da explosão. Esse tipo está completamente baseado no inesperado, no imprevisível e no caos, gerando muita repercussão e comentários do público.

Pode-se relacionar essa teoria de deslocamentos e explosões ao pensamento de Berger e Tavares (2010), os quais irão dizer que o acontecimento jornalístico é baseado no potencial temporal, social e de imprevisibilidade do acontecimento experienciado. A partir disso, podem ser divididos em dois tipos: imprevisto e previsto.

Os acontecimentos imprevistos são, conforme Berger e Tavares (2010, p. 132), “acontecimentos inesperados, dotados do fator de imprevisibilidade que norteia a produção noticiosa”. Os imprevistos possibilitam a abertura para mais um conjunto de tipos, que deles destaco dois: cênico e experienciado. Os acontecimentos cênicos são os que possuem dramaticidade e demandam foco de atenção do público. Já os experienciados são os que têm grande ligação dos sentidos entre o acontecimento e a experiência de quem o consome.

Os acontecimentos previstos também possuem notoriedade, mas diferentemente dos imprevistos, sua relevância não está no acidental. E, assim como os imprevistos, os previstos apresentam outros dois tipos de definição: os programados e os suscitados. Os programados são os eventos e ocorrências que são anunciados previamente, como as coletivas de imprensa. Já os suscitados são os “preparados e induzidos por algum setor da sociedade”, (BERGER; TAVARES, 2010, p.136) como manifestações ou comícios.

Para Traquina (2005a), um acontecimento só será considerado relevante e convertido em notícia pelo jornalismo se atender aos critérios determinados e preestabelecidos por ele, chamados de valor-notícia. Os valores-notícia são

divididos por valores relacionados ao processo de seleção dos próprios acontecimentos e por valores relacionados à construção da notícia.

Os relacionados ao processo de seleção dos acontecimentos, chamados de valores-notícia de seleção, também podem ser divididos pelos de critérios substantivos e contextuais. Como exemplos de critérios substantivos para a escolha do acontecimento, temos a morte, a notoriedade do ator principal do acontecimento, a sua proximidade geográfica com o consumidor do veículo de comunicação, a relevância e impacto na sociedade, a novidade, a atualidade do acontecimento, a notabilidade, o inesperado, o conflito e a inflação e quebra de regras.

Já os valores-notícia de seleção dos acontecimentos com critérios contextuais estão ligados ao processo de produção das notícias e não às características dos próprios acontecimentos. Aqui tem-se como exemplos a disponibilidade e possibilidade de se fazer a cobertura jornalística de determinado acontecimento, o equilíbrio na quantidade de notícias sobre determinado assunto, a visualidade e possibilidade de bons elementos visuais para a matéria, a luta contra meios de comunicação concorrentes e até o andamento do dia noticioso e número e importância de outras notícias em curto período são considerados valor-notícia desse tipo.

Já os valores-notícia de construção estão relacionados às práticas de linguagem do jornalismo e definem o que será incluído, ressaltado ou não no texto jornalístico. Nesse tipo de valor-notícia, estão incluídos a simplificação, quanto menos complexo e complicado de se dar a notícia de um acontecimento, mais fácil de ser escolhido para isso. O autor cita, ainda, a amplificação do acontecimento, a personalização e valorização das pessoas envolvidas no acontecimento, dando mais possibilidade de a notícia ser notada, o uso da dramatização e reforço dos aspectos emocionais e consonância, que dá contextualização a notícia.

2.1.2 Jornalismo cultural

O jornalismo cultural, como qualquer tipo de jornalismo, consegue reproduzir diferentes formas e representações de realidade (CARDOSO; GOLIN, 2010). Além disso, ele é um mecanismo obrigatório para a própria existência da arte, pois é a ferramenta principal para a divulgação, circulação e registro de qualquer produto artístico. Ademais, o jornalismo está extremamente ligado à construção de qualquer

produto artístico, pois ele, com a visibilidade que proporciona ao campo artístico, tem o poder de legitimar ou não, qualificar ou desqualificar, divulgar ou não qualquer obra artística. O jornalismo cultural, conforme Assis (2008), é pensado para ser um meio de informar eventos e obras de arte e cultura, mas também para ser um espaço para os críticos e especialistas enaltecerem os sentidos de expressões artísticas.

Segundo Cardoso e Golin (2010), o sistema do jornalismo cultural está relacionado com a busca de prestígio, tanto da parte de jornalismo como do artista e do próprio leitor.

Nessa luta por prestígio, vem à tona um jogo de distinção: o jornalismo toma para si o poder da assinatura de certos artistas e instituições para legitimar-se; artistas e instituições usam a visibilidade da mídia para dar maior alcance à sua assinatura; e o leitor/ espectador busca prestígio ao obter a informação em determinados veículos especializados. (CARDOSO; GOLIN, 2010, p. 195a)

Por isso, o fluxo de produção jornalística no jornalismo cultural depende muito dos produtores e criadores artísticos, que também funcionam como fonte para a mídia. Esses produtores, chamados de agentes, produzem os acontecimentos de maneira planejada, prevista e anunciada para que, a partir do enquadramento jornalístico, ganhe mais visibilidade na mídia. Dessa forma, os agentes criadores de arte e cultura exercem um papel fundamental no campo e no sistema cultural, pois, assim como todas as instituições culturais que possuem material e obras artísticas e com elas se produzem discursos com sentidos, é através dos meios de comunicação que esse discurso poderá ser divulgado para o grande público. (GOLIN et al, 2010; LOPES, 2002)

Mas, conforme Cardoso e Golin (2009), é preciso compreender que o jornalismo cultural possui diferenças se comparado ao jornalismo convencional. A principal dessas diferenças está em seus valores-notícia. Essa diferença de entendimento se dá pelo tipo de acontecimentos que o jornalismo cultural relata: eventos previsíveis.

Existe, por exemplo, um relaxamento com a obsessão pela atualidade do acontecimento relatado. No jornalismo cultural, tenta-se passar um efeito ou senso de presente em seu público. Tenta-se transmitir a sensação de que o acontecimento, seja a abertura de exposição, um lançamento de álbum de música, ou o desfile de uma escola de samba, pareça estar no presente e seja atual.

Outro valor-notícia importante para o jornalismo cultural que se deve levar em conta é o da amplitude, que está relacionado ao superlativo (o maior, o melhor, o mais importante). Ele pode ser visto quando a notícia fala sobre prêmios artísticos, números de ingressos vendidos ou índice de audiência televisiva, além de existir uma grande diferença visual no jornalismo cultural. Nesse tipo de jornalismo a imagem tem um papel muito importante na transmissão de sentidos, pois se dá muito mais ênfase à imagem.

A personalização de seus discursos e textos também é foco do jornalismo cultural, assim, procura-se dar mais importância aos sujeitos do acontecimento. Nesse caso, o jornalismo tem seu foco voltado para o artista e não somente para sua obra. Conforme Tuchman (2015 apud ALFONSO, 2015, p.514), será “através da personalização que a mídia busca atrair o público, pois [...] os editores acreditam que os leitores se interessam por pessoas específicas, em lugares específicos com papéis específicos ou associados a tópicos específicos”.

Existe, igualmente, um esforço do jornalismo cultural em ter clareza com seu público. Dessa forma, essa modalidade possui um discurso mais didático, para que um público mais amplo consiga identificar e entender os símbolos culturais presentes. (CARDOSO; GOLIN, 2009)

O jornalismo cultural, no Brasil, segundo Gadini (2006), segue as diretrizes já citadas, mas com estruturas específicas. Além das matérias informativas terem discursos mais interpretativos, no jornalismo cultural elas se utilizam bastante de textos bem-humorados. Também é possível identificar uma grande presença de críticas culturais: elas possuem um caráter de comentário, geralmente, feito por alguém com certo conhecimento do tema

É possível perceber, igualmente, uma maior atenção e priorização da imagem e *design* visual nas matérias de jornalismo cultural. Essa prática, e algumas outras, acabaram sendo introduzidas para o jornalismo convencional, fazendo também com que arte e cultura fossem noticiadas em outras seções de jornais, além das especializadas em cultura, conforme Cardoso e Golin (2009; 2010).

Para Cavalcanti (2020), o jornalismo cultural toma a função de intérprete cultural, fugindo um pouco da lógica das demais especializações do jornalismo convencional.

[...] existe, assim, um suposto dever-ser que envolve as ações de avaliar, analisar e interpretar, tanto por parte de quem lê quanto de quem escreve. Esse tipo de mediação específico está além da típica cobertura noticiosa tendo em vista as características textuais, mais opinativas, críticas e analíticas (CAVALCANTI, 2020, p. 72)

Sendo assim, com a grande maioria de textos como críticas, resenhas ou artigos opinativos, o jornalismo cultural atua como um mediador de experiências, já que, geralmente, esses textos são feitos antes e depois da realização de determinadas manifestações artísticas. Assim, acaba tendo a função de analisar e dar mais atenção e amplitude a questões diversas do que tratar apenas o fato específico.

[...]o jornalista cultural tem o papel delicado de traçar rotas e de ser um mediador de experiências; não como um direcionador, que aponta objetivamente e de forma resoluta sobre aquilo que “é” ou “não é” digno de ser visto, lido, assistido. Sua função principal seria a de despertar, lançar luz, trazer à tona aquilo que ainda é obscuro, alçando um olhar de resistência para o que já é tido como dado. (CAVALCANTI, 2020, p. 79)

Isso faz com que o jornalismo cultural estacione, muitas vezes, na disputa entre o que é popular ou erudito, pois possui como característica um certo elitismo cultural, muito por conta dos jornalistas especializados que atuam nesse tipo de jornalismo. Por isso, acaba se exigindo um maior conhecimento prévio do leitor sobre determinado assunto, pautado nas notícias de cultura, ou, conforme Cavalcanti (2020, p. 68), é “necessário ao seu percurso um estudo menos generalista e, por vezes, mais especializado.”

3. JORNALISMO E CARNAVAL

Como a pesquisa pretende analisar a relação entre o jornal *O Globo* e a maneira como ele se relacionou com o carnaval de 2019, este capítulo conta a história do surgimento do jornal e de como se inicia sua relação com o desfile das escolas de samba e a importância dele para o próprio jornal e o conglomerado desta empresa de comunicação. É mostrado, também, como essa relação potencializou a popularidade do samba, das escolas e do carnaval do Rio de Janeiro e no Brasil, tornando o evento uma das mais conhecidas e populares manifestações culturais e artísticas brasileiras.

Além disso, é apresentado o a evolução do evento na parte midiática, de espetáculo e também sua importância como instrumento de mudanças sociais e políticas.

3.1 A história de *O Globo*

Segundo Leal e Montalvão (c2009), o jornal *O Globo* foi fundado em 1925, por Irineu Marinho, tendo sua sede na rua Bittencourt, cidade do Rio de Janeiro. Atualmente e desde 1954, está localizado na rua Irineu Marinho. No começo, era um jornal vespertino, circulando diariamente em duas edições. Em 1935, adicionou mais uma edição vespertina e outra matutina, mas que deixou de circular em 1937 e, a partir de 1962, passou a ter apenas a edição matutina.

Após a morte do seu fundador, o comando do jornal passou para o então secretário do periódico, Euricles de Matos, e, somente em 1931, o comando foi passado para Roberto Marinho, o filho mais velho de Irineu. Roberto conseguiu transformar *O Globo* no principal jornal da capital carioca, além de ter criado, em 1965, o principal canal de televisão do Brasil, a *Rede Globo*, que faz parte do *Grupo Globo*, que também possui estações de rádio e veículos digitais de comunicação.

O Globo sempre se posicionou como um jornal neoliberal, além de ter como princípio editorial a busca por notícias em todos os lugares da sociedade. Também foi o pioneiro em vários aspectos da imprensa brasileira, sendo o primeiro impresso a utilizar *flash* em máquinas fotográficas, como também a primeira foto colorida em jornais da América do Sul.

Suas edições mostram que *O Globo* também foi sempre muito ativo e presente nas questões políticas do país. Assim como o jornal defendeu a revolução que levou Getúlio Vargas ao poder, o regime militar ou a eleição de Fernando Collor em 1989, *O Globo* lutou igualmente para o fim do Estado Novo e contra a volta democrática de Getúlio Vargas. Foi contra o movimento Diretas Já e depois a favor da candidatura presidencial de Tancredo Neves, na volta da democracia e para o *impeachment* de Fernando Collor, em 1992.

Em relação ao Carnaval, como veremos mais atentamente nos subcapítulos seguintes, *O Globo* teve papel de protagonista na popularização do desfile e das escolas de samba. Segundo Cabral (2011), *O Globo* sempre foi um grande divulgador e organizador do evento. O jornal foi importante, também, na divulgação, especificamente, da Estação Primeira de Mangueira, sendo o primeiro jornal a subir o morro para mostrar, em suas páginas, como uma escola de samba funcionava no início dos anos 1930.

Atualmente *O Globo* circula de segunda a domingo com 1.194.000 de leitores, com predominância da classe B do Brasil, das pessoas com mais de 60 anos e de pessoas com ensino superior, segundo dados do site *Infoglobo* de 2018. (O GLOBO, 2018)

3.2 A origem das escolas de samba e sua relação com a mídia

Segundo Cabral (2011), as escolas de samba surgem a partir da criação dos Cordões, antiga forma das camadas mais pobres e, principalmente, dos negros, festejarem o Carnaval na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XIX. As camadas mais ricas da cidade já faziam carnaval com suas sociedades carnavalescas, que eram clubes que organizavam festas ao estilo das europeias, principalmente, através de seus bailes de máscara.

Foi dessa criação que, em forma de grupo, a população começou a *brincar* o Carnaval. Os cordões eram o que se chamavam os agrupamentos que saíam fantasiados durante o carnaval. Eles dançavam e cantavam músicas de origem africana e tinham como característica festejar com instrumentos de percussão, cantando marchas lentas e ritmadas.

É importante entender que os festejos carnavalescos feitos com música africana se iniciam com a chegada de negros vindos de revoltas em Salvador, na

Bahia, que vieram para o Rio de Janeiro para a vida de pessoas, agora, livres. Elas tiveram seu começo nas casas religiosas de matrizes africanas fundadas recentemente na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, conforme o dossiê *Matrizes do samba do Rio de Janeiro: Partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2014).

Já no final do século XIX, os cordões deram origem aos ranchos, um novo tipo de grupo que festejava o Carnaval, que também se formou através dos cidadãos mais pobres. Com suas inovações, como o porta-estandarte e mestre-sala, os ranchos, em pouco tempo, já tinham a preferência popular no Carnaval, tendo a Praça Onze como o reduto de carnaval do povo.

É importante dizer que os ranchos e cordões, festejados, principalmente, por negros, eram vistos com muita desconfiança e repressão das autoridades oficiais. Os agrupamentos dessas pessoas durante o Carnaval, que eram realizados no Largo de São Domingos e na Praça Onze, eram sempre vigiados e repreendidos de forma ostensiva pela força policial da cidade. Além disso, os ranchos e cordões nunca tiveram apoio algum da imprensa carioca naquele momento. (IPHAN, 2014).

Os ranchos e cordões começam a perder a preferência do povo para festejar o Carnaval com o surgimento do samba. O samba carioca, nascido no Morro da Conceição, também tem origem nos terreiros de religiões africanas existentes na cidade no início do século XX, sendo uma importante manifestação de arte e cultura dos negros que acabavam de deixar de serem escravizados no Brasil. É somente a partir do lançamento e do sucesso de *Pelo Telefone*, o primeiro samba gravado do Brasil, que o gênero começou a se tornar o estilo musical mais popular do Carnaval carioca. O novo gênero substituiu o maxixe e as marchas dos ranchos e cordões nas comemorações. (CABRAL, 2011; IPHAN; 2014)

Com a ascensão do novo gênero, os sambistas da cidade desejavam, também, incluir o samba nos festejos de Carnaval. Assim, surgem, no final dos anos 1920, com o intuito de tocar samba, exclusivamente, blocos carnavalescos denominados de Escolas de Samba, conforme IPHAN (2014).

As escolas de samba, segundo Cabral (2011), começam a tomar forma em 1928, com a fundação da Escola de Samba *Deixa Falar*, do bairro Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro. Ganhou esse nome porque foi “fundado pelos sambistas considerados professores do novo tipo de samba” (CABRAL, 2011, p. 64), além de seus criadores frequentarem e morarem nas proximidades da Escola Normal

instalada no Largo do Estácio. Como diz Cabral (2011, p. 64), “esta formava professores para a rede escolar; o *Deixa Falar*, também escola, formava professores de samba”.

A *Deixa Falar* e seus fundadores também tiveram papel essencial na consolidação do samba como gênero musical e artístico, muito em conta por sua penetração nos discos e no rádio. Mas, apesar de ter sido a pioneira, a *Deixa Falar* nunca desfilou como escola de samba, apenas como Rancho, já que os ranchos foram os líderes em popularidade carnavalesca até os anos 40, mesmo com o surgimento das escolas e seu desfile. Mesmo assim, a comunidade do samba nunca negou a importância e pioneirismo da *Deixa Falar* como a primeira escola de samba da história.

A pioneira escola, mesmo tendo grande influência no modo de como se fazer samba, obviamente não foi criadora do gênero. O Morro da Mangueira, por exemplo, já era conhecido, em 1926, como local de grandes sambistas, quando foi apresentado para a comunidade do morro por Elói Antero Dias, o Mano Elói.

Festejar o Carnaval com samba não demoraria muito para acontecer no Morro da Mangueira. Segundo Fernandes (2001), em 1927, foi criado o *Bloco dos Arengueiros*, fundado pela juventude rebelde da comunidade, que mais tarde se tornaria a escola Estação Primeira de Mangueira, assunto que será tratado com maior atenção no capítulo seguinte, sobre a história de Mangueira.

Em 1932, o então jornalista Mário Filho, fundador do jornal *Mundo Sportivo*, criou o desfile das escolas de samba. O desfile foi criado e organizado pelo *Mundo Sportivo* para suprir a necessidade de notícias e pelo apelo do público no período sem futebol na cidade. Ele foi realizado na Praça Onze, local popular, até então, de blocos, cordões e ranchos festejarem o Carnaval, que era rodeado pelos bairros mais pobres da cidade. O desfile contou com a participação de 19 escolas, que competiram para saber quem apresentava o melhor samba, com cada escola podendo cantar até três composições. (CABRAL, 2011; IPHAN, 2014)

A competição, que terminou com a Estação Primeira como campeã, teve grande apoio e divulgação do Jornal *O Globo*, segundo Cabral (2011). O jornal, vendo o grande sucesso que o desfile fez, e com o fim do *Mundo Sportivo*, a partir de 1933, assumiu a organização do evento. Mas, mesmo com o sucesso do primeiro desfile, as escolas de samba ainda estavam atrás dos ranchos e das grandes sociedades em popularidade e em relevância na imprensa carioca.

Apesar disso, as escolas de samba que já começavam a ter bastante atenção do público e da imprensa, passaram a ter, também, ajuda do próprio governo, que incluiu o desfile no calendário oficial do então Distrito Federal, além do apoio financeiro para sua realização que passou a receber a partir de 1935. (CACHAÇA; OLIVEIRA FILHO; SILVA, 1980)

No desfile de 1933, que contou com 35 escolas, conforme Cabral (2011), o carnaval já mostrava como a imprensa estaria completamente ligada ao desfile. O jornal *Correio da Manhã*, além de cobrir o evento organizado por *O Globo*, tentou realizar, na quinta-feira antes do Carnaval, um desfile com as escolas de samba também, mas que acabou não acontecendo. Isso já mostrava a importância que a imprensa já via e continuaria vendo no evento ao longo dos anos. É importante dizer que, nesse momento, as escolas de samba focavam inteiramente na criação de músicas e danças. Era uma clara diferença entre os ranchos e as grandes sociedades, que se preocupavam com a produção de carros alegóricos e grandes fantasias.

Ainda em 1934, outros dois jornais tentaram promover desfiles com as escolas de samba como protagonistas dos eventos. O jornal *O País* antecipou o Carnaval para 20 de janeiro e organizou um desfile no Campo de Santana, mas, dessa vez, em homenagem ao prefeito do Rio de Janeiro. No domingo de Carnaval, o jornal *A Hora* realizou um desfile que seria decidido por voto popular, no Estádio Brasil. Porém, o acontecimento mais marcante de 1934 para o Carnaval das escolas de samba foi a criação da União das Escolas de Samba, que passou a organizar os eventos de carnaval e a comunicação direta das escolas com o governo.

No ano de 1935, já com a atuação da União das Escolas de Samba e suas 25 escolas associadas, o carnaval teria mais uma mudança na sua organização. Como de costume, a imprensa estava ligada e o desfile foi promovido, dessa vez, pelo jornal *A Nação*. No regulamento da competição, dois fatos são interessantes quando olhamos com a visão dos tempos atuais. As escolas tinham um limite de 15 minutos para desfilar e era proibido o uso de carros alegóricos e estandartes, ainda com a tentativa de diferenciar as escolas dos ranchos e grandes sociedades.

Mas a relação da imprensa com o carnaval não se resumiria apenas em promover o desfile. Nos anos de 1935 e 1936, eles iniciaram uma prática que perdura até hoje: os concursos e premiações para além do desfile. Em 1935, o jornal *A nação* promoveu o concurso que escolheria o melhor compositor de samba das

escolas, que teve Paulo da Portela, grande nome da história das escolas de samba, como campeão. Já em 1936, o jornal *A Rua* realizou o concurso para saber quem seria o *cidadão samba*, que, nesse caso, teve como ganhador Mano Elói.

No seu início, os desfiles de escola de samba ainda eram muito focados nas músicas. As fantasias, por exemplo, tinham pouca relação com o enredo. Como exemplifica Cabral (2011, p.261), não importava o teor do enredo, sempre teriam fantasias com “as cabeleiras brancas de algodão e as fantasias de nobres dos tempos imperiais”. Somente em 1939, com a Portela, uma escola teve seu desfile inteiramente em relação com seu enredo.

É importante dizer que, entre 1939 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, a imprensa tirou muito sua atenção dos desfiles de carnaval. O apelo voltou, obviamente, com o fim da guerra em 1946. Só nesse ano, o Carnaval, a imprensa e a política voltariam a se relacionar no mundo das escolas de samba. Nesse ano, a União das Escolas de Samba e o Partido Comunista se uniram para promoverem, juntos, o carnaval. O jornal *Tribuna Popular*, pertencente ao Partido Comunista, ficaria encarregado de cobrir e promover o desfile e o prêmio de *Cidadão Samba*. Primeiramente, foi realizado um desfile antes do Carnaval, em novembro de 1949, em homenagem a Luís Carlos Prestes, mais importante nome do Partido Comunista no Brasil. O *Tribuna Popular* ainda iria promover o Carnaval de 1947.

Para combater o Partido Comunista, o governo federal, através do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) da polícia do Rio de Janeiro, fundou a Federação Brasileira das Escolas de Samba. Para combater o *Tribuna Popular*, o jornal *A Manhã*, que pertencia ao governo federal, passou a dar grande atenção e espaço para novas escolas que não estavam, ainda, entre as grandes e reconhecidas da época. O governo federal conseguiria, já em 1948, a extinção do jornal *Tribuna Popular* e da União das Escolas de Samba, criando a Federação Brasileira das Escolas de Samba como único órgão responsável pelas instituições de samba na cidade.

No final dos anos 1950 e início dos anos 1960, segundo Bezerra (2016), a imprensa ainda teria grande influência no local do desfile, juntamente com os desejos do mercado. Após a ida do desfile da Praça Onze para a Avenida Rio Branco, em 1963, o carnaval das escolas de samba se transferiu para a Avenida

Presidente Vargas, pois, nela, foi possível a instalação de arquibancadas para o público amante da festa.

3.3 O carnavalesco, a chegada da televisão e o sambódromo

Para se compreender o surgimento da figura do carnavalesco e sua importância para a festa, é preciso entender que esse cargo só foi possível de existir após o sucesso do desfile de 1939, da Portela, mencionado no subcapítulo anterior, conforme Simas e Fabato (2015). Até então, os desfiles das escolas de samba tinham pouca ou nenhuma relação com o enredo, como era possível ver pelas fantasias e alegorias. Somente com o enredo *Teste ao Samba*, da Portela, idealizado por Paulo da Portela, lenda dos carnavais cariocas, o desfile passou a ser fiel visual e musicalmente ao enredo.

Além disso, conforme IPHAN (2014), mais um exemplo de como os sambas e o desfile pouco tinham a ver com o enredo é que, nos longos primeiros anos das escolas de samba, as letras dos sambas-enredos eram divididos em duas partes, sendo que a segunda era totalmente improvisada e feita no Dia de Carnaval, salvo algumas exceções, como o enredo de 1936, da Estação Primeira de Mangueira, *Não quero mais amar ninguém*. É somente em 1946 que versos improvisados são proibidos no desfile de carnaval. Com essa nova regra e na tentativa, também, de penetrar nos estratos mais altos da sociedade carioca e brasileira, a partir dos anos 1950, as composições dos sambas-enredos passaram a ser mais rebuscadas e escritas previamente.

Esses momentos seriam muito importantes para a consolidação da posição de carnavalesco, mas é somente no ano de 1960, com a chegada de Fernando Pamplona na Salgueiro, que as escolas de samba passam a dar mais importância às narrativas existentes no desfile e no enredo, conforme Cabral (2011). Naquele ano, com sugestão de Pamplona, a Salgueiro apresentou o enredo em homenagem a Zumbi dos Palmares.

A chegada de Pamplona, que era professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, também iniciou a entrada de profissionais das artes plásticas no carnaval, prática comum até os dias de hoje. Além disso, iniciou a maior participação de pessoas da sociedade, de fora dos morros e das escolas, trabalhando nas construções dos desfiles, conforme IPHAN (2014). A entrada de artistas

profissionais também foi responsável, conforme Montes (2016), por levar uma visão mais teatral ao desfile, fazendo com que os desfiles fossem mais coreografados e dramatizados. O que acarretou, também, na mudança do uso do próprio corpo nos desfiles, que eram, antes, mais livres e, agora, mais duros e ensaiados.

Foi também nos anos 1960, segundo Cabral (2011), com a maior atenção às fantasias e alegorias que os carnavalescos passaram a colocar nos desfiles, que a televisão passou a transmitir o Carnaval. As transmissões eram feitas pelas *TV Tupi* e *TV Rio*, pois, naquele momento, o desfile das escolas já era o evento mais popular e importante da cidade do Rio de Janeiro no período do Carnaval.

É a partir dessa década que a imprensa, conforme Bezerra (2016), começa a dar mais prioridade às fantasias e ao luxo dos desfiles em suas matérias, em comparação ao samba, por exemplo. Além de iniciar-se nesse momento o uso de termos como espetáculo, espetacular e *show*, por parte da imprensa, para explicar o carnaval e a produção de mais matérias que contavam sobre o funcionamento e a importância que cada sujeito para a realização de um desfile por uma escola. Segundo IPHAN (2014), essa grande atenção da mídia trouxe ainda mais atenção do mercado e do próprio estado. Com o aumento da popularidade das escolas de samba e o impacto delas na economia da cidade, a data atraiu a atenção do mercado e do estado, que passaram apoiar financeiramente o desfile.

Para Cardoso (2008), é nesse momento que as escolas de samba passam a ser transformadas pela midiaticização. Na tentativa de se adequarem às exigências da imprensa e, assim, poderem ter sua agremiação divulgada nos meios de comunicação, as escolas de samba começam a priorizar temáticas e formas de se fazer um desfile para que a sua apresentação seja divulgada e tenha visibilidade para um maior número de pessoas. Gradualmente, a maneira como as escolas de samba desfilava seria construída através de um acordo de exigências entre a imprensa e as escolas.

Com a chegada da televisão, o jornal *O Globo* voltou a praticar a entrega dos prêmios do desfile às escolas de samba, feito pela LIESA, conforme o site *Memória O Globo* (ESTANDARTE..., 2020?). Para isso, foi criado, em 1972, o prêmio *Estandarte de Ouro*, que premiava os melhores das escolas de samba do ano, ficando conhecido como o Oscar do Samba.

Também nos anos 1970, segundo Cabral (2011), o cargo de carnavalesco tomava proporções de extrema importância no desfile, com o surgimento de

Joãozinho Trinta, que foi um dos maiores nomes da história do Carnaval. Joãozinho foi responsável por inovações nas alegorias e nas fantasias que influenciaram os carnavalescos contemporâneos.

Com o crescimento da popularidade do desfile das escolas de samba e os problemas de logística que a cidade enfrentava para a preparação do evento e depois dele, em 1983, teve início o plano para levar o desfile para outro local. Então, em 11 de setembro de 1983, o governador do estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, apresentou o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, denominado como Passarela do Samba, para ser executado na rua Marquês de Sapucaí. O projeto teria como objetivo aproximar do desfile o povo mais pobre da cidade.

Segundo Soares (2005), Brizola reconhecia o grande risco de atenção e repercussão que aquele enorme projeto causaria na opinião pública. Mas também entendia ser necessário a criação de um teatro definitivo para as escolas de samba. Por isso o estado enxergava a possibilidade do projeto com grande entusiasmo, diferentes de parte da população do Rio de Janeiro que entendia seria difícil finalizar o projeto para o carnaval do ano seguinte, como prometido pela prefeitura e pelo motivo de o espaço transformar o carnaval de festa popular em um espetáculo exacerbado. Os carnavalescos e os componentes das escolas também se posicionaram contra, pois diziam não terem sido ouvidos pra a idealização do projeto da Passarela do Samba.

Mas o sambódromo, como ficou conhecido popularmente pelos amantes de samba e do desfile, Segundo Cabral (2011), acabou sendo inaugurado logo no Carnaval de 1984, poucos meses após o início do projeto, tendo um sucesso que continua até os dias atuais.

O desfile, que teve a Mangueira como campeã, causou outra grande mudança no evento. Através de enquete pelo jornal *O Globo*, ficou decidido que, a partir daquele ano, o desfile seria realizado em dois dias, com sete escolas se apresentando em cada dia. Naquele mesmo ano também foi criada a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa) que se tornou responsável pela a organização do desfile, da infraestrutura do Sambódromo, regulamentos e venda de ingressos do carnaval, conforme o site da própria Liga (A LIESA..., 2019).

A *TV Manchete*, segundo Cabral (2011), ficou encarregada de fazer a primeira transmissão de carnaval no sambódromo, com uma audiência

surpreendente na época. Tanto que a *TV Globo*, que pertence ao mesmo grupo de comunicação do jornal *O Globo*, vendo o sucesso feito pela *Manchete*, decidiu realizar a transmissão do ano seguinte, prática que iria realizar até os dias de hoje.

Os preços altos e as transmissões da televisão tiveram a função de levar as classes mais ricas para acompanhar o desfile no sambódromo, além da cada vez mais eminente espetacularização do evento. Mesmo assim, as classes mais pobres não se afastaram das escolas e continuam sendo a base que as sustenta. (IPHAN, 2014)

Segundo Montes (2016), o sambódromo também teve papel importante na transformação do desfile das escolas de samba em uma manifestação artística com mais influência teatral e mais jeito e forma de espetáculo, resultando em uma mudança na relação entre público e desfile. Anteriormente, quando o desfile era realizado na Praça Onze, a interação física e direta entre público e escola de samba era muito intensa, já que, não existindo arquibancada, esses dois grupos acabavam se misturando. As arquibancadas do sambódromo tiveram a função de separá-los. A partir disso, os desfiles passaram a ser criados para quem assistia ao Carnaval de longe, seja das altas arquibancadas ou pela televisão, com fantasias e alegorias grandiosas e com uma estética cinematográfica.

Mesmo assim, com uma estética mais teatral e cinematográfica e a priorização de elementos de fantasias e alegorias, o samba nunca foi deixado de lado pelas escolas de samba. Pelo contrário, ainda possui responsabilidades essenciais para o espetáculo.

A propósito do samba, sua participação é mais que mera intervenção. Trata-se de ação constante no e sobre o desfile, sendo repetido cerca de 40 vezes, o que o afirma como uma das bases mais fundamentais do espetáculo, pois confere alma e sustenta toda a massa interativa de desfilantes e elementos visuais no canto e na dança, de modo que qualquer ruído na comunicação entre sua execução e o desfile prejudica a harmonia. (MONTES, 2016, p. 39)

3.4 Enredos críticos e políticos e o protagonismo do negro e do índio no carnaval

Segundo Simas e Fabato (2015), as escolas de samba, no início dos anos 1930, buscavam apresentar desfiles em que, mesmo com as origens africanas do

samba, exaltavam-se personagens e momentos da história oficial do Brasil. Essa prática evoluiu a partir do período de governo do presidente Getúlio Vargas.

Nesse período, o governo federal buscou apagar, da história e do imaginário brasileiro, heranças físicas e culturais da escravidão, além da tentativa de controlar as manifestações artísticas e culturais e esconder os elementos africanos delas. O samba, por ser uma manifestação originária das camadas mais pobres e do povo negro, foi usado nesse sentido. Ele foi uma ferramenta utilizada pelo governo federal para contar e legitimar uma história oficial criada. Sendo assim, personagens como Tiradentes, Duque de Caxias e Dom Pedro, além de passagens como a proclamação da independência ou o descobrimento do Brasil, passaram a ser contadas de maneira épica pelas escolas de samba.

A exclusividade de narrativa nos desfiles das escolas de samba começa a mudar a partir das várias proclamações de independência que têm início em países africanos nos anos 1950 e 1960. As escolas de samba passaram, então, a apresentar mais enredos com temáticas africanas e sobre a história do negro no Brasil.

Raymundo (2013) coloca a chegada do carnavalesco Fernando Pamplona na escola de samba Salgueiro também como um dos fatores para essa mudança nas narrativas e temáticas dos enredos das escolas. O enredo de 1960, de Pamplona pela Salgueiro, *Quilombo dos Palmares*, foi o primeiro enredo a colocar o negro como protagonista da história e dos temas das escolas samba. “A luta do povo negro à escravidão é retratada de forma explícita em ‘Quilombo dos Palmares’. Demonstrando erudição, os compositores comparam Palmares a Tróia. O herói, o ‘protetor’, pela primeira vez não é um homem branco”. (RAYMUNDO, 2013, p. 68)

A Salgueiro continuou com a temática ao longo dos anos 1960. Em 1963, falou sobre Chica da Silva e, em 1964, sobre Chico Rei, dois negros escravizados no Brasil que conseguiram lutar e conquistar sua liberdade. A década dos anos 1960 afirmou essa temática com mais dois enredos: *Casa grande e senzala*, da Unidos da Tijuca, falando sobre as dores do negro escravizado no Brasil e a *História do negro no Brasil*, da Unidos de Lucas.

A transformação do negro de autor a personagens dos enredos das escolas de samba, no início dos anos 60, significou, grosso modo, uma junção de teoria e práxis e também uma interessante novidade estética. em suas histórias de vida, sua tradição oral e a louvação a seus orixás, símbolos e heróis, o negro brasileiro fundou um gênero poético e musical Naif, que

consagraria como uma das mais conhecidas expressões culturais do Brasil. (RAYMUNDO, 2013, p. 71).

A Mangueira, conforme Simas e Fabato (2015), nos anos 1960 também apresentou desfiles dessa narrativa, como *Casa grande e senzala* e *História de um preto velho*, de 1962 e 1964, respectivamente. Mas ressaltam que, tirando o enredo da Salgueiro e de Pamplona, que tratavam diretamente da luta contra a escravidão, a maioria dos enredos abordava a história do negro através do viés da mestiçagem afável e do paternalismo branco.

É importante dizer que o enredo de Fernando Pamplona trouxe protagonismo ao negro, as minorias e suas histórias passaram a ser contadas com contornos épicos. Porém isso não eliminou enredos que contassem sobre a história oficial, mas, certamente, fez com que acabasse o monopólio desse tipo de narrativa nos desfiles.

Outro ponto que, conforme Bora (2013), ajudou a derrubar a exclusividade da história oficial no desfile das escolas de samba foi com a representação mais honesta sobre o povo indígena brasileiro. A representação do povo indígena nos enredos das escolas de samba em seus desfiles começou a aparecer junto com a do povo negro. Apesar de que a representação do índio já estivesse presente no Carnaval com as fantasias e, principalmente, no carnaval de rua, ele só se tornou tema do desfile das escolas de samba nos anos 1960. Foi com os enredos *Aquarela do Brasil*, em 1964, do Império Serrano e *Lendas e Mistérios da Amazônia*, da Portela, em 1970, que o protagonismo do povo indígena passou a figurar como personagem e temática principal em alguns enredos das escolas.

Carnavalescos como Joãozinho Trinta, que colocava os índios como os verdadeiros nobres; Rosa Magalhães, que buscava em seus enredos acabar com os estereótipos dos índios e Fernando Pinto, com o enredo *Tupinópolis*, que, através da representação de uma metrópole indígena pós-moderna, fez uma releitura crítica do processo de exploração que os índios e suas terras passaram, são grandes exemplos de figuras do Carnaval que deram mais espaço ao tema.

3.5 O desfile nos dias atuais

A cobertura hoje em dia está extremamente ligada à transmissão de televisão e, principalmente, com a Rede Globo, do mesmo grupo do jornal, que detém os

direitos de transmissão. A *Rede Globo*, em 2019, teve 15 pontos de média no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) em audiência nas madrugadas dos dias de Carnaval. (CARNAVAL..., 2019)

A *Rede Globo* possui um estúdio no final da avenida, tendo dois apresentadores e comentaristas especializados, dedicados, exclusivamente, para o trabalho, além de repórteres na arquibancada, no início, no final da avenida e nos camarotes que existem ao longo da Sapucaí. (GLOBO..., 2019b) Vale dizer que a *Rede Globo* continuará com os direitos de transmissão do desfile até 2025, contrato do qual cada escola recebe 2 milhões de reais por ano. (GLOBO..., 2019a)

Na atualidade, o Carnaval tomou formas grandiosas, com escolas distribuídas em seis divisões. O grupo especial, o de maior relevância, conta, hoje, com apresentações de 14 agremiações. Cada agremiação pode levar de 2500 a 4000 foliões ao desfile, tendo entre 65 e 85 minutos para cruzar toda a avenida (COMO..., 2019).

Os desfiles também se caracterizam, atualmente, conforme Montes (2016), pela união completa entre várias formas de artes, sendo considerado uma *ópera de rua*, pois une dança, teatro, artes plásticas e música. Assim como a ópera, as alas do desfile são preparadas e ensaiadas de forma separada e são somadas, posteriormente, a um único produto.

As alas dos desfiles, nos últimos anos, em sua maioria, possuem responsáveis próprios e maneiras únicas de desfilar, comprovando, mais uma vez, a pluralidade de formas estéticas e artísticas que, no final, irão produzir um desfile com sentido único, além de sentidos específicos e infinitos, a partir de cada ala, alegoria ou fantasia.

4 MANGUEIRA E O CARNAVAL DE 2019

Este capítulo relembra a história da escola de samba Estação Primeira de Mangueira e a sua construção como instituição artística de grande popularidade e sua relação com a mídia. Além disso, a criação do enredo para 2019 e a trajetória do carnavalesco Leandro Vieira a frente da escola são pontos abordados neste capítulo.

4.1 Estação Primeira de Mangueira

A história da Estação Primeira de Mangueira, conforme Cabral (1998), se inicia, obviamente, após o surgimento do próprio Morro da Mangueira. Até os anos 1889, no Rio de Janeiro, essa região era chamada de Morro dos Telégrafos. A história do Morro começa a mudar com a chegada de uma fábrica de chapéus na região, que ganhou muito reconhecimento após o apelido de “fábrica das Mangueiras”, pois aquela área era uma das principais em produção de mangas na cidade. O nome Mangueira ganhou tanta força que, em 1889, o governo nomeou de Mangueira a estação de trem da região. A partir disso, o Morro, que seria constituído por filhos e netos de escravos, em sua maioria, começou a ser chamado dessa forma.

O samba chegaria ao Morro da Mangueira um pouco antes dos anos 1910, por uma das grandes lendas do samba e do Carnaval carioca: Elói Antero Dias, o Mano Elói. O samba, cantado em partido alto, aconteceu em um dos mais importantes locais de divulgação do samba em Mangueira: a casa de Tia Fé, uma mãe de santo importantíssima para o crescimento do gênero musical na região. Esse gênero começa a ganhar muita popularidade no Morro de Mangueira, após o surgimento da primeira escola de samba, a *Deixa Falar*, no bairro de Estácio de Sá. A partir disso, com a aparição de grandes compositores no Morro, a favela começou a ser conhecida como um reduto de geniais sambistas.

Esses mesmos compositores e sambistas ficaram conhecidos como brigões e sinônimos de confusão pelos moradores da comunidade naquela época. Por conta dessa conduta, esses sambistas eram proibidos de frequentar os blocos carnavalescos do morro. Então, para combater essa proibição, compositores como

Carlos Cachça, Cartola, Zé Espinguela, entre outros, formaram o Bloco dos Arengueiros, em 1927.

Entretanto, com o grande aumento do prestígio das escolas de samba, logo em 1928, os fundadores do Bloco dos Arengueiros decidiram transformá-lo em escola de samba. Sendo assim, foi criado, naquele ano, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, tendo o verde e o rosa como cores oficiais. Segundo IPHAN (2014), é com o surgimento da escola que o Morro da Mangueira, até então uma região de pequenos núcleos separados, ganha um nexo de coletividade entre os moradores do Morro.

Conforme Cartola, o compositor e cofundador da escola, em entrevista ao livro *Fala, Mangueira* (CACHÇA; OLIVEIRA FILHO; SILVA, 1980), o nome e as cores da recém fundada escola foram escolhidos por ele.

Eu resolvi chamar de Estação Primeira, porque era a primeira estação de trem, a partir da Central do Brasil, onde havia samba. As cores verde e rosa foram uma homenagem ao rancho em que meu pai, Sebastião de Oliveira, saía, lá em Laranjeira/s, o Arrepiados. (CACHÇA; FILHO; SILVA, 1980, p. 34)

Logo em seus primeiros anos, a escola do Morro da Mangueira já começou a ganhar muita popularidade entre o povo e a imprensa, para Cabral (1998). Em 1932, no primeiro desfile, após trazer muitas novidades para o carnaval das escolas de samba, como a apresentação de mestre-sala e porta-bandeira e o uso diferenciado do surdo na bateria, a Estação Primeira de Mangueira sagrou-se campeã e trouxe enorme atenção da imprensa sobre a escola.

A relação entre Mangueira e imprensa se fortificou depois do primeiro desfile, em 1933, quando a escola foi a primeira a receber veículos de comunicação, em sua sede, no morro. Receberam representantes dos jornais *O Globo*, *Diário Carioca* e *Avante*, na famosa quadra da escola, no Buraco Quente, Morro da Mangueira. A relação com a mídia deu outro passo quando, em 1935, a Verde e Rosa lançou o jornal *A Voz do Morro*, trazendo notícias e textos sobre o morro e o samba-enredo para o Carnaval.

Outro fato importante na relação da escola com a imprensa aconteceu quando, em 1936, o programa oficial de rádio do governo federal, *A Hora do Brasil*, foi transmitida, diretamente, da quadra de Mangueira para todo o Brasil e para a

Alemanha, numa tentativa do governo brasileiro em se aproximar do governo alemão, comandado por Hitler.

Essa relação com a mídia foi tão forte que até mesmo a construção de uma nova sede para escola foi pensada, também, para fortalecer esse laço. Em 1973, quando a nova quadra foi inaugurada, ela comportava seis cabines exclusivas de rádio e TV e tinha uma área reservada para os veículos impressos. Além disso, conforme Farias (2006), a Mangueira foi pioneira, também, quando, em 1984, contratou uma empresa especializada em *marketing*, para conseguir penetrar na classe média carioca e brasileira e expandir sua popularidade nacional e internacional. O que acabou se realizando com sucesso.

Outro exemplo dessa midiatização da Estação Primeira é a relação de artistas da música com a escola e o Morro, em especial, com o sambista e um dos fundadores da escola, Cartola. Além de ter sido um dos principais compositores de samba-enredo da escola, Cartola conseguia dar visibilidade à Mangueira através da sua música que fazia fora do ambiente de carnaval. Mas essa prática de exaltar a escola e o Morro em canções foi feita, também, por inúmeros outros renomados artistas brasileiros (Paulinho da Viola, Noel Rosa e etc.), que ajudaram a popularizar a escola pela cidade e pelo Brasil, fazendo com que, até hoje, a escola tenha uma legião de fãs pelo país inteiro. (CACHAÇA; OLIVEIRA FILHO; SILVA, 1980)

Além de sua relação com a imprensa e das características inovadoras (a Mangueira também foi a primeira escola a colocar a ala das baianas no desfile de Carnaval), a escola apresenta, historicamente, uma relação com grandes personalidades da sociedade brasileira, construída, principalmente, nos seus desfiles, podemos citar, por exemplo, as homenagens a músicos (Chico Buarque, Maestro Villa-Lobos, Tom Jobin, Dorival Caymmi e Maria Bethânia, por exemplo), escritores (Monteiro Lobato e Carlos Drummond de Andrade) e políticos (Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek). (CABRAL, 1998; MANGUEIRA..., 2018)

4.2 O carnavalesco Leandro Vieira

A história de Leandro Vieira como carnavalesco, segundo o texto no site da *Revista Caju* de Name (2020), se inicia em 2014, quando ele realizou o Carnaval da escola Caprichosos de Pilares, na série A do desfile das escolas de samba. Vieira chega em 2015, à Mangueira para construir o enredo de 2016. Para Chiquinho da

Mangueira, o presidente da escola naquele momento, a contratação de Leandro como carnavalesco da escola foi um ato para renovar os carnavais da Estação Primeira. (O PRÓXIMO..., 2018)

Vieira começou a trabalhar com carnaval, segundo Name e Moutinho (2019) no site da *Revista Caju*, na Portela, onde foi ritmista durante 10 anos. Sempre encantado com a cultura popular que o Carnaval proporciona e por interesses econômicos, resolveu adentrar no mundo dos bastidores do desfile das escolas.

O primeiro enredo de Vieira em Mangueira, *Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá*, que teve a cantora popular como tema principal, foi, para Silva (2016, p.59), “louvação da diversidade religiosa brasileira em tempos de intolerância e fundamentalismo”. Para Silva (2016, p. 59), Leandro Vieira, que acabou ganhando o título do desfile em sua estreia pela Estação Primeira, “criou um enredo simples e facilmente lido por alegorias belas e usadas na proporção adequada para não inviabilizar a comunicação; desenhou fantasias criativas e volumosas sem tirar a liberdade corporal dos desfilantes”.

Nesse primeiro desfile, os carnavais de Leandro e Mangueira já iniciavam uma prática que iria perdurar até o desfile de 2019: outras mídias e veículos divulgavam sua apresentação com a finalidade de manter os desfiles visíveis para o grande público. No caso do desfile de 2016, a apresentação foi divulgada e mantida no imaginário das pessoas através do documentário *O próximo samba* (O PRÓXIMO..., 2018), que mostra os bastidores e o processo de criação do desfile sobre Maria Bethânia

Em 2017, o enredo *Só com ajuda do santo* abordou, segundo a produção *Arte e Patrimônio no Carnaval da Mangueira* em IPHAN (2017), a relação de cumplicidade entre o povo brasileiro com santos e entidades religiosas.

a Mangueira trouxe para a Avenida, no carnaval 2017, uma temática que apela à alma, não só dos mangueirenses ou cariocas, mas de todo o povo brasileiro, ao falar da imensa diversidade de expressões culturais associadas à devoção popular (IPHAN, 2017, p.5)

Nesse enredo, a forma de divulgação para dar mais visibilidade e prestígio para o desfile foi a realização da exposição feita no Centro Cultural do Paço Imperial no Rio de Janeiro, sobre as fantasias e a construção do carnaval de 2017, conforme Bruno (2017) no site *Extra*. Mais uma forma de Leandro Vieira e a Mangueira de manterem seus trabalhos vivos e no pensamento do público.

Em 2017, Leandro Vieira também encontrou outra maneira de conseguir expor mais a sua imagem de carnavalesco quando participou, segundo Costa, Galdo e Rodrigues (2017) do site *Extra*, como comentarista do desfile de Carnaval da série A do Rio de Janeiro, a segunda divisão do carnaval carioca, pela *Rede Globo*.

Em 2018, com o enredo: *Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco, a Mangueira*, segundo Batista (2018, p.310), apresentou um enredo de teor político:

tom da crítica diretamente ao prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que efetivou cortes financeiros de 50% nos subsídios às Escolas de Samba da edição de 2018 do Carnaval carioca. Paralelamente, a agremiação inscreve uma crítica moderada ao modelo da espetacularização em que o Carnaval está inserido, na contemporaneidade

Para Name (2020), os carnavais de Leandro Vieira têm deixado um legado em termos de imagem. As narrativas, as imagens e o conteúdo dos enredos de Vieira têm a característica de continuarem nas lembranças de quem acompanha os desfiles e de que eles sempre possuem um marco visual. Ele tem como atributo marcante dar muito valor às narrativas de cada imagem, fantasia ou alegoria que irá aparecer em seu carnaval, como se cada uma pudesse contar uma história de forma independente. Além disso, em todos os desfiles feitos pelo carnavalesco na Mangueira há, pelo menos, uma imagem-âncora, servindo como um gancho para que seu desfile e enredo continuem tendo repercussão.

Leandro Vieira ainda não consegue enxergar alguma característica marcante e constante em sua carreira como carnavalesco, pois entende que apenas com muitos anos de Carnaval isso possa aparecer, conforme Name e Moutinho (2019). Mas afirma que o papel mais importante do carnavalesco está na escolha da narrativa e do discurso, muito mais relevante do que os aspectos plásticos e estéticos do desfile. Vieira diz que seus enredos estão extremamente ligados à cultura popular e suas próprias experiências. Tudo o que apresenta em seus desfiles ele já viveu ou presenciou. Por isso gosta de ser chamado como antinovidade, pois espera mostrar, nos desfiles, elementos que estejam nas ruas, que acontecem na sociedade.

4.3 Enredo de Mangueira em 2019

Em 2019, segundo o que a sinopse do enredo³ diz, o desfile de Mangueira propõe apresentar outra versão para a história do Brasil, baseando-se nas páginas ausentes da história do país. Vieira explica, na sinopse, que a história é e sempre foi contada pela elite social da sociedade brasileira, que, constantemente, retirou o protagonismo dos verdadeiros autores desta história: o povo brasileiro.

É assim, com a elite possuindo o poder em dar suas próprias versões da história, que fez com que elas ditassem o imaginário e a memória coletiva dos fatos. Isso fez com que, por exemplo, a cultura indígena e do povo negro fosse esquecida e excluída da narrativa do país, principalmente no ensino do Brasil. Na sinopse, a história oficial esconde a importância dessas camadas da sociedade nas transformações sociais ocorridas no país. Por exemplo, na luta pela abolição da escravidão em que a história colocou a princesa Isabel como a heroína, excluindo os negros que realmente lutaram para o fim da escravidão.

Leandro afirma, conforme Name e Moutinho (2019), que o samba conseguiu se complementar com o enredo devido ao entendimento dos compositores do sentido que ele se propunha a passar. Para ele, os compositores entenderam o que queria ser dito com o enredo. Assim, tendo-o como ponto de partida, conseguiu ir além nesse dizer, não apenas transcrevendo o que estava na sua sinopse, prática comum, segundo Leandro Vieira, nos carnavais das escolas de samba.

O enredo de 2019, assim como nos outros de Leandro Vieira pela Mangueira, também tentou usar da prática de divulgar e estender a discussão sobre o desfile através de outras mídias. Dessa vez, houve a tentativa de se realizar uma exposição, com as peças, fantasias e alegorias do desfile, no Museu Histórico Nacional, com a intenção de se debater os assuntos existentes no enredo de 2019. (FINANCIAMENTO...,2019?).

³ A sinopse de um enredo tem a função de apresentar o tema do desfile de carnaval de uma escola de samba para seus componentes e, principalmente, para os compositores que irão escrever a letra do samba-enredo. A sinopse do enredo de Mangueira em 2019 está localizada no Apêndice A deste trabalho.

5 COBERTURA DE O GLOBO NO CARNAVAL DE 2019 DE MANGUEIRA

No capítulo de número cinco é apresentado como foi construída esta análise sobre os sentidos construídos pelo jornal *O Globo* sobre o desfile de Mangueira. Para isso, a pesquisa usa, o paradigma indiciário, que tem como base, segundo Braga (2008), selecionar e organizar indícios, dados singulares de determinado fenômeno ou acontecimento para que, assim, seja possível fazer inferências, explicar e entender esse acontecimento. Conforme Braga (2008, p. 78), a partir da reunião desses dados, o paradigma possibilita chegar “a um conhecimento de ordem superior ao descritivo, levando à percepção de realidades mais complexas sobre o fenômeno singular”. Dessa forma, os indícios podem ser entendidos como pistas que ajudam a explicar e contextualizar determinado fenômeno social.

Os indícios devem ser escolhidos e selecionados a partir de critérios da própria pesquisa. Sendo impossível reunir a totalidade de dados de um fenômeno, a pesquisa deve selecionar os indícios mais significativos para seu estudo, levando em conta três regras para que sejam selecionados aqueles que consigam dar contexto ao acontecimento estudado.

a) o problema da pesquisa – ou seja, o tipo de percepção que buscamos a respeito de nosso caso; b) as estruturas e processos próprios do objeto ou situação – suas “lógicas” de articulação interna, de desenvolvimento, de relações com o contexto; c) o conhecimento disponível sobre o tipo de objeto e sobre os âmbitos em que este se processa – o que envolve principalmente, mas não exclusivamente, o conhecimento teórico. (BRAGA, 2008, p. 79)

Mesmo assim, Braga (2008) ressalta que os indícios não possuem a capacidade de apresentar de maneira direta a realidade capturada individualmente, mas, sim, pela soma de vários deles.

É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente, alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais. (BRAGA, 2008, p.81)

Para esta pesquisa, são selecionados quatro indícios em relação aos sentidos produzidos por *O Globo* sobre o desfile da Estação Primeira de Mangueira, em 2019. O primeiro é a coleta e análise do material produzido por *O Globo* sobre o desfile. O segundo, o cruzamento das publicações do jornal com as postagens de

redes sociais do carnavalesco Leandro Vieira e de Mangureira, para entender o comportamento de *O Globo* com as ações dos dois. O terceiro indício é o levantamento das personagens presentes na apresentação de Mangureira e que são citadas nas matérias em *O Globo*. Já o quarto, e último, indício é o mapeamento dos sentidos construídos pelo jornal sobre o evento.

5.1 A composição da cobertura do jornal *O Globo*

Pensando na escolha das matérias que serão usadas no *corpus* da pesquisa e que serão a principal fonte para a busca dos indícios para a teorização desta pesquisa, conforme Braga (2008), usei os conceitos de sincronicidade e homogeneidade, expostos por Benetti (2016). Sincronicidade representa que as reportagens devem ser recolhidas entre um determinado período. A homogeneidade representa que as matérias escolhidas devem pertencer ao um mesmo meio ou suporte.

Sendo assim, foi feita uma busca no acervo digital do jornal impresso de *O Globo* por matérias relacionadas ao tema da pesquisa, publicadas no período entre junho de 2018, mês do anúncio do enredo da escola, e março de 2019, após o anúncio da vitória de Estação Primeira de Mangureira no Carnaval. Dessa forma, dentro do acervo digital do veículo, primeiramente, foi usada a palavra Mangureira na caixa de busca, delimitando o período entre junho de 2018 a março de 2019, o que rendeu 1424 resultados com esta palavra-chave, em 342 páginas do jornal.

A partir disso, foi feita a seleção das matérias. Usando termos que fizessem relação com o desfile de Mangureira, chegou-se a 32 matérias. Usou-se palavras como *desfile*, *Carnaval*, *samba-enredo*, *Leandro Vieira*, *Marielle Franco*, *escola de samba* para chegar a esse número.

A partir disso, as matérias foram organizadas em uma planilha dividida em 9 itens para melhor identificação e entendimento de onde estavam localizadas no jornal e porque estão disponibilizadas dessa maneira: *data de publicação*, *título*, *linha de apoio*, *resumo do texto*, *autor*, *fontes entrevistadas ou citadas*, *impresso e digital*, *gênero* e *editoria*.

É possível identificar pontos interessantes proporcionados pelo o quadro com as matérias. Das 32 matérias, 16 foram feitas antes do dia do desfile e 16 a partir do desfile. Nelas, é possível perceber que os meses de outubro de 2018, com quatro, e

fevereiro de 2019, com três, foram os com mais matérias relacionadas ao desfile de Mangueira, excluindo o mês de março de 2019 (com 18 matérias), quando ocorreu o desfile e a Mangueira se consagrou campeã.

Pode-se perceber, também, um padrão de onde estão localizadas fisicamente essas matérias no jornal. Das 32, dez estão na editoria *Segundo Caderno*, quatorze na editoria *Rio*, três na editoria *opinião*, duas na *Primeira Página*, uma em *economia*, uma em *País* e uma em *Revista Ela*.

Nota-se que, das 32 matérias, dez estão localizadas em editorias específicas de cultura, como o *Segundo Caderno* e a *Revista Ela*, além de outras oito matérias que estão em editorias que possuem liberdade em abordar assuntos relacionados à arte e cultura como a de *Opinião*. Esses números mostram a importância de se discutir os conceitos sobre jornalismo cultural.

Além disso, é interessante perceber que quatorze matérias estão localizadas na editoria *Rio*, mostrando a importância do Carnaval e das escolas de samba para a cidade, indo além do entendimento do evento apenas como uma manifestação artística. Da mesma forma, isso ressalta a possibilidade dessas manifestações se apresentarem como notícias e reportagens em outras editorias que não são especificamente de cultura, como como as duas matérias que estão na editoria de *Economia* e *País*, indo ao encontro dos conceitos de jornalismo cultural de Cardoso e Golin (2009; 2010).

As matérias foram divididas, também, em *colunas* (com 12 matérias), *reportagens* (com 6 matérias), *notícias* (com 8 matérias), *entrevistas* (com 2 matérias), *capas* (com 2 matérias) e *notas* (com 2 matérias)⁴. Dessas matérias, 22 foram disponibilizadas também no site do jornal, enquanto 12 ficaram somente no impresso.

Observando os títulos e linhas de apoio das matérias, é possível notar que alguns termos são repetem. A palavra *Mangueira* aparece em 14 títulos, sendo a

⁴ Os termos reportagem, notícia, entrevista e nota fazem parte do gênero informativo do jornalismo. A nota é uma descrição reduzida de um acontecimento. A notícia é o relato total de um ocorrido e a reportagem é o relato mais detalhado, feito com maior apuração. Já entrevista se trata de uma conversa em que o jornalista coleta os depoimentos de uma fonte humana para usar como informações. (KOBAYASHI; DIAS, 2017) O termo coluna, nesse caso, conforme Barichello et al. (2019), caracteriza-se pela regularidade na publicação, com estilo de texto mais pessoal e carregado de opinião.

mais lembrada nesse item. Em seguida, é importante citar a repetição do termo *história do Brasil*, com 4 citações, e o nome da vereadora da cidade do Rio de Janeiro assassinada em 2018, e parte do samba-enredo⁵ da escola, *Marielle Franco*, também com três citações.

De todas as matérias selecionadas, os autores com mais textos são o repórter do jornal, *Rafael Galdo*, com 5 matérias e *Marina Caruso*, colunista de *O Globo* com 4 matérias. *Renan Rodrigues* e *Bruno Alfano*, também repórteres da redação do jornal e especialistas no desfile, aparecem em seguida com duas e uma matéria, respectivamente.

Leandro Vieira, carnavalesco de Mangueira em 2019, é usado como fonte sete vezes durante as matérias. Em seguida, em número de aparições como fontes surge *Cacá Nascimento*, cantora de onze anos que participou do clipe oficial do enredo, conforme *Clipe... (2018)*, da comissão de frente da escola e foi tema de duas colunas em *O Globo* nesse período. Além dela, *Evelyn Bastos*, rainha de bateria da escola, aparece duas vezes também.

Em citações, o nome que mais aparece nas publicações do jornal é de *Marielle Franco*, com 17 vezes. Outros nomes que tiveram mais de uma menção ou para as apurações das matérias foram os do presidente *Jair Bolsonaro* (3 vezes) *Chiquinho de Mangueira*, ex-presidente da escola verde e rosa (2 vezes), e *Cacá Nascimento* (2 vezes).

5.2 Acontecimentos e a temporalidade do desfile e do enredo de Mangueira

Usando as postagens dos perfis do Instagram e do Facebook de Mangueira e de seu carnavalesco *Leandro Vieira* (Anexo D), pode-se entender como o jornal *O Globo* se comportou e avaliou as ações da escola e seu carnavalesco, para a construção de suas matérias. O quadro agrupa as postagens que tratam do desfile, como os bastidores da criação do enredo, anúncio da escolha do samba, explicações sobre as fantasias e os personagens que serão lembrados no desfile. Além disso, as próprias publicações do jornal, em ordem cronológica, desde o anúncio até a vitória de Mangueira ser declarada são expostas nesse subcapítulo.

⁵ A letra completa do samba-enredo do desfile de Mangueira em 2019 está localizada no apêndice B deste trabalho.

O motivo desse cruzamento pode ser explicado através do conceito de Golin et al. (2010) de jornalismo cultural. A partir dele, entende-se que, para o andamento do sistema e funcionalidades do campo cultural, os produtores de obras artísticas criam as informações, de forma programada e planejada, que serão noticiadas pela mídia. Dessa maneira, as fontes e a produção de informações delas são de extrema importância para a produção jornalística e para os próprios artistas, na busca de visibilidade e prestígio.

Quadro 1- Cruzamento entre as matérias de *O Globo* e as publicações de redes sociais de Leandro e Mangueira.

Data	Mangueira	Leandro	O Globo
22. 06. 2018	A Mangueira anuncia seu enredo apenas com uma imagem com o título <i>História para ninar gente grande</i> .		O jornal <i>O Globo</i> anuncia o enredo tendo como gancho a sinopse do enredo da escola, em que ela irá apresentar outras versões para fatos e personagens históricos do Brasil.
24. 08. 2018	A Mangueira anuncia o início da primeira eliminatória para a escolha do samba.		<i>O Globo</i> , na coluna de Ancelmo Gois, o enredo que iria sair vencedor já recebe uma nota no jornal, principalmente pela menção à Marielle Franco existente
13. 09. 2018	A Mangueira anuncia o início das eliminatórias finais para a escolha do samba.		
14. 10. 2018	É anunciado o samba vencedor pela Mangueira.	Leandro diz que o samba faz justiça ao enredo.	
15. 10. 2018		Leandro faz postagem com trechos da letra: "na luta é que a gente se encontra, eu quero um país que não tá no retrato, são verde e rosa as multidões".	O jornal <i>O Globo</i> , em uma matéria que fala sobre ato em homenagem à Marielle Franco, cita, no último parágrafo, que a Mangueira escolheu o samba que faz menção à Marielle e sobre a história do Brasil do ponto de vista dos excluídos e menosprezados da sociedade.
16.10. 2018		Leandro posta imagens de algumas fantasias que farão parte do desfile, contando que elas terão estética africanizada.	
17. 10. 2018		Leandro fala sobre as mulheres brasileiras e negras que serão lembradas no desfile, como Esperança Garcia, Zeferina e Adelina Charuteira.	

24. 10. 2018		Leandro faz postagem dizendo que escolas de samba sempre fizeram desfiles que reafirmassem a narrativa oficial e de como a Mangueira irá fazer ao contrário disso.	
26. 10. 2018		É gravado o samba. Leandro posta que o enredo dará outra versão para a história de Tiradentes.	
27. 10. 2018			O <i>Globo</i> faz matéria sobre as fantasias do desfile de Mangueira e de como elas serão feitas a partir das releituras de personagens históricos do Brasil, com explicações de Leandro sobre ela e os personagens. São citados <i>Tiradentes</i> , <i>Dom Pedro</i> , <i>Pedro Álvares Cabral</i> e <i>Marechal Deodoro</i> .
20. 11. 2018	Mangueira diz que a escola irá dar aula na Avenida. Além disso, vai tentar mostrar o povo negro como autor de sua própria história.	Leandro faz postagem sobre o espaço que Chico da Matilde irá ter no desfile. Leandro também anuncia que Leci Brandão irá interpretar Luisa Mahin no desfile, Alcione será Dandara e Nelson Sargento será Zumbi dos Palmares.	
21. 11. 2018			O <i>Globo</i> faz matéria sobre o desfile de Mangueira e como ela irá lembrar "heróis afros do Brasil". Cita Esperança Garcia, Chico da Matilde, Luisa Mahin, Zumbi dos Palmares e Dandara.
25. 01. 2019	Anúncio de que Mônica Benício, viúva de Marielle Franco, participará do desfile.	Anúncio que Mônica Benício, viúva de Marielle Franco, participará do desfile.	
22. 02. 2019	Com frase <i>Índios cariris, presente</i> , Mangueira anuncia que faltam 10 dias para o desfile.		
23. 02. 2019	Com frase <i>Luisa Mahin, presente</i> , Mangueira anuncia que faltam 9 dias para o desfile.		
26. 02. 2019	Com frase <i>Maria Felipa, presente</i> , Mangueira anuncia que faltam 6 dias para o desfile.		
27. 02. 2019	Com frase <i>Sepé de Tiaraju, presente</i> , Mangueira anuncia que faltam 5 dias para o desfile.		
28. 02. 2019	Com frase <i>Chico da Matilde, presente</i> , Mangueira anuncia que faltam 4 dias para o desfile.		

3. 03. 2019			Matéria de <i>O Globo</i> diz que o desfile de Mangueira irá recontar a história do Brasil, lembrando de nomes esquecidos, como Chico da Matilde e Luisa Mahin.
4. 03. 2019	Com frase <i>Mangueira, presente</i> , Mangueira anuncia o dia do desfile.		
5. 03. 2019	Mangueira mostra que conquistou o estandarte de ouro.		
6. 03. 2019	Com foto da bandeira com rosto de Marielle Franco e do Brasil, em verde e rosa, Mangueira comemora o título.		Matéria de <i>O Globo</i> noticia que a Mangueira venceu o Estandarte de ouro.
7. 03. 2019		Leandro diz que o desfile deve ser guardado no lado esquerdo peito.	<i>Com Marielle presente, Mangueira é campeã</i> , diz <i>O Globo</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se notar, a partir do quadro, que há uma coincidência temporal entre os temas das postagens do perfil de Leandro Vieira e de Mangueira e os que estão presentes em algumas das matérias de *O Globo*. Por exemplo, depois do anúncio feito pela Mangueira e por Vieira, sobre o tema do enredo de 2019, *O Globo* fez uma matéria tendo como base a própria sinopse do enredo, já usando um termo que se tornaria corriqueiro para falar do desfile, dizendo que a escola iria levar o *lado B da história do Brasil* para a Avenida. Obviamente, não se pode afirmar que as matérias se basearam exclusivamente nessas postagens para sua produção, mas essas coincidências já podem ser consideradas os indícios para os sentidos produzidos por *O Globo*, conforme Braga (2008).

Interessante também que, após o anúncio de Mangueira sobre o início das eliminatórias para a escolha do samba, em matéria do jornal, já se falava sobre o samba que iria citar Marielle Franco no enredo, o que iria se tornar vencedor dias depois. E após o samba ter sido escolhido, a informação é dada por *O Globo* em matéria que não tinha relação com o Carnaval, mas falava sobre atos em homenagem à Marielle.

Algumas postagens de Leandro Vieira e de Mangueira que tiveram grande semelhança de assunto em relação às matérias de *O Globo* foram as que falaram sobre os personagens da história do Brasil que seriam lembrados e citados no desfile. Primeiramente, o jornal fez uma matéria, a qual teve Vieira como fonte

entrevistada, para explicar como seriam as fantasias e a versão que seria exposta no desfile sobre esses personagens.

Mas, em uma outra matéria, o jornal fala sobre os personagens afros do Brasil, que serão exaltados pela escola. Pode-se analisar que existem coincidências e indícios entre as inúmeras postagens do carnavalesco e do perfil oficial da escola sobre como o desfile iria homenagear e lembrar pessoas negras que lutaram a favor da abolição da escravatura e que, na verdade, são os grandes heróis dessa conquista da sociedade brasileira.

É possível relacionar essas coincidências ao conceito de Molotch e Lester (1999) de que a mídia relata acontecimentos que já foram levados ao público pelas próprias pessoas ou instituições que a realizaram. No caso das matérias de *O Globo* sobre o desfile, existem algumas matérias que noticiam acontecimentos que, muito provavelmente, teriam sido transformados em notícia mesmo sem a divulgação da escola ou de Leandro Vieira pelas redes sociais, como noticiar a sinopse do enredo. Porém, em outras matérias, dá a entender que elas relataram acontecimentos que foram notícia somente por terem sido geradas pela Mangueira e seu carnavalesco, como produzir textos que falem sobre a homenagem a heróis de origem africana presentes na apresentação.

5.3 Os personagens do desfile

O enredo e o desfile de Mangueira, segundo a sinopse do enredo e o livro abre-alas⁶, tem como objetivo fazer uma releitura das personagens históricos da história brasileira e dar mais espaço a personagens que não têm o mesmo prestígio de nomes mais lembrados pelos brasileiros. O quadro abaixo mostra os personagens presentes no desfile de Mangueira e quais deles aparecem, também, na sinopse do enredo, livro abre-alas, samba-enredo e as matérias em *O Globo* antes e depois do desfile, para representar o terceiro indício desse estudo.

⁶ O livro abre-alas é o documento oficial que contém todas as informações do desfile, auxiliando aos juízes no momento de avaliar a apresentação de uma escola. O livro abre-alas de Mangueira pode ser encontrado pelo site da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). Disponível em: <https://liesa.globo.com/2020/por/03-carnaval/abrealas/index.html>

Legenda:

			
	1-2 citações.	3-4 citações.	5-8 citações.
	9 ou mais citações		

Quadro 2- Levantamento dos personagens presentes nos materiais de carnaval e na cobertura de *O Globo*

PERSONAGENS	SINOPSE	SAMBA-ENREDO	O GLOBO ANTES	LIVRO ABRE-ALAS	O GLOBO DEPOIS
Acotirene (mãe e conselheira do Quilombo dos Palmares)					
Adelina Charuteira (escrava maranhense que lutou na campanha abolicionista)					
Aleijadinho (filho de escrava, considerado a maior expressão da arte brasileira)					
Aqaltune (avó de Zumbi dos Palmares e líder do Quilombo dos Palmares)					
Bartolomeu Bueno da Silva (bandeirante expedicionário do século XVII, escravizou e assassinou índios)					
Borba Gato (bandeirante que escravizou indígenas e lutou para o fim dos quilombos)					
Caboclos de julho (grupo de indígenas da Bahia que lutaram pela sua emancipação em 1823)					
Carolina de Jesus (escritora brasileira)					
Cartola (sambista e um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira)					
Chico da Matilde (jangadeiro, o "Dragão do Mar" lutou pela liberdade dos negros no Ceará em 1881)					
Cunhambebe (líder dos índios Tamoios)					
Dandara (liderança feminina no Quilombo dos Palmares)					
Deodoro da Fonseca (primeiro presidente do Brasil)					
Dom João (rei de Portugal e Brasil nos anos 1820)					
Dom Pedro (primeiro imperador do Brasil)					
Dom Pedro II (segundo e último imperador brasileiro)					
Duque de Caxias (general e patrono do exército brasileiro do século XIX)					
Esperança Garcia (escrava piauiense e importante nome da luta pela liberdade dos negros)					
Floriano Peixoto (segundo presidente da história do Brasil)					
Índios Tamoios e Cariris (grupos de índios do nordeste que lutaram contra a colonização portuguesa)					
Jamelão (intérprete principal de Mangueira no século XX)					
José Piolho (fundador e líder do Quilombo do Piolho no século XVIII)					

(GONÇALVES et al, 2018). Obviamente, a bandeira com o rosto de Marielle na última ala do desfile, localizada em um grupo com outras bandeiras que também tinham rostos de personagens negros da apresentação e da bandeira do Brasil em verde e rosa, ajudou no alto crescimento de atenção de *O Globo* em matérias após a apresentação de Mangureira.

É interessante perceber que outros três nomes bastante lembrados antes do desfile são os de Luíza Mahin, Dandara e Zumbi dos Palmares, que assim como Marielle, estão na sinopse, no livro abre-alas e na própria letra do samba-enredo (menos Zumbi). É possível dizer que esses personagens foram citados muitas vezes por terem sido representados no desfile por Leci Brandão, Alcione e Nelson Sargento, grandes nomes do samba e históricos mangueirenses.

O desfile de Mangureira, conforme a sinopse do enredo e o livro abre-alas tem, como um dos pontos principais, dar mais voz, espaço e representatividade ao povo indígena e negro. Mesmo assim, os nomes de indígenas são pouco lembrados nas matérias. Nelas são citados Cunhambebe, duas vezes, e os Caboclos de Julho, uma vez.

No jornal, os personagens que lutaram contra a escravidão e a favor da igualdade racial são colocados na maioria das reportagens e notícias. Ao todo, onze personagens diferentes possuem uma citação ou mais nas matérias do jornal. E diferentemente do caso dos Caboclos de Julho, que foi um grupo de índios que lutou pela independência da Bahia, os negros têm seus nomes escritos nos textos de *O Globo*, como Luis Gama, José Pilho e muitos outros.

Os nomes de personagens históricos também são muito citados nas matérias, já que o desfile também tem o objetivo de desconstruir a importância histórica e social deles. No total, dos nomes presentes na sinopse, no samba-enredo e no livro abre-alas, seis são citados nas matérias de *O Globo*. Os mais lembrados são a princesa Isabel, Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I e II e Tiradentes. É importante entender que, para desconstruir esses personagens, o desfile da Mangureira, por exemplo, retrata Cabral como um estelionatário com roupa de presidiário ou o carro alegórico que possui a princesa Isabel com as mãos cobertas de sangue de negros e pobres. (REDE GLOBO, 2019)

Pode-se recuperar, aqui, conforme os personagens que são citados nas matérias de *O Globo*, o conceito de Gomis (1991) da aparição através da morte como valor-notícia para a produção de uma reportagem. Assim como nas matérias

em *O Globo*, citar e lembrar de personagens que já morreram acontece por conta da importância e relevância do próprio personagem. O valor-notícia tem como característica principal recontar a história de quem morreu, assim como *O Globo* faz quando inclui em suas matérias nomes como o de Dom Pedro, princesa Isabel ou Marielle Franco.

6 OS SENTIDOS DO DESFILE DE MANGUEIRA FEITOS EM O GLOBO

Neste capítulo, serão analisados os sentidos construídos por *O Globo* sobre o desfile de Mangueira em 2019 e o método usado para mapeá-los dentro das matérias feitas pelo jornal. Ao longo do capítulo, serão postos trechos das matérias escolhidas e reunidas para a pesquisa, que estão colocadas em ordem cronológica no Anexo C deste trabalho e dadas por textos **(T)** e sequências discursivas **(SD)**. *Exemplo: T2SD4* significa a quarta sequência discursiva da segunda matéria sobre o desfile escolhida para essa pesquisa.

6.1 O método de análise do discurso

Para a análise dos sentidos construídos em *O Globo*, a pesquisa toma como base Benetti (2016) a partir dos conceitos de análise do discurso de linha francesa com abordagem em mapeamento de sentidos que entende que o discurso possui dois tipos de camadas que deverão ser analisadas, a camada discursiva e a ideológica, para, assim, poder analisar os sentidos expostos. O trabalho usa esse tipo de abordagem porque o jornalismo é um discurso dialógico, opaco e um lugar de circulação e produção de sentidos. (BENETTI, 2008)

Para analisar as matérias e reportagens, primeiramente, é preciso entender o discurso que, para Benetti (2016), é a relação em que um enunciador envia uma mensagem e dá significado ao destinatário, que recebe e dá significado à mensagem.

Pode-se entender que, conforme Benetti (2016), o que será falado ou não no discurso está extremamente relacionado à posição ocupada por quem fala e por quem recebe a mensagem. A posição dos sujeitos do discurso (enunciador, destinatário), além da influência exterior e do contexto social em que os sujeitos vivem, influenciam diretamente na construção dos sentidos pelo enunciador e da interpretação deles pelo destinatário. Além disso, a produção e interpretação de efeitos também são influenciadas por discursos anteriores.

Benetti (2016) irá dizer que, a partir disso, pode-se chegar ao conceito de formações imaginárias, em que o enunciador interpreta a posição social que ocupa e imagina a posição ocupada pelo destinatário e vice-versa. Benetti (2016, p. 238) classifica o discurso como “relações imaginárias entre sujeitos concretos”.

Voltando com o conceito de formações imaginárias expostas por Benetti (2016), é necessário entender que o jornalista, quando produz o discurso jornalístico, está produzindo para dois tipos de destinatários (leitores de jornais, no caso desta pesquisa): o leitor real e leitor imaginário. O real é o sujeito que realmente existe, o que está consumindo a produção jornalística. Já o imaginado é o sujeito para quem o jornalista imagina que está enviando a mensagem, alguém que é criado por suas percepções sobre o tipo de público para quem fala.

A necessidade de se identificar os sujeitos e as posições que eles ocupam para entender os sentidos expostos nas matérias, conforme alega Benetti (2008, p.110), se dá porque “a notícia é um dos eixos norteadores dos “consensos” e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade”. Por isso, os sentidos dentro de um discurso jornalístico não são feitos somente pelo jornalista, mas também pelo leitor. Benetti (2008) irá chamar o jornalismo de algo opaco, ou seja, algo não transparente, que vai partir igualmente do leitor interpretar e dar sentido e significado ao discurso.

Mesmo assim, o dizer do discurso jornalístico, muitas vezes, tem a capacidade de produzir um chamado “efeito de literalidade”. Um efeito que faz com que se tenha a impressão de que o sentido colocado no discurso só tem um tipo de significado e está sendo exposto no discurso. Como se os sentidos não dependessem dos sujeitos para serem criados e compartilhados, eles existiriam por si só.

Esse efeito acontece com o jornalista como Benetti (2016) irá chamar de tipos de esquecimentos, afetando o modo como o sujeito vai produzir os seus sentidos.

No primeiro tipo de esquecimento, o sujeito apaga que não é a origem plena de seu discurso. Cria a ilusão de que é autor original de suas ideias, apagando os processos históricos e os discursos anteriores que retoma em sua fala. No segundo tipo de esquecimento, o sujeito apaga a noção de que seu discurso é resultado da escolha de determinadas estratégias e sua enunciação poderia ser outra se tivesse escolhido dizer aquilo, e não isto. (BENETTI, 2016, p. 239)

Para Benetti (2008), os esquecimentos ajudam no fortalecimento do efeito de literalidade. O efeito aumenta na mesma proporção que a ideologia do sujeito, construída a partir da influência histórica e social que sofre o jornalista.

6.2 A análise dos sentidos

Os 32 textos das matérias reunidas sobre o desfile da Estação Primeira de Mangueira no jornal *O Globo* foram divididos em 218 sequências discursivas, que são as sequências textuais que dão os sentidos expostos pelas matérias através de frases ou termos. Após isso, as sequências com sentidos e significados semelhantes nos seus textos foram agrupadas em formações discursivas. Ao total, foram feitas 11 formações que agrupam várias sequências de mesmo sentido.

Este subcapítulo expõe os sentidos feitos por *O Globo* sobre o desfile através das formações criadas e citadas acima.

6.2.1 Outra versão da história

As sequências discursivas desse ponto apontam que o jornal *O Globo* construiu o sentido de que o desfile, de uma forma contestadora, apresenta outra versão para a história do Brasil. O desfile tenta, conforme os sentidos produzidos pelo jornal, fazer uma releitura de fatos e personagens históricos, apresentando a *verdadeira história* deles. Além disso, o desfile conseguiu dar espaço e voz para os verdadeiros heróis populares, que estão esquecidos e não são reconhecidos pelo povo brasileiro, recontando suas vidas.

Em muitas das sequências discursivas desta seção, o desfile também é classificado como uma aula sobre o “lado B” da história brasileira, a que a Mangueira exalta e entende como a mais importante da história do país.

Samba-enredo que certamente **ficará na história**, a mesma que ela se propõe a **corrigir**. **T26SD3**

Neste exemplo de uma das colunas de opinião de *O Globo*, pode-se perceber como o jornal produz o sentido de que, mais que apresentar outra versão para a história, o enredo tenta apresentar a versão correta. A palavra *corrigir* usada no texto consegue passar esse sentido, de que a narrativa de Mangueira sobre o Brasil é a mais fiel aos fatos.

Desta vez, Vieira lança um **olhar crítico** para a História do Brasil ensinada nos livros escolares. **T6SD3**

Partindo desses primeiros exemplos, consegue-se identificar o acontecimento jornalístico presente nas matérias sobre o desfile. Pode-se perceber que, para *O Globo*, o que causou ruptura na normalidade, que é o princípio para um acontecimento se tornar notícia pelo jornalismo, conforme Berger e Tavares (2010), foi o discurso e a ideologia do desfile de Mangueira. A ruptura é identificada na maneira como a escola tenta criticar e contestar uma narrativa para a história do Brasil.

Nesses trechos, pode-se notar, também, como os textos vêm carregados de opinião e análise sobre o desfile, classificando a apresentação de Mangueira como *crítica, contestadora* ou *inovadora*. Partindo disso, e entendendo que a maioria das matérias estão em seções de cultura do jornal, pode-se relacionar esse tipo de texto como o conceito de Cardoso e Golin (2010) e Gadini (2006), os quais apontam que o jornalismo cultural possui um texto mais interpretativo, bem-humorado e metafórico, por exemplo, com a frase *lança um olhar crítico*.

Carnavalesco da escola há quatro anos, Leandro Vieira vai **fazer do desfile uma aula**, jogando luz sobre heróis populares. **T5SD5**

Depois de criticar Crivella, a Mangueira **faz do enredo uma aula de história**. **T5SD23**

Nesses dois trechos da introdução para uma entrevista como o carnavalesco de Mangueira, já é possível enxergar que o jornal tende a destacar a posição da escola e a versão da história que ela apresenta. Usar o termo *fazer do desfile uma aula* passa o sentido de que a escola domina o assunto e tem a capacidade de ensiná-lo a outros, da mesma maneira que um professor de escola ensina a seus alunos, pois, em teoria, aquele possui mais conhecimento do que os que ele ensina.

A maioria das matérias estão localizadas nas seções de cultura, sendo assim, é possível relacionar esses exemplos com o conceito de Gadini (2006) sobre jornalismo cultural. Gadini (2006) explica que os textos de jornalismo cultural são mais interpretativos, com mais opiniões incluídas e usam bastantes metáforas para a construção de sentidos, como é possível ver quando as reportagens dizem que o desfile seria uma aula.

A verde e rosa pretende **contestar as versões** de alguns feitos ensinados nas escolas. **T16SD4**

No desfile de Mangueira, **personagens da história oficial**, como Dom Pedro I e Princesa Isabel, terão a estética da **caricatura**. **T16SD2**

Abaixo, veja em primeira mão os protótipos **das versões desconstruídas** que vão passar pela avenida, com as definições do próprio carnavalesco. **T6SD4**

Nesses três trechos de notícias, os repórteres usam termos como *contestar* e *desconstruídas* para produzir um sentido de que o desfile tenta retirar a importância dada a personagens que, no discurso da escola, não teriam o direito de receber, e que nunca foi contada a história completa sobre eles e seus atos.

Já o uso das palavras *caricato* ou *caricatura* mostra que a narrativa de Mangueira será contada de maneira divertida e bem-humorada, pelo menos no caso desses personagens. Uma forma de apresentar um discurso que já é característico do Carnaval e do desfile.

O enredo da escola para 2019 – "história para ninar gente grande" – vai contar na avenida **o lado B da história brasileira**. **T7SD3**

Mangueira levará para a Avenida **personagens do lado B da história brasileira**. **T8SD2**

O termo *lado B da história*, nos trechos dessas duas notícias, não produz um sentido de diminuição da importância do discurso, das personagens e fatos que a *Mangueira* apresenta em seu desfile. Mas, sim, de que os assuntos expostos pela escola sempre foram colocados em segundo plano pela sociedade brasileira e de que são constantemente postos como algo de menor relevância. Além disso, mais uma vez podemos perceber o uso de metáfora nos textos, baseado no conceito de jornalismo cultural de Gadini (2006).

6.2.2 Protagonismo de Marielle Franco

Nesse ponto, as formações discursivas mostram que *O Globo* construiu sentidos de que o desfile teve como objetivo, que foi concluído com sucesso, homenagear os personagens citados anteriormente. Aqui, a personagem mais citada com termos como *homenageada*, *celebrada* e *reverenciada* foi Marielle Franco. Para os sentidos presentes nos textos, a inclusão de Marielle Franco na letra do enredo e no desfile teve a intenção de homenagear a história de sua vida, principalmente por sua relevância na política.

A forma da homenagem à Marielle Franco foi colocada como uma surpresa antes mesmo do desfile acontecer e já colocava este como um ato que iria emocionar. Isso foi confirmado pelo jornal após o desfile, enfatizando que a homenagem comoveu e emocionou o público.

Também é considerada como homenagem à inclusão de personagens *esquecidos* de nossa história, mas sem exemplificar quem são eles.

Dos tempos modernos, a Mangueira vai **homenagear** a vereadora Marielle Franco. **T7SD5**

Na quadra, durante as disputas do samba, uma composição chamava a atenção pela bela melodia e pelos versos que incluíam **um tributo** a Marielle Franco. **T24SD8**

Carnavalesco badalado que criou o enredo que **celebrará** Marielle – e que entenda apostando na alienação. **T13SD7**

[...] levar para a Sapucaí enredo em **homenagem aos heróis menosprezados pela história convencional**. **T23SD3**

Estes exemplos de três notícias e uma coluna de opinião deixam mais clara a forma de como, quando os textos usam o termo *homenagem* ou outros com significados parecidos, o nome de Marielle Franco aparece na maioria dos textos. Poucas vezes, como no último trecho, o desfile é colocado como uma homenagem a todos os personagens *menosprezados* da história.

Pode-se observar que houve uma preparação para os leitores feita pelo jornal sobre os temas que seriam abordados pela Mangueira no desfile, tirando bastante do inesperado sobre a apresentação da escola para o dia do carnaval.

Pode-se associar isso ao que Berger e Tavares (2010) vão dizer sobre acontecimentos jornalísticos. Conforme Berger e Tavares (2010), os acontecimentos podem ser divididos em acontecimentos previstos e imprevistos. O acontecimento jornalístico de *O Globo* sobre essas homenagens, e o próprio desfile, podem ser considerados acontecimentos previstos, pois nos previstos a relevância não está relacionada ao inesperado ou acidental. Podendo ser, mais especificamente, classificado como um acontecimento previsto programado, que é o acontecimento anunciado com antecedência.

Se ainda ronda no barracão mangueirense o **mistério sobre uma homenagem** à Marielle Franco. **T8SD8**

Um momento aguardado é como a escola fará **referência** a Marielle Franco, morta ano passado e citada no samba.". **T16SD7**

Para emocionar. Ensaio técnico de Mangueira, que guarda um segredo a sete chaves para o desfile deste ano. Uma misteriosa homenagem para Marielle Franco. **T15SD2**

Nos três trechos de notícias acima, *O Globo* já começava, antes do desfile, a produzir o sentido de como seria e quais reações a homenagem à Marielle iria causar no público. *O Globo* mostra como a *Mangueira* conseguiu *esconder* até o último momento como seria a homenagem feita a Marielle Franco, o que, certamente, trouxe mais atenção para a *surpresa* da escola.

Pode-se relacionar esses trechos a uma das funções que Cavalcanti (2020) designa ao jornalismo cultural: mediador de experiências. A mediação do jornalismo cultural, para Cavalcanti (2020), tem o propósito de fugir do ato de simplesmente transmitir objetivamente uma informação. O jornalismo cultural, segundo Cavalcanti (2020), tem o hábito de trazer mais atenção a outros aspectos do acontecimento e um olhar diferente do que seria no jornalismo mais convencional, dessa vez, tendo um texto mais opinativo e analítico.

Nos trechos das matérias acima, *O Globo* se preocupa em ir além de noticiar apenas que a Mangueira irá desfilar com esse tipo de enredo. Aqui, o jornal dá muita atenção a um momento específico do desfile: a homenagem à Marielle, que, talvez, só fosse ser identificado e visto no Dia de Carnaval. Dessa maneira, as matérias estão trabalhando como uma preparação para quem irá assistir ao desfile da escola.

Para trazer essa atenção para esse aspecto do desfile, os textos são mais opinativos. Usando termos como *mistério* ou *momento aguardado*, as matérias analisam e dão opinião sobre a homenagem, fazendo com que seja algo a ser observado de maneira mais incisiva pelo espectador do desfile.

até o desembarque na Avenida de seu carnaval empolgante e crítico, que levantou a arquibancada da Sapucaí ao homenagear a vereadora Marielle Franco, **assassinada** em 14 de março do ano passado. **T17SD12**

[...]citar "Marias e Marielles" (referindo-se à **vereadora assinada** Marielle Franco **T9SD4**

A lembrança da posição na sociedade que Marielle Franco ocupava, e sua morte, são, muitas vezes, lembradas nas duas notícias acima, de *O Globo*, para justificar, também, a relevância de se fazer essa homenagem.

Mas é possível, igualmente, relacionar esses trechos ao conceito de Gomis (1991) sobre ruptura da normalidade a partir de uma aparição, que é o comentário, o discurso ou a atitude de uma pessoa conhecida transformada em notícia por ela, simplesmente. Porém, esse tipo de ruptura pode ser identificado, também na morte, pois a vida e os feitos da personagem falecida são recontados, nesse tipo de matéria, como se ela ainda estivesse viva; assim como nos trechos que lembram o cargo político que Marielle ocupava.

Agora com 20 títulos, **a verde e rosa levou à Avenida uma bandeira com o rosto da vereadora Marielle Franco**, assassinada há quase um ano. Ela foi homenageada também na letra do samba-enredo e na comissão de frente. **T24SD2**

Na comissão de frente da verde e rosa, a menina Cacá Nascimento, de 12 anos, abria uma faixa com a palavra "**presente**" durante a coreografia. **T21SD8**

Ao ser cantado na Avenida **em meio a bandeiras com a imagem de Marielle**, causou comoção na pista e na plateia. **T21SD5**

Apesar do jornal ter conhecimento de que seria feita a homenagem, a forma como ela seria realizada foi rodeada de mistérios e suposições antes do desfile, como se vê nos trechos de notícia acima. Pode-se chamar esse ponto das notícias, conforme Berger e Tavares (2010), de acontecimentos imprevistos, ou seja, aqueles que possuem sua relevância e ponto de maior atenção no imprevisível e inesperado.

O *Globo* constrói o sentido de que a homenagem surpreendente e a bandeira com o rosto de Marielle presente na última ala do desfile foi o ponto mais inesperado, emotivo e causador de comoção da apresentação. Fazendo com que esse momento possa ser o que Berger e Tavares (2010) irão chamar de acontecimento imprevisto cênico, os que alcançam a atenção do público através de dramaticidade.

A surpresa na homenagem à Marielle também se encaixa no conceito da ruptura de explosão, de Gomis (1991), que é quando algo acontece de forma inesperada e gera muita repercussão no público.

Na madrugada de ontem, enquanto a vereadora era **homenageada de forma emocionante** por uma escola de samba do Rio de Janeiro os deputados que posaram sorrindo com a placa de Marielle quebrada – quebrada propositalmente por eles - passeavam tranquilamente na Marquês de Sapucaí com seus crachás de homens do poder. **T18SD6**

Antônia Pellegrino e Marcelo Freixo, amigo e companheiro de trabalho de Marielle Franco, homenageada da verde e rosa, vestiam camisa da diretoria. "Foi uma **bela homenagem** não só à Marielle, mas à história que não se conta, e a gente não pode apagar". **T20SD4**

Homenagem à vereadora em Mangueira **comoveu** o público. **T21SD2**

A homenagem teve, segundo os sentidos feitos por *O Globo*, nas duas colunas e notícia acima, uma ótima aceitação do público. Para o jornal, a homenagem conseguiu comover e emocionar quem assistiu ao desfile.

É possível relacionar essas reações do público ao conceito de deslocamento de Gomis (1991), que é a ação significativa de um grupo após um acontecimento que causou muita repercussão.

6.2.3 A representatividade do povo negro

As formações deste ponto citam quais as personagens fazem parte e são lembradas no desfile da escola por *O Globo*. O jornal dá os nomes dos *heróis esquecidos*, que é como o enredo de Mangueira define essas pessoas. Dessa maneira, as personagens que tiveram mais importância e que não recebem suas devidas lembranças pela história oficial também foram lembradas pelas matérias de *O Globo*.

Os textos se comprometem, além de colocar o nome dessas pessoas, como Chico da Matilde, Dandara e Zumbi dos Palmares, a contar suas histórias, a importância e o motivo de terem sido incluídas no desfile.

Os nomes mais citados são os de negros e negras que lutaram e tiveram participação ativa na luta a favor da abolição da escravatura no Brasil, como os escravos e quilombolas que lutaram a favor da liberdade de seu povo. Além disso, os líderes indígenas que lutaram contra a ocupação portuguesa no Brasil também são lembrados pela Mangueira.

Quando a Mangueira surgir na Avenida no Carnaval do ano que vem, o público verá Nelson Sargento encarnando **Zumbi dos Palmares**, Leci Brandão na pele da líder negra **Luíza Mahin** e Alcione como **Dandara**, a mulher de Zumbi. **T5SD4**

não há dúvidas quanto ao espaço reservado a **Chico da Matilde**, que, na visão de Leandro Vieira, ficou a sombra da princesa Isabel reconhecida como heroína pela assinatura da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil. **T8SD9**

Já os heróis esquecidos dos livros didáticos, como **Luisa Mahin** ou **Chico da Matilde**, ganharão contornos épicos. **T16SD3**

Meditich (1997) irá dizer que o jornalismo pode ser considerado como uma forma de conhecimento, pois tem a capacidade de produzir e reproduzir diferentes tipos de realidade. A partir desses tipos, a sociedade pode se reconhecer em aspectos dessas realidades, além de descobrir informações que, mesmo não sendo inéditas, são desconhecidas do público.

Associando esse conceito com a cobertura de *O Globo* sobre o desfile de Mangueira, é legítimo afirmar que o jornal tenta reproduzir a realidade construída pelo enredo do desfile através dos sentidos expostos em suas matérias, como nos exemplos das reportagens acima. O enredo da escola diz que as pessoas que foram as verdadeiras protagonistas da história do Brasil não recebem o merecido reconhecimento. Assim como a Mangueira, *O Globo* produz muitas reportagens que contam as histórias desses personagens, reafirmando a necessidade de dar o justo valor para essas pessoas.

Os trechos acima mostram as personagens que o desfile iria apresentar e foram lembrados pelo jornal, igualmente. Os nomes mais lembrados pelo jornal foram as pessoas que lutaram contra a escravidão do povo negro no Brasil.

Nos exemplos, é explicado, também, quais personalidades mangueirenses irão interpretar os personagens citados no desfile. É interessante notar que o jornal usa as palavras *encarnar* ou *na pele* para dizer que as interpretações mangueirenses das personagens do desfile seriam feitas de forma extremamente dedicada e fiel.

O enredo reservou espaço também para Zumbi dos Palmares, **um dos pioneiros na resistência contra a escravidão**. **T8SD10**

Em 1770, uma escrava piauiense escreveu uma das cartas mais antigas de denúncia de maus-tratos contra os negros que se tem registro no Brasil. O texto, entregue ao governador da província do Piauí, resultou na libertação de inúmeros escravos e fez com que essa mulher, após a morte, recebesse o título de advogada pela OAB do Piauí. Essa é a trajetória de Esperança García, uma das personagens que serão retratadas no desfile de Mangueira no próximo carnaval. **T8SD4**

Chico da Matilde, por exemplo, **foi um jangadeiro que liderou um movimento fundamental para abolição da escravatura no Ceará em 1884**, quatro anos antes da Lei Áurea da Princesa Isabel. **T16SD5**

No caso dos trechos das notícias de *O Globo*, acima, pode-se perceber que o jornal produziu sentidos para um leitor que, supostamente, não conhece sobre esses personagens de grande importância na luta do movimento negro contra a escravidão, que serão destacados no desfile de Mangueira. É possível encaixar isso no conceito de Benetti (2016), o qual afirma que o jornalismo, na sua característica de ser um gênero do discurso, na construção das matérias, produz sentidos para um público imaginado, porque seria impossível saber e conhecer todos as pessoas que acompanham determinado veículo de imprensa, como nesse caso o jornal *O Globo*.

Portanto, nestes exemplos, o jornal faz questão de contar a história das personagens que estão incluídas no desfile da escola para o seu público entender a importância delas na história e o motivo de estarem presentes na apresentação de Mangueira. Essa tentativa do jornal, de contar a história dessas personagens, se encaixa no que diz Medtsch (1997) sobre o jornalismo disponibilizar informações que apesar de não serem inéditas, são desconhecidas ao público, mas que não deveriam ser.

6.2.4 Valorização da cultura indígena e africana

As formações discursivas aqui apresentadas mostram que *O Globo* produziu sentidos de que o desfile e o enredo de Mangueira falam sobre dar representatividade ao povo negro, indígena e para as mulheres, sendo este o objetivo. A Mangueira, segundo o jornal, valorizou a cultura desses grupos. Os textos apresentam o sentido de que o desfile mostrou como a história oficial do Brasil não valorizou essas pessoas, que eles denominam como minorias, mas que, em Mangueira, são postos como os verdadeiros heróis da história do país.

Também é citado um problema de identidade do povo brasileiro, muito por conta da falta de informação, e como a Mangueira conseguiu transmitir um efeito de pertencimento para esses grupos, através da sua apresentação. O jornal também mostra como o enredo diz que esses povos, motivados por não terem sido postos como personagens relevantes na trajetória do país, pela história oficial, não se sentem responsáveis ou importantes para a construção de sua própria história.

O enredo vai dar **representatividade à mulher negra**, pois o próprio movimento negro foi machista na hora de escolher seus símbolos máximos.

T5SD11

O samba de Mangueira fala das majorias, e não das minorias. A maioria das pessoas não é príncipe, princesa ou rainha. A maioria são os “heróis de barracões”. Quando isso é explicado, **as pessoas se reconhecem.** **T31SD17**

Durante o desfile de Mangueira, vi inúmeras mulheres passando por mim e mudando a letra do samba, **se apropriando dos versos.** **T31SD18**

Aqui, os três trechos são extraídos de falas de entrevistados (Leandro Vieira e Manu da Cuíca, uma das compositoras do samba) e produzem o sentido de que o desfile conseguiu cumprir o seu principal objetivo: fazer com que o povo negro, indígena e as mulheres se sentissem representados. Os textos passam o sentido de que esses grupos conseguiram se identificar com o desfile e, principalmente, através do samba. É possível observar, também, a característica do acontecimento em atuar, conforme Berger e Tavares (2010), como um elo entre passado e futuro. A partir dele é possível enxergar que um acontecimento ajuda a explicar outros acontecimentos e o contexto social e histórico de um momento da sociedade.

Nas matérias de *O Globo*, pode-se perceber que, naquele momento, o racismo e o preconceito ainda eram muito fortes na sociedade brasileira. Tanto que falar em defesa de minorias sociais, representatividade e pertencimento, como faz a Mangueira, ainda é tratado como algo de extrema importância.

O primeiro carro alegórico de Mangueira **valorizava** a cultura e história indígenas. **T17SD2**

Ao lado de negros e índios, Cacá simbolizava o futuro que está sendo preparado por gente pequena, mais consciente da vida real e não mais disposta a ouvir "história para ninar gente grande", mote do enredo. **T25SD4**

Nestes trechos de duas notícias, mais uma vez, é ressaltado como a Mangueira valorizou a cultura do povo negro e indígena e de como essas duas temáticas foram essenciais na construção do próprio desfile. É importante notar, aqui, como os povos negros e indígenas são bastante lembrados pelo jornal, mas, como em seções anteriores, o jornal nomeia apenas as pessoas do movimento negro.

Sim, porque a nossa História **não dá representatividade** ao povo. A **história oficial nos ensinou** que alguém a fez em nosso lugar. **T5SD18**

Não temos a ideia de pertencimento: o museu não é nosso; a praça não é nossa; o ponto de ônibus não é nosso. O enredo quer mostrar que tudo isso é nosso, sim, que existiam líderes indígenas que assumiram resistência

desde 1500, líderes negros desde o primeiro momento em que o processo de escravidão se deu no Brasil. **TS5D22**

Mais uma vez, com falas do carnavalesco Leandro Vieira, é colocado como a história oficial sempre tratou com descaso esses grupos e pessoas, que eram tidos como o principal motivo dessa falta de representatividade e pertencimento na sociedade brasileira. Com esses exemplos, também é possível identificar o conceito de aparição de Gomis (1991), de que o comentário de uma pessoa conhecida é transformado em notícia, por si só, e pode atrair grande atenção, fazendo com que seja publicado pelo jornal.

6.2.5 A história oficial

Estas sequências discursivas mostram sobre a história que a Mangueira quis contestar com seu desfile. As matérias produzem o sentido de que existe uma história oficial, aprendida na rede de ensino, que fala sobre personagens que são exaltados, mas que, segundo a Mangueira, não deveriam. *O Globo* ainda expõe sobre a visão que o brasileiro tem de sua própria história e de como ela é ensinada nas escolas. O jornal constrói o sentido de que o brasileiro nega sua própria história, escolhendo os fatos e personagens que serão exaltados de maneira equivocada.

Tiradentes messiânico: Construído à imagem e semelhança de Cristo, **o mito do inconfidente foi forjado pelos republicanos**. Na ausência de líderes populares para seu novo regime, eles encontraram na figura do alferes morto cem anos antes um personagem de apelo entre o povo brasileiro. **T6SD5**

Dom Pedro I heroico: A versão do bravo “pai da Independência” **foi construída por seu filho**, Pedro II. Para difundir o ideário da monarquia brasileira, buscou em Pedro I a figura de um herói digno de idolatria. **T6SD9**

Duas escolas vão falar da Princesa Isabel em seus enredos no carnaval 2019. Na Vila, ela é protagonista da abolição da escravatura, **como conta a história oficial do Brasil**. **T10SD2**

Nesses trechos de duas reportagens e uma coluna de opinião, o jornal dá significado de como a *história oficial* construiu as imagens de personagens mais lembrados e celebrados pelo Brasil, que serão contestados pelo discurso de Mangueira. Importante perceber como é usado o exemplo da princesa Isabel no desfile da escola de samba Unidos de Vila Isabel, para ser possível entender realmente a normativa da imagem construída dessas personagens.

Neles, também é possível identificar o que Cavalcanti (2020) irá chamar de jornalismo de cultura como intérprete cultural. O jornalista teria a função, conforme Cavalcanti (2020, p. 72), de “avaliar, analisar e interpretar” as manifestações culturais que se propõe a noticiar. É o que se vê de forma específica quando *O Globo* interpreta a maneira como os personagens históricos serão representados pela Mangueira, analisando-os previamente.

O carnaval sempre optou por contar a história oficial. O que acha disso? **T10SD8**

Em alguns trechos das matérias e nessa entrevista com Leandro Vieira, especificamente, é dito que desfiles baseados na narrativa oficial acontecem de maneira majoritária no Carnaval e que o discurso de Mangueira é único e inovador. Mas é interessante notar que isso é desmentido algumas outras vezes, como pode ser visto ao longo de outros trechos escolhidos para esta pesquisa.

Qual a importância de homenagear Marielle e falar sobre os “anos de chumbo” (citados no samba), **num momento em que tem gente negando a ditadura militar?** **T5SD15**

Somos mesmo um **país sem memória**. Se fizeram história em nosso lugar, isso reflete no descaso coletivo com o patrimônio público. **T5SD21**

Conforme os trechos dessa entrevista, a sociedade brasileira não conhece sua história ou interpreta erroneamente os fatos ocorridos no país, é sempre usado o exemplo do regime ditatorial militar, iniciado em 1964 e encerrado em 1985, pois, para muitos, não houve ditadura ou tortura nesse período, no Brasil, segundo as matérias.

6.2.6 Desfile crítico e perfeito tecnicamente

As formações da seção mostram as análises feitas sobre o desfile com uso de adjetivos para classificá-lo. *O Globo* produz o significado que o desfile foi *crítico*, com a intenção de contestar e provocar a normativa política e social do país. Além disso, as sequências apontam que o enredo já era bastante comentado meses antes do carnaval e afirmam que o desfile impactante foi perfeito na parte técnica, tanto na composição do samba, quanto na sua execução.

Além de classificar o desfile como *necessário*, as sequências põem a narrativa dele como uma novidade no carnaval e no desfile das escolas de samba, pois consegue se comunicar com o Brasil, conforme os sentidos construídos pelo jornal.

Enredo **contestador** dá o título à verde e rosa. **T24SD3**

Na maioria dos comentários feitos antes e depois do carnaval, *O Globo* coloca o desfile como crítico. É necessário entender que essa análise está estritamente relacionada ao discurso do desfile de Mangueira. Aqui, a intenção dos comentários não é analisar a parte técnica ou musical do desfile, mas, sim, sua narrativa e significados. Com isso, é possível perceber, conforme o conceito de leitor imaginado de Benetti (2016), que *O Globo*, ao analisar e explicar o discurso e a ideologia do enredo, imaginou alguém que não assistiu ao desfile na produção desses textos.

Sucesso já no pré-carnaval, "história para ninar gente grande", de Mangueira, arrepia ao citar "Marias e Marielles" (referindo-se à vereadora assinada Marielle Franco), mas **talvez sua força esteja mais no conteúdo político (e necessário)** do que na canção em si. **T9SD1**

até o desembarque na Avenida **de seu carnaval empolgante e crítico**, que levantou a arquibancada da Sapucaí ao homenagear a vereadora Marielle Franco, assassina em 14 de março do ano passado. **T17SD10**

A escola passou vibrante, confirmando que tem chão. E teve ainda cadência de um **enredo brasileiríssimo, impactante e provocador**. **T22SD3**

Necessária e alinhada ao nosso tempo, de cobrança por representatividade e protagonismo feminino, negro, indígena, popular, a narrativa de Mangueira de 2019 não é nem inédita nem suficiente. **T28SD4**

Nestes trechos de comentaristas de *O Globo*, o jornal, explicitamente, analisa o enredo crítico de maneira positiva. O enredo e o discurso de Mangueira são colocados, também, como necessários e assertivos. Além disso, usando palavras como *vibrante*, *empolgante* ou *provocador*, os repórteres conseguem produzir os sentidos de quais reações o desfile causou neles.

Na opinião dos jurados, a verde e rosa fez um desfile completo, em que tudo funcionou, desde **as escolhas do enredo e do samba, passando pelas alegorias e fantasias**. **T17SD9**

[...] Segundo o júri, além de trazer para o carnaval **uma das melhores letras da história dos sambas-enredo, a Mangueira apresentou uma bela melodia**, que fugiu de clichês. **T17SD13**

Era uma sinopse necessária, de **um desfile artisticamente imprescindível**. **T31SD8**

Esses trechos de duas notícias e da entrevista com Manu da Cuíca, uma das compositoras do samba-enredo, mostram a análise técnica do desfile, no que se refere aos acertos de funcionamento do samba, dos carros-alegóricos e da criação das fantasias. Os trechos produzem sentidos também nos indicativos do porquê a Mangueira ganhou os principais prêmios do Estandarte de Ouro e do próprio título do desfile de carnaval da LIESA. Seguindo mais uma vez o conceito de Benetti (2016) sobre leitor imaginado, *O Globo* está produzindo matérias para leitores que até poderiam ter assistido o desfile, mas não têm conhecimento sobre aspectos técnicos de um carnaval.

6.2.7 Desfile emociona o público

As formações, nesta seção, mostram que o enredo e o desfile de Mangueira, segundo os sentidos produzidos pelo *O Globo*, em sua grande maioria, foram muito bem aceitos pelo público. O desfile e o samba tiveram sucesso e conseguiram *comover, arrebatá, contagiá e emocioná* os espectadores que estavam na Sapucaí.

Nas sequências, o samba foi o grande causador da boa repercussão do desfile, dizendo que ele foi cantado por todo o sambódromo e alcançou lugares fora do ambiente do desfile das escolas de samba. O desfile, segundo as matérias, conseguiu fazer com que o público se envolvesse inteiramente com a apresentação, fosse cantando, fazendo menção ou realizando homenagens aos personagens citados.

Ao recontar a trajetória de índios e negros, a Estação Primeira de Mangueira **emocionou o público e seus componentes**, conquistando o Estandarte de Ouro de melhor escola do grupo especial na 48ª edição do prêmio concedido pelo Globo e pelo Extra. **T17SD7**

Dali em diante, a apresentação mangueirense manteve uma **atmosfera de comoção**, impulsionada também pelo samba, que extrapolou a Sapucaí e foi cantado em festas e blocos. **T24SD9**

Pode-se entender, a partir dos trechos de duas notícias acima, como o jornal construiu o sentido de que o desfile conseguiu causar uma emoção forte no público. Além disso, quando se usa a expressão *atmosfera de comoção*, pode-se entender que o desfile emocionou a grande maioria das pessoas nas arquibancadas do sambódromo. Dessa forma, pode-se notar que, partindo da teoria de leitor imaginado de Benetti (2016), as matérias foram produzidas para pessoas que não estavam assistindo o desfile *in loco*, para entenderem as reações das arquibancadas do sambódromo e a dimensão que o samba tomou.

Ao ser cantado na Avenida em meio a bandeiras com a imagem de Marielle, **causou comoção na pista e na plateia. T21SD5**

Dali em diante, a apresentação mangueirense manteve uma atmosfera de comoção, **impulsionada também pelo samba**, que **extrapolou a Sapucaí e foi cantado em festas e blocos. T24SD9**

Nesses trechos de notícias acima, o jornal exemplifica quais atos o fizeram entender que o desfile teve aceitação positiva, comoção do público e levou as pessoas a *cantarem o samba*. Ao dizer que o samba *extrapolou a Sapucaí* e ficou conhecido em outros lugares, conseguem produzir sentido e dar a dimensão da força e relevância do discurso de Mangueira.

É possível notar como a citação de Marielle Franco no desfile também ajudou para aumentar a comoção e aceitação do público, conforme *O Globo*. Podemos relacionar esse tipo de reação à teoria de ruptura chamada de deslocamento por Gomis (1991), que é a ação significativa de um grupo a partir de um outro acontecimento e como este se torna o ponto central para a produção de uma notícia.

6.2.8 Mangueira apresentou o melhor desfile

Nessa seção, as formações discursivas focam nas conquistas de Mangueira a respeito do prêmio Estandarte de Ouro. O prêmio, organizado pelo próprio jornal *O Globo*, é a mais importante premiação realizada antes da decisão da escola vencedora do desfile da LIESA. Em 2019, o desfile de Mangueira conquistou algumas categorias do Estandarte, como melhor escola, melhor samba-enredo e melhor porta bandeira. Mas a categoria vencida pela Mangueira, que o jornal deu mais atenção, foi a de melhor escola do desfile.

Além de melhor escola, a verde e rosa **conquista os prêmios de sambas-enredo e porta-bandeira. T17SD5**

Mangureira **vence o Estandarte de Ouro. T19SD1**

Obviamente, *O Globo* dá muita relevância ao prêmio Estandarte de Ouro, pois a premiação é organizada pelo próprio jornal. Mas o jornal já dá sentido à conquista de Mangureira como um indício da conquista do título do campeonato da LIESA pela escola, pois os jurados do Estandarte são especialistas no assunto.

Pode-se observar, conforme o conceito de Cardoso e Golin (2010), o valor-notícia amplitude do jornalismo cultural presente nas matérias sobre os prêmios conquistados pela escola verde e rosa. Esse tipo de valor-notícia está ligado às matérias que dão mais importância aos assuntos relacionados ao superlativo (o maior, melhor, o mais importante), geralmente, presente em reportagens sobre premiações. É possível notar, também nesses trechos, uma característica presente no jornalismo cultural, conforme Cavalcanti (2020), o do uso da memória e do conhecimento prévio. Além disso, porque o jornalismo cultural é composto, em sua maioria, por jornalistas especializados, visto que esse tipo de texto, geralmente, necessita de um conhecimento prévio e mais aprofundado sobre o tema pelos leitores.

Nos exemplos de notícias acima, o leitor que não acompanha desfile de carnaval ou não assistiu o daquele ano, provavelmente, ficará sem interesse em ler esse tipo de notícia. Já que, se é feito por jornalistas especializados, as matérias estão quase sempre trazendo novos aspectos e relacionando os aspectos atuais com acontecimentos anteriores, fazendo-se necessário maior conhecimento para entender os textos.

6.2.9 *Cultura popular*

As formações desta seção indicam o lugar do carnaval e das escolas de samba na sociedade, além de mostrar sua função cultural. Além disso, mostram as características artísticas e políticas do desfile das escolas de samba e da própria Mangureira. O jornal produz o sentido do carnaval e das escolas como divulgadores e criadores de cultura popular que vem diretamente do povo, do morro. Além disso, denominam o carnaval como instituições culturais e o lugar perfeito para promover esse tipo de arte.

Eles também são postos como instituições de resistência política e contestadores da ordem, tendo como objetivo a reflexão e dar outras visões e possibilidades para dúvidas e problemas da sociedade. As formações também afirmam que a prática de exaltar personagens e fatos pouco lembrados da população não é novidade no carnaval carioca. Portanto, dizem que a forma de fazer carnaval de Mangueira não é nova, nem única.

Nascido no Jardim América e criado na Ilha do Governador, Leandro é formado em Belas Artes pela UFRJ e, atualmente, aos 32 anos, se tornou o artista mais importante do carnaval do Sambódromo. Por meio da **cultura popular**, dialoga com mundo contemporâneo. **T5SD8**

Ele quem me permite fazer tudo isso. Temos divergências políticas, mas ele sabe que administra uma **instituição cultural** e entende as nuances artísticas que existem. **T5SD31**

A visão do carnaval enquanto festa é tolice. É, sim, cultura popular, um dos maiores símbolos da cultura brasileira. **T5SD33**

Nos trechos de uma entrevista com Leandro Vieira, acima, o primeiro, na fala da repórter, e os outros dois, nas palavras do carnavalesco, repetidamente a frase *cultura popular* é usada para classificar o carnaval no ambiente artístico brasileiro. Além disso, de ser um lugar de criação livre dessa cultura, os exemplos afirmam o poder que o carnaval tem de promover esse tipo de cultura. Mais uma vez, pode-se notar o conceito de aparição como ruptura de Gomis (1991).

É importante entender que, conforme Cardoso e Golin (2009), o jornalismo é uma ferramenta de essencial importância na divulgação e existência de produtos artísticos e artistas. Ainda segundo os autores, o jornalismo se apropria de obras e produtos artísticos para possuir prestígio com seus consumidores ao divulgá-los, mas, ao mesmo tempo, é aproveitado pelos próprios artistas que utilizam da visibilidade proporcionada pela mídia para ganhar mais notoriedade com o público.

Pode-se notar isso na maneira como Leandro Vieira e a Mangueira utilizam o espaço concedido por *O Globo* para divulgar seu desfile e em como o jornal produz sentidos para ganhar prestígio com seu leitor ao divulgar o desfile campeão do ano.

Carnaval não é espaço para assinar embaixo da ordem, mas para vislumbrar novas possibilidades. **T5SD28**

Com a crise de valores que o Brasil atravessa, a matéria que faz **o carnaval assumir sua natureza contestadora**. **T10SD9**

Desfiles na Sapucaí **ampliam visibilidade**, escancaram polêmicas, **provocam a opinião pública**, despertam o interesse. **T28SD12**

Carnavalizar Marielle não é se apropriar de sua militância para fazer alegoria. Mas necessário **porque assim é a estética do desfile**. **T14SD5**

Assim como o desfile de Mangueira é classificado como contestador, os exemplos de colunas de opinião acima produzem o sentido de que esse tipo de narrativa é marcante no carnaval. Aqui, o sentido é do carnaval como opositor da conservação da ordem e ambiente para transformações sociais e política.

Por outro lado, **achar a correção política valor isolado é equívoco**. O samba de Mangueira de 2019 é tão bonito quanto o de 1962 ("Casa-grande senzala"). **T14SD5**

Ao longo de pelo menos quatro décadas de olhar atento aos desfiles, **aprendi com o carnaval muitas histórias** – contadas ou não – nos livros escolares. **T28SD2**

Necessária e alinhada ao nosso tempo, de cobrança por representatividade e protagonismo feminino, negro, indígena, popular, **a narrativa de Mangueira de 2019 não é nem inédita nem suficiente**. **T28SD6**

ativismo que pavimentou longo caminho de reconhecimento a personagens e episódios menosprezados ou invisibilizados pela História. **T28SD7**

Outra característica ressaltada, nessas colunas, é a maneira de Mangueira homenagear personagens pouco reconhecidos na história em seu desfile e de valorizar os povos negros e indígenas, o que não é exclusivo da escola no carnaval. Com frases como *correção política*, *histórias não contadas*, sentenças também usadas para explicar o desfile de Mangueira, as matérias mostram como tocar nesses assuntos é igualmente uma característica notável e histórica do carnaval.

6.2.10 As dificuldades financeiras de Mangueira

As formações, aqui, são relacionadas ao funcionamento de Mangueira como escola de samba, principalmente no período que antecedeu o desfile, e aos problemas administrativos que a escola passou durante a preparação para o carnaval.

O *Globo* cria o sentido de que a escola de samba passou por uma crise financeira, citando os atrasos de salários e a falta de dinheiro para comprar materiais para o desfile que teria sido causada pela falta de incentivos do poder público

municipal e por dívidas da própria escola. Isso teria dificultado extremamente a sua construção. O futuro de Leandro Vieira como carnavalesco de Mangueira também é assunto corriqueiro nas matérias dessa seção, por conta da importância que ele tem para os desfiles da escola.

A Mangueira foi uma das escolas mais atingidas pela crise na folia. Leandro afirmava que seria **seu desfile mais difícil**. T24SD14

Faltam 32 dias para o desfile das escolas de samba no carnaval da Sapucaí, e **a Mangueira enfrenta um drama financeiro sem precedentes** – que tem atrasado, e muito, o trabalho no barracão da verde e rosa, na cidade do samba. T11SD2

As expressões *desfile mais difícil*, *drama financeiro* e *falta de dinheiro* dos trechos de duas colunas são usadas para produzir sentidos que indiquem os problemas de administração da escola, valorizando ainda mais o trabalho de Mangueira em colocar o desfile campeão na Avenida do Samba, classificado como perfeito, pelas análises de *O Globo*.

Agora, a escola passará por eleições. Só depois da votação, no fim de abril, **será decidida a permanência da atual equipe de carnaval, incluindo Leandro**. T24SD15

Vai continuar em Mangueira depois do carnaval? T5SD39

A importância dada sobre a permanência ou não do carnavalesco de Mangueira, Leandro Vieira, se dá pela relevância que foi dada a ele nos últimos anos de carnaval e no próprio enredo de 2019. O jornal dá o sentido de que Leandro é considerado o grande mentor e executor do desfile campeão, por isso tanta discussão sobre sua permanência ou não.

Nesses exemplos da coluna e de uma entrevista com Leandro, pode-se notar a existência do valor-notícia da *personificação* do jornalismo cultural, conforme Cardoso e Golin (2010), que diz respeito às matérias que dão mais valor aos personagens do que o próprio acontecimento. Pois para *O Globo*, Leandro Vieira foi o grande responsável criativo pelo desfile e pelo discurso feitos pela Mangueira.

6.2.11 A política no carnaval

Nesse item, as formações discursivas falam como *O Globo* constrói sentidos sobre os políticos e os sistemas políticos e suas relações com o carnaval. Além

disso, as sequências discursivas relatam as consequências que a política pôde causar na construção do enredo de Mangueira, e o que o enredo poderia causar no sistema político.

Os textos apresentam, também, como a atuação do deputado e presidente da escola, até então, *Chiquinho de Mangueira*, influenciou nessa construção, e como a política brasileira enxerga o carnaval. Também é debatido como a LIESA recebeu o enredo, pois teria uma ideologia política diferente da proposta de Mangueira no desfile.

A Liesa é conservadora, e o Chiquinho (presidente de Mangueira), é deputado. **Já sofreu censura? T5SD30**

Os questionamentos sobre Leandro já ter *sofrido censura* pela LIESA por ela ter uma ideologia política conservadora, se a vitória de Mangueira foi uma *vitória* também da ideologia de esquerda ou se existia clima para *pular carnaval pós-eleições* ajudam o jornal a produzir o sentido de que os sistemas políticos podem influenciar o carnaval, assim como o carnaval pode influenciar os sistemas.

7 OS PROTAGONISTAS DE UM DESFILE POLÍTICO

O primeiro aspecto que se pode perceber com a análise dos resultados é o encaixe da Mangueira no conceito de promoção de Molotch e Lester (1999). Nesse conceito, os promotores fazem parte da primeira etapa em tornar alguma ocorrência pública, pois são os que presenciam o fato ou, na maioria das vezes, são os próprios produtores deles. A Estação Primeira de Mangueira é um promotor, pois foi ela que produziu o desfile e o enredo, (o fato ou ocorrência) apresentou-o e divulgou. A Mangueira consegue fazer isso através das suas redes sociais e das de seu carnavalesco Leandro Vieira, usadas como canais de divulgação. A característica de escola midiática também colabora com essa prática de promotor, já que a Mangueira foi uma agremiação que teve jornal próprio (*A Voz do Morro*), as músicas feitas por grandes sambistas que a homenagearam e a divulgaram e construção de uma quadra de ensaios projetada para, especialmente, receber a imprensa. (CABRAL, 1998;)(CACHAÇA; OLIVEIRA FILHO; SILVA, 1980)

Já *O Globo* se encaixa na fase da montagem, que é o segundo estágio em tornar um fato em um acontecimento público. Os *news assemblers*, como irão chamar Molotch e Lester (1999), são a própria mídia. A diferença da área da montagem para a promoção é que o acontecimento será divulgado em forma de notícia e será tornado público a partir dos critérios dos próprios *news assemblers*, que, neste caso, são *O Globo* e seus jornalistas noticiando o desfile. Mas é importante entender que, muitas vezes, os interesses dos promotores e dos *news assemblers* em tornar tal acontecimento público se assemelham, conforme Molotch e Lester (1999), como se pode ver no caso do desfile de Mangueira.

O interesse do jornal *O Globo* em repercutir essas notícias sobre a escola de samba se dá pois o grupo de comunicação do jornal é o maior divulgador desse evento, tanto que possui a exclusividade de transmissão pela TV e o terá até 2025. (GLOBO..., 2019a) Além disso, obviamente, a Mangueira tem extremo interesse na repercussão positiva de seu desfile, pois isso ajuda a trazer visibilidade e credibilidade não só a esse e aos próximos desfiles, mas também para as pessoas que construíram e idealizaram o carnaval da escola, inclusive, para a própria imagem de Mangueira.

Conforme Lopes (2002), esses tipos de instituições que promovem arte e cultura têm a capacidade de transmitir discurso e sentidos através de seu material,

no caso desta pesquisa, o desfile de Mangueira, usando do espaço em meios de comunicação para promover essa imagem. Obviamente, as instituições não têm ideologias e discursos próprios, eles são construídos a partir das experiências de quem está na posição de poder, no caso desta pesquisa, o carnavalesco e os idealizadores da apresentação da Estação Primeira.

É possível perceber também, no começo da análise, quando *O Globo* considera o Carnaval como cultura e arte. Das 32 matérias sobre o desfile, dez estão localizadas em editorias específicas de cultura. Fora isso, quatro matérias estão na editoria *Caderno Especial* e quatro em opinião, que são editorias que podem abordar diversos assuntos, até mesmo cultura e arte. Dessa forma, é plausível analisar as matérias a partir dos conceitos de jornalismo cultural.

Entendendo as posições de *O Globo* e de Mangueira e analisando os quatro indícios propostos por esta pesquisa, é possível perceber que as primeiras matérias focam nas personagens menosprezadas pela história oficial, em concordância com o enredo de Mangueira. Mas, a partir de 14 de outubro de 2018, quando o samba-enredo é escolhido, as matérias passam a dar mais atenção ao nome de Marielle Franco, homenageada na letra da música, que se transforma no ponto mais relevante do desfile, segundo os sentidos de *O Globo*. Tanto que, em 15 de outubro, na primeira matéria a falar sobre a citação à Marielle no desfile, o texto não é sobre o carnaval. A informação da homenagem aparece em uma reportagem sobre atos públicos em protesto à morte da vereadora.

De maneira mais específica, o nome de Marielle aparece como ponto de maior atenção, principalmente, nas reportagens após o desfile. No total, o nome de Marielle Franco aparece em 8 matérias antes do desfile e em 14 depois do desfile, sendo claramente a personagem do desfile mais lembrada pelos textos do jornal. Isso se dá, conforme os sentidos construídos por *O Globo*, por conta, principalmente, da bandeira com o rosto dela que apareceu no final do desfile da escola, pela citação do nome dela na comissão de frente e pela participação da mulher dela, Mônica Benício, no desfile. Essa característica desse desfile reforça o que Name (2020) fala sobre Leandro Vieira e seus carnavais. Para ela, Leandro valoriza muito o visual em seus desfiles, possuindo sempre uma imagem-âncora, que se sobressai em relação a outros aspectos da apresentação.

É interessante perceber, também, que a bandeira com o rosto de Marielle, que foi, para os sentidos produzidos pelo jornal, o momento de auge do desfile,

vinha na última ala, junto de outras bandeiras com rostos de outras personalidades negras da história, como Jamelão, Cartola e Carolina de Jesus e da bandeira do Brasil nas cores da Estação Primeira, com os dizeres *Índios, negros e pobres* (REDE GLOBO, 2019). Entretanto, os nomes das pessoas homenageadas nas outras bandeiras não são citados nas matérias do jornal; além disso, a bandeira verde e rosa é citada poucas vezes se comparada à lembrança de Marielle nos textos. Isso mostra que, talvez, esse protagonismo da vereadora, que foi assassinada, nas matérias de *O Globo* aconteça somente no jornal. No desfile, sua figura aparenta ser apenas mais um personagem homenageado pela escola de samba.

A grande atenção dada à homenagem feita a Marielle Franco é provada, também, pelos títulos das matérias, 3, ao todo, que possuem o nome dela imediatamente após a menção ao desfile e quando a Mangueira é declarada campeã. Isso mostra que o sentido produzido pelo jornal era de que a citação a ela foi o grande acontecimento da apresentação da escola.

O nome de Marielle Franco ganha a prioridade em relação a outros personagens presentes no desfile da escola, também por conta de sua proximidade temporal. Como pôde-se ver no subcapítulo que relembra a sinopse do enredo, o desfile menciona pessoas com histórias ocorridas há séculos passados e Marielle é a representante dos tempos modernos no desfile. Essa proximidade temporal pode ser vista, também, quando o jornal acha necessário recontar a trajetória de vida dos outros personagens que aparecem em seus textos. Diferentemente de Marielle, que, nas matérias em *O Globo*, somente é lembrada pela forma como foi morta, entendendo que os leitores já conhecem a sua trajetória. Aliás, a atenção dada ao nome de Marielle Franco por *O Globo* revela a priorização do valor-notícia da *morte*, conforme Gomis (1991), pelas matérias do jornal.

As várias citações a Marielle Franco e outros personagens específicos do desfile de Mangueira nas páginas de *O Globo* revelam outro tipo de escolha feita pelo jornal: a priorização em colocar nos textos os nomes de personagens negros e o de mulheres, como Luis Gama, Zumbi dos Palmares, Luisa Mahin, Dandara.

Os nomes de personagens negros são mais lembrados pelas matérias de *O Globo* por conta de que o próprio enredo cita mais pessoas negras do que índios, ou aqueles que têm sua fama desconstruída pela escola. A atenção maior aos negros, no jornal, pode ser relacionada, igualmente, com o envolvimento histórico que o negro tem com o próprio samba e o carnaval das escolas, nascido em casas de

religiões de origem africanas. (CABRAL, 2011; IPHAN, 2014) Já o alto número de mulheres está totalmente ligado à Marielle, que norteou essa preferência, mas, também, por conta do samba-enredo que usa o nome de líderes femininas da história do Brasil para construir a letra da canção.

Até mesmo as personagens mais famosas que, conforme os sentidos produzidos por *O Globo*, são desconstruídos pela Mangueira e são os mais citados nas matérias do jornal estão relacionadas à história do povo negro, no Brasil, como a princesa Isabel. Conforme os sentidos construídos pelo jornal, a princesa é personagem constante na história do Carnaval, por causa de sua ação na Lei Áurea. Só que, no desfile de Mangueira, as ações dela são contadas de maneira diferente, sem a exaltação positiva e característica de outros desfiles e carnavais.

Essa forma diferente em retratar a princesa Isabel, feita pela Mangueira, é provada como única pelos sentidos de *O Globo* quando, em uma das matérias reunidas para essa pesquisa, é citado o desfile da Vila Isabel de 2019. Nesse desfile, a princesa Isabel aparece como protagonista e heroína na abolição da escravidão no Brasil. Pode-se dizer que o carnaval da Vila Isabel está mais de acordo com a maneira que os desfiles abordavam momentos da história do negro no Brasil antes dos anos 1960, conforme Simas e Fabato (2015). Já o desfile da Estação Primeira estaria mais relacionado com os da Salgueiro e do carnavalesco Fernando Pamplona, realizados a partir do início da década de 1960.

O segundo nome de personagem mais citado que será desconstruído pelo desfile de Mangueira é o de Pedro Álvares Cabral. A escolha de *O Globo* pelo nome de Cabral e o descobrimento do Brasil para explicar quais tipo de pessoas e histórias a escola verde e rosa irá contestar pode estar relacionado por ser uma das passagens mais importantes do país. Além do mais, por essa história relacionar índios e negros, também grupos essenciais para o desfile de Mangueira.

Outro nome importante, e muito lembrado pelas matérias, é o de Leandro Vieira. Nelas, o carnavalesco da escola é colocado como inovador e o grande responsável pelo discurso do desfile de Mangueira, em uma tentativa de personificar o enredo no nome de Leandro. Isso é mostrado, ao longo das matérias, quando *O Globo* produz sentidos de que o enredo é e foi *criado, idealizado e projetado* por Leandro Vieira. O jornal também diz que o carnavalesco *apresentará* um desfile crítico e que irá *fazer* do desfile uma aula. Nessas matérias, o jornal constrói o

sentido de que o desfile e o enredo são mais pertencentes ao carnavalesco do que à própria Mangueira.

Também pode-se retomar, no caso das várias citações a Leandro Vieira, ao conceito de personalização no jornalismo cultural, no qual a mídia tenta buscar mais atenção do público e criar sentidos não somente ao personagem, mas também ao acontecimento, conforme Tuchman (2005 apud ALFONSO, 2015). Além disso, essa personalização nas matérias através de Leandro Vieira reforça o conceito de Golin et al. (2010) de que as ações programadas e premeditadas dos artistas e criadores de arte são fundamentais para o funcionamento do campo e do sistema cultural no momento em que são relatados pelo jornalismo.

Outro indicativo do sentido de importância construído por *O Globo* sobre o carnavalesco é de que, com certeza, ele é o personagem mais entrevistado e usado como fonte dos integrantes que fizeram o desfile de Mangueira, podendo retomar o conceito de Gomis (1991) sobre aparição, que é quando um comentário e a ação de uma pessoa são transformados em notícia, por si só.

A outra pessoa presente na construção do desfile, e que foi entrevistada e recebeu grande atenção de *O Globo*, foi Manu da Cuíca, uma das compositoras do samba-enredo. Pode-se dizer que ela foi entrevistada porque não havia assinado a música quando ela foi inscrita para a disputa de escolha do samba-enredo pela escola, já que a compositora também participava de outra disputa em outra escola do carnaval carioca. Pode-se dizer, também, que ela foi entrevistada por ser mulher, já que o enredo e o desfile da Estação Primeira lembram muitas personagens femininas.

Partindo disso para um cenário mais geral, percebe-se que *O Globo* constrói os sentidos de que o desfile de Mangueira teria como principal força seu discurso político. Para o jornal, é a narrativa do desfile a grande diferença comparada às outras escolas. Colocar esses tipos de personagens no enredo, ou questionar a trajetória de outros, foi considerado um movimento inovador, conforme os sentidos de *O Globo*.

É interessante perceber que esse sentido construído por *O Globo* já é posto nas matérias de antes do carnaval. Essa é uma das principais características dos textos: a antecipação e preparação. O jornal vai, ao longo do tempo, preparando o seu leitor para o que a Mangueira viria a apresentar. Isso pode ter ajudado bastante na grande popularidade que o desfile alcançou e que *O Globo* tanto fala nas matérias

depois do carnaval. Além disso, obviamente, *O Globo* tem muito interesse em antecipar e exaltar os desfiles de carnaval que ainda vão acontecer, pois a *Rede Globo de Televisão* possui os direitos de transmissão, como já foi citado anteriormente neste capítulo do mesmo conglomerado de comunicação do jornal *O Globo*, e muito pela histórica relação com a organização e divulgação do carnaval feitas pelo jornal, conforme Cabral (2011).

Outro sentido produzido por *O Globo* que está presente na preparação é de que as escolas de samba e, principalmente, a Mangueira passaram por problemas financeiros graves antes do carnaval. Com o passar dos textos, isso acaba colaborando com a construção de sentido de que o desfile de Mangueira foi realmente especial, mesmo com os problemas de estrutura.

Dessa forma, muitas das análises de *O Globo*, feitas antes do desfile, se confirmaram depois do evento, dizendo que o carnaval de Mangueira foi político, contestador e lutou contra o racismo e o machismo. Mas, um dos termos usados para classificar e explicar o enredo da escola foi deixando de ser usado pelo jornal. Na maioria das matérias de antes da apresentação da escola, *O Globo* produz o sentido de que a Mangueira irá apresentar o *lado B* da história do Brasil na avenida. Prática que deixa de ser usada poucas matérias antes e em todas depois do Carnaval. A partir disso, assim como está na sinopse do enredo, o jornal começa a usar predominantemente o termo *outra versão da história* ou simplesmente diz que a escola exalta personagens pouco conhecidos da sociedade brasileira para explicar o desfile da verde e rosa.

Essa escolha e mudança de palavras indica uma leve diferença de percepção do jornal sobre o desfile. Obviamente que, no contexto geral, o veículo de imprensa ainda identifica o discurso de Mangueira da mesma forma, mas, agora, indo ao encontro de como a própria escola descreve seu enredo, em exaltar quem o enredo entende como os verdadeiros heróis da história do Brasil. Isso pode mostrar, não de maneira corretíssima, que os sentidos produzidos pelo jornal sobre o desfile podem ter sido influenciados pelas afirmações de Mangueira, que descrevia o enredo de forma idêntica.

Mais um aspecto que teve muita atenção de *O Globo* foi o samba-enredo da escola. Em muitas das matérias do jornal, por exemplo, são usados trechos da letra do samba-enredo, às vezes até como um trocadilho para o texto da matéria. Essa repetição reforça o sentido produzido por *O Globo* de que o samba-enredo ajudou a

popularizar o desfile, tanto antes quanto depois do Carnaval. Esse sentido construído, da importância da música, é reforçado com a entrevista feita com uma das compositoras da letra após a apresentação de Mangueira. O *Globo* produz o sentido que o samba-enredo é o principal meio por onde a escola transmite o seu discurso. Para produzir o sentido de que o desfile de Mangueira possui um discurso *político, contestador, representativo* ou que *homenageia heróis menosprezados*, o jornal exalta a canção.

Para expor, também, a importância do samba-enredo, o jornal constrói o sentido de que a música causou muita emoção no público. O *Globo* produz o sentido de que as arquibancadas do sambódromo cantaram o samba e que ele chegou a um grau de popularidade que acabou extrapolando os limites do ambiente das escolas de samba. O jornal, da mesma forma, cria o sentido de que a atenção dada ao samba-enredo e a popularidade crescente dele se deu por conta da citação à Marielle Franco na letra da canção. Tanto que, em muitos dos textos das matérias, é lembrado que Marielle é citada na letra, além de ter sido homenageada no desfile.

Essa prática de valorizar bastante o samba remete à maneira como as escolas de samba e a própria imprensa entendia o desfile no seu início. Até os anos 1960, a característica de um desfile mais trabalhado e pensado pelas escolas, que tinha mais atenção do público e dos veículos de comunicação, era as composições de samba-enredo. O que fazia um desfile ser lembrado ou declarado campeão era a qualidade de sua música. Isso muda na década de 1960, quando a imprensa e as escolas de samba começam a valorizar muito mais as fantasias e alegorias de um desfile de carnaval, tanto que é nesse momento que os meios de comunicação passam a denominar o evento como um espetáculo ou um *show*. (CABRAL, 2011; BEZERRA, 2016)

É possível entender, do mesmo modo, que o foco de atenção sobre o desfile e enredo de Mangueira dado pelo jornal *O Globo* está ligado à própria história da escola e sua tradição no samba e no carnaval, além da relação forte da verde e rosa com a imprensa e com próprio *O Globo*. Como se vê no capítulo que reconta a trajetória da escola como instituição de samba e carnaval, a Mangueira foi a segunda escola de samba na história do Brasil e logo em seu início sempre teve uma aproximação com *O Globo* e a mídia, de modo geral. A Estação Primeira foi a primeira escola de samba a ter seu morro e sede visitada por esse veículo de comunicação.

A história da Mangueira, aliada aos sentidos produzidos por *O Globo* de que a Mangueira seria uma das candidatas ao título do desfile podem ser as justificativas para o número grande de matérias feitas antes do carnaval. Talvez, com uma escola com menos tradição no carnaval e no samba, com menor relação com a imprensa, e com o próprio *O Globo*, ou com um carnavalesco com menos relação com a mídia como é Leandro Vieira, já mostrado anteriormente neste trabalho, não tivesse o mesmo espaço e visibilidade concedidos à Estação Primeira de Mangueira. Além disso, outros desfiles críticos e políticos que aconteceram nos anos anteriores, como os enredos de 2018, de Mangueira e Paraíso de Tuiuti, que criticaram o prefeito do Rio de Janeiro e o presidente do Brasil, respectivamente, também ajudaram nessa atenção maior dada à apresentação de Mangueira, em 2019. (BATISTA, 2018; BEDINELLI; MARTÍN, 2018)

Pode-se relacionar isso à ideia de Cardoso e Golin (2010) de que o jornalismo cultural busca noticiar e repercutir artistas ou instituições culturais que possam trazer prestígio para o jornal com sua fama e história naquele determinado assunto. Dessa forma, colocar a Mangueira em suas matérias ajuda tanto a Mangueira quanto o próprio *O Globo* nessa tentativa de atrair mais público.

É igualmente possível perceber como as matérias de *O Globo* podem ser relacionadas ao conceito de Miguel (1999) de que o jornalismo atua como sistema perito. Eles, conforme Giddens (1991, pag. 35 apud MIGUEL, 1999, p. 198), são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional”, que fazem pessoas acreditarem e confiarem em suas análises e diagnósticos, pois elas possuem capacidade ou conhecimento para contestar, como quando se vai ao médico. Mas, como explica Miguel (1999), o grande desafio do jornalismo para agir como sistema perito é no momento de comprovar a veracidade de suas notícias e informações. Por isso, o jornalismo está sempre em busca de confiança e credibilidade com seu público, para que seus sentidos produzidos sejam considerados verdadeiros e corretos.

É possível perceber essa tentativa de atuação como sistema perito por *O Globo* nas matérias que analisam o enredo antes e depois do desfile de carnaval para criar o sentido sobre a importância do enredo de Mangueira e o porquê a grande atenção dada a ele. *O Globo* usa, majoritariamente, o seu histórico como divulgador do carnaval, pelo seu grupo de especialistas em desfiles de escolas de

samba e pelas reações do público presente no sambódromo que assistiu à verde e rosa passar.

A própria premiação do Estandarte de Ouro, que teve a Mangueira vencedora como melhor escola, é uma maneira de *O Globo* produzir o sentido de que ele possui a capacidade de perceber que a verde e rosa tinha feito o melhor desfile e deveria ser campeã do Carnaval. Como a premiação, conforme os sentidos criados pelo jornal, é composta por jurados especialistas e já existe há mais de trinta anos, *O Globo* teria propriedade para tal veredito.

Esse argumento também é usado para explicar as análises técnicas feitas sobre o desfile. *O Globo* constrói o sentido de que o samba, a música e o jeito de desfilar em Mangueira foram perfeitos, tecnicamente. A única maneira de o jornal comprovar esses comentários é baseada em seu histórico de carnaval e na sua equipe de jornalistas. Obviamente, a antecipação sobre a qualidade do sambarenredo, feita antes do desfile, ajudou simultaneamente aos sentidos produzidos de que o desfile teve sucesso tecnicamente, como estão colocados nas análises e comentários.

Com a pesquisa e a análise das matérias de *O Globo*, também é possível perceber como elas conseguem produzir sentidos únicos e específicos, quando vistas separadamente, e um sentido coletivo, quando colocadas em grupo e em ordem cronológica. Pode-se relacionar isso ao conceito de Benetti (2010) de que de o jornalismo tem a capacidade de produzir uma continuidade para acontecimentos que ocorrem em diferentes momentos e formas, fazendo com que se possa entender de maneira uniforme e coletivamente todos esses acontecimentos. Como já foi falado, o sentido coletivo de *O Globo* é de que o desfile de Mangueira teve um discurso político, o qual teve Leandro Vieira como mentor, exaltando Marielle Franco e heróis pouco conhecidos pelos brasileiros.

Sendo assim, baseado em todos os assuntos acima destacados, é possível perceber que *O Globo* produziu o sentido de que o carnaval das escolas de samba é mais do que uma festa nacional ou espetáculo midiático, simplesmente. É uma manifestação artística que tem a capacidade e a função de abordar e criar discussão sobre as mais diversas questões da sociedade, como o racismo, machismo, desigualdade social e representatividade. Isso pode ser notado pela variedade no tipo de abordagem das matérias, por exemplo. Algumas delas são mais objetivas, outras tantas são carregadas de opinião, e muitas têm características de análises

técnicas. Ademais, essa variedade de assuntos pode ser vista pela localização das matérias sobre o desfile de Mangueira. Elas podem ser encontradas nas seções de cultura, colunas sociais, colunas de opinião, editoria geral e até editoria de economia.

Entretanto, o jornal *O Globo* também cria o sentido de que essa característica histórica do carnaval vinha sendo esquecida nos últimos anos e foi reacendida com o desfile de Mangueira. Dessa maneira, o carnaval da verde e rosa, em 2019, é considerado um marco de inovação e espetáculo nos carnavais deste século.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa se percebeu que o jornalismo tem a capacidade de construir e reproduzir inúmeras formas de realidade. A partir da visão e dos critérios dos veículos de comunicação e dos jornalistas que neles trabalham, a produção jornalística consegue construir para seu leitor um enquadramento específico sobre um acontecimento, fazendo com seja possível o reconhecimento da sociedade em que ele vive. Com as matérias de *O Globo*, pode-se perceber uma coincidência nos sentidos construídos no relato sobre o desfile da Estação Primeira de Mangueira com o período que a sociedade carioca e brasileira vivia, com a necessidade em se falar sobre questões de representatividade negra e feminina. Além da atual contestação dos já bastante conhecidos personagens e momentos da história do Brasil no ambiente público

Com a pesquisa se notou também que o jornalismo, baseado em valores-notícia específicos, tem como característica primordial decidir quais acontecimentos serão transformados em notícias, dependendo igualmente das ações prévias dos próprios promotores desse acontecimento. A escolha do que será noticiado decorre também de como e quais acontecimentos são trazidos a público pelas fontes, principais interessados na divulgação de determinado acontecimento. Isso pode ser notado neste trabalho com o cruzamento das postagens e divulgação da escola e do seu carnavalesco sobre o desfile com as matérias do jornal.

A pesquisa possibilitou também perceber que, quando dedicado a noticiar manifestações culturais e artísticas, o jornalismo apresenta particularidades nessa atuação. Como pode-se perceber com a análise dos sentidos de *O Globo* sobre o desfile de Mangueira, o jornalismo ao noticiar arte e cultura tende a priorizar os artistas e criadores dessas manifestações e acontecimentos com pouco grau de imprevisibilidade. O jornalismo cultural tende a noticiar eventos programados, planejados e previsíveis, com textos mais interpretativos, além de privilegiar o lúdico e a imagem de determinado acontecimento, como quando a imagem da bandeira com o rosto de Marielle Franco é extremamente exaltada pelas matérias do jornal.

Além disso, foi possível identificar com a pesquisa que *O Globo* possui uma relação histórica com o carnaval e que o jornal é o principal divulgador do desfile das escolas de samba e do carnaval há cerca de 90 anos. Ademais, pode-se perceber que existe uma relação muito próxima entre o jornal e Mangueira e que isso foi

essencial para a consolidação da escola como uma das mais importantes do Rio de Janeiro e na popularidade que o desfile ganhou. Com isso também foi possível perceber como a escola iniciou e continua exercendo sua característica de instituição midiática, sempre usando a imprensa para crescimento popular e de reconhecimento dela própria.

Mais especificamente sobre a apresentação de Mangueira em 2019, reunindo as matérias do jornal sobre a construção do desfile da escola, a pesquisa permitiu que se entendesse que o jornal produziu sentido de que o desfile da Estação Primeira foi extremamente único, com discurso político e contestador, indo de encontro da ordem geral dos últimos carnavais. Além disso, a personalização, uma das características principais do jornalismo cultural, é visto em grande parte das matérias. Isso ocorre porque *O Globo* produz o sentido de que Leandro Vieira foi o principal responsável pela construção e idealização do desfile e que Marielle Franco, homenageada no desfile, foi a personagem mais emblemática e importante da apresentação da escola.

O jornal constrói da mesma forma significados de que o carnaval tem a tarefa e a possibilidade de ser mais do que apenas um período de festividades e que a apresentação da escola do Morro da Mangueira certamente ficará na história dos desfiles de carnaval. Isso é mostrado e comprovado com as várias vezes que o jornal classifica o desfile da Estação Primeira como político e contestador, ao invés de apenas como um espetáculo de entretenimento. Interessante perceber com esse e outros exemplos que os interesses e a visão de *O Globo* e da escola coincidem entre si. Como é mostrado na sinopse do enredo, o desfile tem a real intenção de ser uma ferramenta de representatividade para essas minorias oprimidas pela sociedade e história do Brasil.

Mas, apesar dessas coincidências, a análise desta pesquisa possibilita entender que a cobertura jornalística sobre o desfile permite entrever três camadas de discurso histórico, ou seja, núcleos narrativos que constituem três versões de um mesmo conjunto de fatos ou histórias: a história oficial, a versão da história segundo a Mangueira e a versão da história conforme *O Globo*.

Essa característica de apresentar diferentes narrativas sobre um mesmo assunto acontece, pois é exatamente esse o principal ponto do desfile e enredo da Mangueira. Ao contestar uma narrativa sobre a história do Brasil, chamada pela escola como história oficial, a Mangueira condiciona que *O Globo*, em suas

matérias, exiba outra versão para essa história oficial, baseada na da escola, mas com diferenças.

Isso pode ser identificado na seleção de personagens que a Estação Primeira homenageia, que são diferentes aos exaltados pela história oficial e tem suas trajetórias contestadas pela escola, e pela escolha de quais personagens dessas duas narrativas estariam nas páginas dos jornais. Na história oficial os exaltados são os monarcas, os presidentes da república e os navegadores descobridores da América e do Brasil. No desfile de Mangueira os verdadeiros heróis da história são os negros e índios que lutaram pelo país, simplificados pelo dístico na bandeira gigante que encerra o desfile – “índios, negros e pobres” – e pela letra do samba-enredo – “heróis de barracão”. Já em *O Globo*, os personagens mais importantes de serem lembrados e citados em suas matérias são os negros e, principalmente, Marielle Franco.

Essas versões de realidade e diferentes formas de narrativa possibilitam entender o momento de um extrato da sociedade. Quando as versões da história oficial, da escola e do jornal são expressas pode-se entender como, ao longo de muitos anos, a visão sobre passagens e personagens históricos brasileiros foi mudando. Essa mudança acontece, sobretudo, por conta da troca de pessoas ou grupos que possuem o domínio da narrativa da história, causada especialmente pelo tempo.

O tempo e os acontecimentos ocorridos nele são os principais motivos para que o discurso de Mangueira e do jornal *O Globo* seja diferente e vá de encontro à narrativa feita pela história oficial. O clima social contemporâneo fez com que a Estação Primeira exaltasse personagens negros da história do Brasil e que o veículo de comunicação colocasse Marielle Franco, personagem negra mais próxima em temporalidade do momento atual, como a grande representação dessa luta contra os preconceitos raciais e da apresentação da escola.

Essa escolha de *O Globo* por Marielle pode ser explicada pela característica do jornalismo e, principalmente, do jornalismo cultural em priorizar acontecimentos atuais, um dos principais valores-notícia para se decidir quando um acontecimento deve ou não ser relatado pelo jornalismo. Além disso, o jornalismo pode usar de técnicas textuais para que se consiga passar um efeito de atualidade nas matérias jornalísticas de acontecimentos que sejam inteiramente atuais.

Além disso, o valor-notícia de morte, no caso de Marielle, foi essencial para o protagonismo dela nas matérias. A proximidade temporal do falecimento da ex-vereadora e a comoção que causou na sociedade também foi fundamental para que o nome de Marielle fosse lembrado em tantos textos do jornal e com tanta relevância.

Pode-se entender igualmente que cada uma dessas versões é construída por conjuntos ou camadas de diferentes referências. Por exemplo, a visão da Estação Primeira é uma versão da história oficial, a partir de referências e produções que, conforme a sinopse do enredo, fogem das referências elitizadas que predominam o imaginário brasileiro. Já a versão de *O Globo* é baseada na narrativa da escola e pelas priorizações e critérios do próprio jornal. O que se pode perceber também é que uma nova versão e visão para essa história, a do Brasil, pode ser construída pelo conjunto dessas três narrativas citadas.

Portanto, esta pesquisa, ao lançar olhar para a produção de um dos mais relevantes e reconhecidos veículos de comunicação impresso do Brasil sobre um evento de arte e cultura popular, que tem contornos de espetáculo bastante marcados, e a forma como ele constrói sentidos em sua cobertura jornalística sobre o discurso e as ideias presentes nesses movimentos, mostra como acontecimentos podem ter diversas maneiras de serem abordados e contados, a partir de inúmeras narrativas criadas por diferentes grupos sociais, como uma escola de samba e, principalmente, pelo jornalismo. Esse trabalho possibilita perceber como um meio de comunicação tem como característica essencial atuar na construção e na exposição de discursos e narrativas.

Além disso, este trabalho pode possibilitar próximas pesquisas a responderem muitas outras dúvidas e questionamentos sobre como o jornalismo, ao relatar manifestações artísticas e culturais, consegue produzir sentidos e construir versões e narrativas para passagens da história. De maneira mais específica, este trabalho possibilita que outras produções acadêmicas possam adentrar nos estudos de como a sociedade e, principalmente, o jornalismo se relaciona com o carnaval e outras manifestações artísticas e culturais brasileiras, que muitas vezes são colocados como assuntos e acontecimentos menores por se tratarem de festividades e artes populares, mais presentes nas camadas com menor poder financeiro, prestígio e posição social.

REFERÊNCIAS

A LIESA, Liesa 35 anos. *In*: LIESA GLOBO. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://liesa.globo.com/a-liesa/> Acesso em: 15 de nov. de 2020.

ALFONSO, Luciano. Sentidos construídos sobre arte e museu: a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2015, p. 511-526 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gthistoriaculturals/35CDLucianoAlfonso.pdf> Acesso em: 8 de nov. de 2020

ASSIS, Francisco de. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. **Revista de Estudos em Comunicação**. Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/16586/15974> Acesso em: 2 de janeiro de 2021.

BARICHELLO, Julia. Et al. Jornalismo opinativo: uma análise dos gêneros opinativos no jornal folha de São Paulo. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL/INTERCOM, 20, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...**, Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0697-1.pdf> Acesso em: 8 de maio de 2020.

BATISTA, Tiago José Freitas. O político e o burlesco em Mangueira 2018: arquitetura e sentidos. **Revista Entremeios**. Pouso Alegre, v.16, n. 1, p. 307-326, 2018. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/637.pdf> Acesso em 16 de jun. de 2020.

BEDINELLI, Talita; MARTÍN, María. Assim o carnaval 2018 recuperou o espírito crítico com a classe política no Brasil. *In*: EL PAÍS BRASIL. Rio de Janeiro, 14 de fev. de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/politica/1518446814_565470.html Acesso em: 8 de nov. de 2020

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação *in*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 236-256. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0803-1.pdf> Acesso em: 25 de mar. de 2020.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-163.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492> Acesso em: 30 de mar. 2020

BERGER, Christa. **Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais, as relações entre o movimento sem terra e a Zero Hora**. 1996. 326f. Tese de doutorado

na ECA, USP, São Paulo, 1996. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/berger-christa-campos-1.html#_ftnref1 Acesso em: 19 abr. de 2020.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico Mello Brandão. Tipologias do acontecimento jornalístico. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular. 2010. p. 121-143.

BEZERRA, Danilo Alves. **A trajetória da internacionalização dos carnavais do Rio de Janeiro**: as escolas de samba, os bailes e as páginas das ruas (1946-1963). 2016. 306f. Tese de doutorado em história - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144325> Acesso em: 19 abr. de 2020.

BORA, Leonardo Augusto. Entre bons e maus selvagens: a representação do índio no carnaval brasileiro. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 109-126, nov. 2013. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10219/8003> Acesso em: 14 de ago. de 2020.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88> Acesso em: 13 de out. de 2020.

BRUNO, Leonardo. Leandro Vieira inaugura exposição no Paço sobre o carnaval de Mangueira. *In*: EXTRA. Rio de Janeiro, 13 de jun. de 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/leandro-vieira-inaugura-exposicao-no-paco-sobre-carnaval-da-mangueira-21469617.html> Acesso em: 6 de set. de 2020

CABRAL, Sérgio. **Escolas de samba do Rio de Janeiro**. Brasil. Lazuli LTDA, 2011.

CABRAL, Sérgio. **Mangueira, a nação verde e rosa**. São Paulo. Prêmio, 1998.

CACHAÇA, Carlos; OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de; SILVA, Marília T. Barboza da. **Fala, Mangueira**. Rio de Janeiro: Olympio, 1980.

CARDOSO, Everton; GOLIN, Cida. Cultural journalism in Brazil: Academic research, visibility, mediation and news values. **Sage Publications**, Los angeles, v.10, n.1, p. 69-89, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884908098321> Acesso em: 14 de maio de 2020

CARDOSO, Everton; GOLIN, Cida. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. *In*: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTO, Valérios (Org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/UNISINOS; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010. p. 184-203. E-book Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/economia-da-arte-e-da-cultura> Acesso em: 27 de abril de 2020

CARDOSO, Vicente Magno Figueiredo. **“Saudamos a imprensa e pedimos passagem”**: um estudo sobre midiatização das escolas de samba do Rio de Janeiro. 2008. 105f. Dissertação (mestrado em comunicação). Programa de pós-

graduação em comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=816 Acesso em: 27 de set. de 2020

CARNAVAL carioca dá menos audiência do que o de São Paulo na Globo. UOL. 2019. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/carnaval-carioca-da-menos-ibope-do-que-o-de-sao-paulo--25206>. Acesso em: 2 de jul. de 2020

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **A temporalidade da memória no jornalismo cultural**. 2020. 231f. Tese (Doutorado em comunicação e informação). Programa de pós graduação em comunicação e informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211241/001115416.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 de set. de 2020

CLIFE oficial Mangueira 2019. [S. l.: s. n.], 14 de dez. de 2018. 1 vídeo (4 min 32 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE> Acesso em: 9 de novembro de 2020

COMO funciona o desfile. *In*: IG, 2019. Disponível em: <https://carnaval.ig.com.br/rio/como-funciona-o-desfile-de-uma-escola-de-samba-na-sapucaia/n1597622378071.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2019.

COSTA, Ramiro; GALDO, Rafael; RODRIGUES, Renan. Carnavalesco de Mangueira, Leandro Vieira será comentarista da Globo na Série A. *In*: EXTRA. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/carnavalesco-da-mangueira-leandro-vieira-sera-comentarista-da-globo-na-serie-a-20902853.html> Acesso em: 6 de set. de 2020.

DORNELES, Israel Andrade. **O carnaval como comunicação**: uma análise do samba-enredo "Histórias para ninar gente grande". 2019. 69f. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em relações públicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211954/001115968.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 de set. de 2020

ESTANDARTE de ouro. *In*: MEMÓRIA O GLOBO, Rio de Janeiro, [2020?] Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/institucional/promocoes/estandarte-de-ouro-9261327>. Acesso em: 8 de Abr. de 2019.

FARIAS, Edson. **O desfile e a cidade**: o carnaval-espetáculo carioca. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101441/samba.pdf> Acesso em: 23 de abr. de 2020

FINANCIAMENTO coletivo para realizar exposição no MHN. *In*: MANGUEIRA, [S.I., 2019?]. Disponível em: <http://mangueira.com.br/noticia-detalhada/3087>. Acesso em: 1 de out. de 2020.

GADINI, Sergio Luiz. Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais, principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.8, n.3, p. 233-240, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6138> Acesso em: 8 de jun. de 2020

GLOBO investe no carnaval do Rio de Janeiro e renova compra de direitos para a transmissão dos desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial. *In*: GLOBO IMPRENSA. Rio de Janeiro, 27 de set. de 2019a. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/carnaval-2020/textos/globo-investe-no-carnaval-do-rio-de-janeiro-e-renova-compra-de-direitos-para-a-transmissao-dos-desfiles-das-escolas-de-samba-do-grupo-especial/> Acesso em: 9 de ago. de 2020.

GLOBO transmite ao vivo o desfile. *In*: UOL. 3 de mar. de 2019b. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/03/03/globo-transmite-ao-vivo-o-desfile-das-escolas-de-samba-do-grupo-especial-do-rio-de-janeiro-125535.php>. Acesso em: 15 de abr. de 2019.

GOLIN, Cida. Et al. Jornalismo cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação e Sociedade**: São Bernardo do Campo, v. 32, n. 54, p. 127-147, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2156/2314> Acesso em: 3 de novembro de 2020.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**: como se forma el presente. Barcelona, Paidós, 1991.

GONÇALVES, João Ricardo. et al. Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio. *In*: G1. Rio de Janeiro. 14 de mar. de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml> Acesso em: 4 de set. de 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Matrizes do samba do Rio de Janeiro**: Partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Coordenação: Nilcemar Nogueira. Brasília, DF: IPHAN, 2014. (Dossiê IPHAN, 10). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Arte e patrimônio no carnaval da Mangueira**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2017. Organização: Maria Rosa Correia. Brasília, DF: IPHAN, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mangueira_Final_menor.pdf Acesso em: 12 de jun. de 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KOBAYASHI, Juliana Sayumi; DIAS, Paulo da Rocha. Critérios de classificação dos gêneros do jornalismo diário. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL/INTERCOM, 19., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0046-1.pdf>. Acesso em: 8 de maio de 2020.

LABORATÓRIO DO DISCURSO, IMAGEM E SOM (LADEBIS). **Observatório de Carnaval/UFRJ**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.labedis.mn.ufrj.br/index.php/projetos/observatorio-de-carnaval> Acesso em 1 de setembro de 2020.

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. **GLOBO, O**. In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Rio de Janeiro: FGV, c2009. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>. Acesso em 29 jun.2020.

LOPES, Luís Carlos. Comunicação e museu: o material e o simbólico. **Conexão-comunicação e cultura**. Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p.201-209, 2002.

MANGUEIRA, 90 anos de história. Direção: Carlos Colla e Henrique Lima, Produtora: Carol Rocha. Rio de Janeiro: TV Brasil, 2018. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/doc-brasil/2018/10/mangueira-90-anos-de-historias> Acesso em 23 de ago. de 2020.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular. 2010. Pag.19-43

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento. In: CONFERÊNCIA CURSOS DA ARRÁBIDA/UNIVERSIDADE DE VERÃO, 1997, Santa Catarina, UFSC, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf> Acesso em; 2 de maio de 2020

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Revista Tempo Social**. São Paulo, v.11, n.1, 197-208, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v11n1/v11n1a11.pdf> Acesso em: 6 de maio de 2020.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. **As notícias como procedimento intencional**: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Vega, 1999.

MONTES, Isaac Caetano. A “obra de arte total” das escolas de samba: particularidades de um carnaval operístico. **Textos escolhidos da cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 33-53, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/19180> Acesso em: 13 de set. de 2020

NAME, Daniela. Leandro Vieira e a sobrevivência das imagens. In: REVISTA CAJU. Rio de Janeiro, 6 de mar. de 2020. Disponível em: <http://revistacaju.com.br/2020/03/>

06/leandro-vieira-e-a-sobrevivencia-das-imagens/?fbclid=IwAR0trEMNB8D3hRC7Q3Yky7FnWqwooQznGp_E6cVBKHyDM3VOp8AMm7eaLRU. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

NAME, Daniela; MOUTINHO, Marcelo. "Eu sou a anti-novidade". *In: REVISTA CAJU*. Rio de Janeiro, 20 de fev. de 2019. Disponível em: <http://revistacaju.com.br/2019/02/20/eu-sou-a-anti-novidade/>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

NATAL, Vinicius Ferreira. Os caminhos da memória no batuque do carnaval carioca. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 207-215, 2010. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12036> Acesso em: 25 de set. de 2020

O GLOBO. *In: INFOGLOBO*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91> Acesso em: 20 de nov. de 2020.

O Próximo samba. Diretor: Marcelo Lavandoski, Produtor: Fabrício Coimbra. Rio de Janeiro: Amazon Prime Video, 2018. Via streaming.

OLIOZI, Ana Carolina Cometti. **O carnaval na TV**: análise das transmissões dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro nas telas das TVs Brasil e Globo. 2019. 195f. Programa de pós graduação em mídia e cotidiano. (título de Mestra em Mídia e Cotidiano), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/9668/1/ana%20carolina%20oliozi%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20final.pdf> Acesso em: 21 de out. de 2020

PIZOTTI, Alexandre Moura. **Mangueira**: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes. 2010. 93f. Dissertação (mestrado em geografia). Programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11408 Acesso em: 28 de ago. de 2020

RAYMUNDO, Jackson. Escola de samba: Uma escola do povo negro, o negro enredo do samba. **Revista Arredia**. Dourados, v.1, n.3, 60-73, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/2749/1727> Acesso em: 17 de julho de 2020

REDE GLOBO. **Carnaval globeleza** [Mangueira]. Rio de Janeiro: *Rede Globo*, 5 de mar. de 2019. Programa de TV.

RIO DE JANEIRO (Município). Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. **Melhor carnaval de todos os tempos no Rio**: mais de 10 milhões de foliões e alto índice de aprovação por turistas. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2 de mar. de 2020. Disponível em: <https://prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval-de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folioes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/>. Acesso em: 3 de ago. de 2020.

SILVA, Carlos Eduardo. Estação Primeira de Mangueira: tradição, identidade e simultaneidade. **Revista Sala Preta**. São Paulo, v.16, n.1, p. 55-70, 2016. Disponível

em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/111167> Acesso em: 22 de jun. de 2020

SIMAS, Luiz Antônio; FABATO, Fábio. **Pra tudo começar na quinta-feira**: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

SOARES, Alberto Goyena. Sambódromo: monumento construído e desfile em construção. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 23., 2005, Londrina. **Anais Eletrônicos [...]**, Londrina: Associação Nacional de História, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_17b47d4d77cbac9d06e3dc00dd789bd2.pdf Acesso em: 10 de outubro de 2020.

SOUZA, Tania. Carnaval e memória: das imagens e dos discursos. **Revista contracampo**. Niterói, n. 5, p. 139-158, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17316> Acesso em: 2 de jul. de 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed, 2005b.

ANEXO A – SINOPSE DO ENREDO 2019 DE MANGUEIRA

HISTÓRIA PRA NINAR GENTE GRANDE é um olhar possível para a história do Brasil. Uma narrativa baseada nas “páginas ausentes”. Se a história oficial é uma sucessão de versões dos fatos, o enredo que proponho é uma “outra versão”. Com um povo chegado a novelas, romances, mocinhos, bandidos, reis, descobridores e princesas, a história do Brasil foi transformada em uma espécie de partida de futebol na qual preferimos “torcer” para quem “ganhou”. Esquecemos, porém, que na torcida pelo vitorioso, os vencidos fomos nós.

Ao dizer que o Brasil foi descoberto e não dominado e saqueado; ao dar contorno heroico aos feitos que, na realidade, roubaram o protagonismo do povo brasileiro; ao selecionar heróis “dignos” de serem eternizados em forma de estátuas; ao propagar o mito do povo pacífico, ensinando que as conquistas são fruto da concessão de uma “princesa” e não do resultado de muitas lutas, conta-se uma história na qual as páginas escolhidas o ninam na infância para que, quando gente grande, você continue em sono profundo.

De forma geral, a predominância das versões históricas mais bem-sucedidas está associada à consagração de versões elitizadas, no geral, escrita pelos detentores do prestígio econômico, político, militar e educacional - valendo lembrar que o domínio da escrita durante período considerável foi quase que uma exclusividade das elites – e, por consequência natural, é esta a versão que determina no imaginário nacional a memória coletiva dos fatos.

Não à toa o termo “DESCOBRIMENTO” ainda é recorrente quando, na verdade, a chegada de Cabral às terras brasileiras representou o início de uma “CONQUISTA”. E, ao ser ensinado que foi “descoberto” e não “conquistado”, o senso coletivo da “nação” jamais foi capaz de se interessar ou dar o devido valor à cultura indígena, associando-a “a programas de gosto duvidoso” ou comportamentos inadequados vistos como “vergonhosos”.

Comemoramos 500 anos de Brasil sem refazermos as contas que apontam para os mais de 11.000 anos de ocupação amazônica, para os mais de 8.000 anos da cerâmica mais antiga do continente, ou ainda, sem olhar para a civilização marajoara datada do início da Era Cristã. Somos brasileiros há cerca de 12.000 anos, mas insistimos em ter pouco mais de 500, crendo que o índio, derrotado em suas guerras, é o sinônimo de um país atrasado, refletindo o descaso com que é

tratada a história e as questões indígenas do Brasil. Não fizeram de CUNHAMBEMBE – a liderança tupinambá responsável pela organização da resistência dos Tamoios – um monumento de bronze. Os índios CARIRIS que se organizaram em uma CONFEDERAÇÃO foram chamados de BÁRBAROS. Os nomes dos CABOCLOS que lutaram no DOIS DE JULHO foram esquecidos. Os Índios, no Brasil da narrativa histórica que é transmitida ainda hoje, deixaram como “legado” cinco ou seis lendas, a mandioca, o balanço da rede, o tal do “caju”, do “tatu” e a “peteca”.

Levando em conta apenas pouco mais de 500 anos, a narrativa tradicional escolheu seus heróis, selecionou os feitos bravios, ergueu monumentos, batizou ruas e avenidas, e assim, entre o “quem ganhou e quem perdeu”, ficamos com quem “ganhou.” Índios, negros, mulatos e pobres não viraram estátua. Seus nomes não estão nas provas escolares. Não são opções para marcar “x” nas questões de múltiplas escolhas.

Deram vez a outros. Outros que, por certo, já caíram nas suas “provas”. Você aprendeu que os “BANDEIRANTES” – assassinos e saqueadores – eram os “bravos desbravadores que expandiram as fronteiras do território nacional”. DOM PEDRO, o primeiro, você “decorou” que era o “herói” da Independência, sem que as páginas dos livros contassem a “camaradagem” de um “negócio de família” tão bem traduzido pela frase do PAI do Imperador, que a ele orientou: “ponha a coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça”. Convém esclarecer aqui que os “aventureiros” citados por DOM JOÃO éramos nós, brasileiros, e que a “independência” proclamada – ou programada - foi para evitar que tivéssemos aqui “aventureiros” como Bolivar ou San Martin, patriarcas bem-sucedidos das “independências” que não queriam por aqui.

Como “CABRAL”, o “ladrão”, que roubou o Brasil lá pelas bandas de mil e quinhentos, ou PEDRO I, que através de um acordo “mudou duas ou três coisas para que tudo ficasse da mesma forma”, tem também o Marechal, o DEODORO DA FONSECA, homem de convicções monarquistas – amigo pessoal do Imperador PEDRO II – autor da proclamação de uma República continuísta - sem participação popular - traduzida em golpe e que, na ausência de líderes, mandou “pintar” um retrato do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES, na tentativa de produzir “um personagem pra chamar de seu”.

Se a República foi “golpe”, conclui-se que “golpe” no Brasil não é novidade. Nem é novidade que a natureza dos “golpes” ainda esteja mal contada. A rodovia CASTELO BRANCO “corta” São Paulo com “nome de batismo” em homenagem ao primeiro general “do GOLPE DE 1964”. Para cruzar a Baía da Guanabara em direção a Niterói, lá está a ponte PRESIDENTE COSTA E SILVA, o mesmo que fechou o Congresso Nacional e aditou o AI-5 suspendendo todas as liberdades democráticas e direitos constitucionais. Em Sergipe, em dias de jogos, a bola rola no estádio PRESIDENTE MÉDICI, o general dos “ANOS DE CHUMBO”, do uso sistemático da tortura e dos violentos assassinatos. Nas ruas - por terem lido um livro que “ninou” e não “ensinou” falando da suspensão dos direitos humanos, da corrupção e dos assassinatos cometidos no período – aparecem faixas para pedir “intervenção militar”, décadas depois da redemocratização.

Sem saber quem somos, vamos a “toque de gado” esperando “alguém pra fazer a história no nosso lugar”, quiçá uma “princesa”, como a ISABEL, a redentora, que levou a “glória” de colocar fim ao mais tardio término de escravidão das Américas. Nunca esperamos ser salvos pelos tipos populares que não foram para os livros. Se “heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação” a construção de uma narrativa histórica elitista e eurocêntrica jamais concederia a líderes populares negros uma participação definitiva na abolição oficial. Bem mais “exemplar” a princesa conceder a liberdade do que incluir nos livros escolares o nome de uma “realeza” na qual ZUMBI, DANDARA, LUIZA MAHIN, MARIA FELIPA assumissem seu real papel na história da liberdade no Brasil.

O fato é que a atuação de “gente comum”, ou mesmo a incansável luta negra organizada em quilombos, em fugas, no esforço pessoal ou coletivo na compra de alforrias e em revoltas ou conspirações, já enfraqueciam o sistema escravocrata àquela altura. Entretanto, ensinar na escola o nome de “CHICO DA MATILDE”, jangadeiro, mulato pobre do Ceará (líder da greve que colocou fim ao embarque de escravos no estado nordestino, levando-o à abolição da escravatura quatro anos antes da princesa ganhar sua “fama” abolicionista) não serviria à manutenção da premissa de que as conquistas sociais resultam de concessões vindas “do alto” e não das lutas. A história de CHICO DA MATILDE era inspiradora demais para o povo. Não à toa, seu nome não está nos livros.

Esses nomes não serviram para eles. Para nós, eles servem. Para nós, sentinelas dos “ais” do Brasil, heróis de lutas sem glórias ainda deixados “de tanga” ou preso aos “grilhões”, eles são as ideias que usaremos para “gestar” o que virá. “Engravidados” de novas ideias, jorrará leite novo para “amamentar” os guris que virão. Sabendo outra versão de quem é o Brasil, - não a que nos “ninou” para quando fôssemos adultos – sabendo que CABRAL “invadiu” e que, ao invés de quinhentos e dezenove anos, somos brasileiros há quase doze mil anos. Conhecendo CUNHAMBEBE, a CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS, cientes da participação dos CABOCLOS na luta do 02 DE JULHO NA BAHIA, e sabendo que os índios lutaram e resistiram por mais de meio século de dominação, talvez se orgulhem da porção de sangue que faz de TODOS NÓS, sem exceção, índios. Sabendo que a “bondosa” princesa Isabel deu vez a “Chico da Matilde”, “Luiza Mahin” e “Maria Felipa”, é possível que reconheçam em si a bravura que vive à espreita da hora de despertar e aí, talvez, o “gigante desperte sem ser para se distrair com a TV”.

Cientes de que nossa história é de luta, teremos orgulho do Brasil. Alimentados de leite novo e bom, varreremos de nossos “porões” o complexo de “vira-latas” que fomenta nossa crença de inferioridade. Veremos tanta beleza na escultura de ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA quanto no quadro que eterniza o sorriso da Monalisa. Nos orgulharemos do “tupi” que falamos – mesmo sem saber. Daremos mais cartaz ao saci do que à “bruxa”. Brincaremos mais de BUMBA MEU BOI, CIRANDA E REISADO. Nossas crianças enxergarão tanta coragem no CANGACEIRO quanto no “cowboy”. Vibraremos quando SUASSUNA estrear em “ROLIÚDE” sem tradução para o SOTAQUE de João Grilo e Chicó. Não estranharemos caso o Mickey suba a ESTAÇÃO PRIMEIRA, troque "my love" por "minha nêga" e mande pintar o "parquinho" da Disney com o VERDE E O ROSA DA MANGUEIRA.

MANGUEIRA DIVULGA SEU ENREDO PARA 2019. *In*: MANGUEIRA. Rio de Janeiro, 2018a. disponível em: <http://www.mangueira.com.br/noticiadetalhada/993#:~:text=Segue%20a%20sinopse%20da%20Esta%C3%A7%C3%A3o,%C3%A9%20uma%20%E2%80%99Coutra%20vers%C3%A3o%E2%80%9D>. Acesso em: 16 de jun. de 2020

ANEXO B- SAMBA-ENREDO DE MANGUEIRA 2019**História pra ninar gente grande**

*“Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões
Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês*

MANGUEIRA: Veja a letra do samba-enredo do carnaval 2019 no RJ *In:* G1, Rio de Janeiro, 19 de jan. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de->

[janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/01/19/mangueira-veja-a-letra-do-samba-enredo-do-carnaval-2019-no-rj.ghtml](#) Acesso em: 1 de nov. de 2020

ANEXO C- AS MATÉRIAS O GLOBO

T1- “Mangueira levará o ‘lado B’ da história do Brasil para a Sapucaí”.

Rafael Galdo. Notícia. Rio. 23/06/2018

Carnavalesco vai apresentar versões para fatos que marcaram a história do Brasil

O lado “B” da história do Brasil ganhará a Sapucaí ano que vem no desfile de Mangueira. Sem medo de polêmicas, a escola contará outras versões para feitos atribuídos a personagens como Pedro Álvares Cabral, Princesa Isabel, Dom Pedro I e Marechal Deodoro. A ideia, revela o carnavalesco Leandro Vieira, é mostrar que muito do que se sabe sobre o país tem um quê de “História para ninar gente grande”, como diz o título do enredo da verde e rosa para 2019.

Com essa proposta, ao revisitar marcos como a abolição da escravatura, a independência e a Proclamação da República, Leandro pretende dar o devido reconhecimento a heróis esquecidos. Brilharão na Avenida, entre outros, Cunhambebe, líder dos índios tamoios que resistiram à ocupação portuguesa; Maria Felipa, negra que lutou pela Independência da Bahia; e Chico da Matilde, jangadeiro que comandou o movimento que pôs fim à escravidão no Ceará quatro anos antes da Lei Áurea.

— Na maioria das vezes, as escolas de samba contam a narrativa oficial, que coloca o povo como coadjuvante. A quem interessa isso, sermos ensinados que somos um povo pacífico ou passivo? Vamos mostrar que não é bem assim. A história mostra que nos rebelamos, que as lutas indígenas persistiram e que tentamos abolir a escravidão — afirma o carnavalesco. — Defenderemos, por exemplo, que o termo “descobrimento” é pejorativo, porque antes dos portugueses já tínhamos 12 mil anos de ocupação da Amazônia. Mas o Brasil tem essa história negada, contribuindo para gerar o atual quadro de crise de ideias e de identidade.

Nesse embalo, a verde e rosa advogará que a independência foi um negócio tramado pela família real, para abafar anseios revolucionários. Em vez de Dom Pedro I montado num cavalo às margens do Ipiranga, mostrará o então príncipe-regente em cima de uma mula, com dor de barriga — conforme uma corrente de historiadores sustenta. Chamará a Proclamação da República de um golpe continuísta, em que o primeiro presidente, Marechal Deodoro da Fonseca, tinha

convicções monarquistas. E apontará o dedo para algozes da ditadura militar que, hoje, dão nome a rodovias e estádios de futebol.

— É unânime dizerem que o Brasil deu errado. Não penso assim. A atual sociedade racista, machista e que não valoriza a cultura brasileira é resultado de um plano que deu certo. O Brasil precisa dar errado, começar a contrariar esse plano — afirma o carnavalesco.

No ano passado, a Mangueira já tinha apresentado um enredo político em que defendia a valorização da cultura popular enquanto fazia críticas diretas ao prefeito Marcelo Crivella.

T2- “Tira a poeira dos porões”.**Ancelmo Gois. Coluna. Rio. 23/08/2018**

[...]Pelo menos uma das músicas que concorrerá a samba-enredo de Mangueira (a disputa começa em setembro) em 2019 fará menção a Marielle Franco, a vereadora cruelmente assassinada. O enredo da verde e rosa será sobre a história não (ou quase nada) contada do Brasil, e seus heróis. A letra diz: “Brasil chegou a vez/ De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês/ Mangueira, tira a poeira dos porões/ Ô abre-alas pros seus heróis de barracões/ Dos Brasis que se faz um país/ De Lecis Jamelões/ São verde-e-rosa as multidões”[...]

T3 “Amanhecendo com a Mangueira”.

Luiz Antônio Simas. Coluna. Rio. 2/10/2018

Escrevo na madrugada de domingo, chegando da quadra da Estação Primeira de Mangueira, imaginando que amanhecerá no Brasil. Deliro iaôs cobrindo com folhas de pitangas o nosso solo fértil, macaia das solidões compartilhadas. Ogãs preparam o balaio das iabás, aquele que será ofertado às moças na quebrada do sol, onde o mar afaga o céu e o mundo. O presente encontrará seu destino naquela hora em que os valentes sonham, feito as crianças que escutam as histórias dos jangadeiros liderados pelo Dragão do Mar de Aracati.

Ossain preparará um banho com as folhas mais cheirosas; Vunji convidará os meninos; Angorô, que é também Oxumarê, inventará improváveis arcos-íris; Gongobira encherá de peixes coloridos a lagoa de águas escuras, densa como a floresta e misteriosa como o sertão de onde o Cariri trará a carne saborosa da caça. O senhor da guerra forjará no ferro em brasa cimitarras, adagas e, sobretudo, ferramentas de inventar o mundo. Um cortejo de cabras, pombas e caramujos precederá o afoxé que chegará ao som dos ijexás. Tem caruru no fogo.

E começará o ritual: os corpos terão que ser fechados ao projeto domesticador, normatizador e disciplinador que se inscreve no domínio colonial, aquele que exige corpos adequados para o consumo e para a morte em vida; a pior que há. Saravamos os mortos que vivem valentemente galopando seus cavalos (de santo); choramos os vivos que são mortos sem cavalo, sem galope, sem vento ou ventania.

Falaremos com outras vozes ou nos calaremos para sempre: elas serão musicadas, sambadas, atravessadas de batuques-toques e tarantantãs. E evocaremos a sabedoria dos “cumbas”, poetas do feitiço das palavras do velho Congo, nas artimanhas de tecer encantarias de liberdade no desvão do mundo. Com o coração na pancada do surdo.

E cantaremos com a Mangueira, e pediremos a São Longuinho para que a gente consiga encontrar o Brasil. Aquele que eu não sei se existiu algum dia ou se viveu apenas nos meus afetos e afeições de menino e projeções de moleque: o país que navegava o Rio Doce, que delirava fraseados de Pixinguinha, dobrava o rum para Ossain dramatizar o encantamento das folhas, se banhava na volta grande do Xingu, arreliava o tempo no ronco do fole de Seu Luiz Gonzaga, brincava nos aros

da lua de João do Vale, adormecia João Valentão no manto da noite, laralaiava com Ivone Lara e comemorava o gol na geral do maior do mundo.

Nossa peleja precisa ser levada, como vivência, reflexão e ação, para o campo dos saberes onde os desencantadores não sabem jogar. Para cada discurso empedernido, raivoso, insano, misógino, cruel, uma gargalhada zombeteira soará no vento, marafando três letras e corporificando a palavra da salvação como encruzilhada de três caminhos: Não.

Vai amanhecer e a Mangueira do enredo de Leandro Vieira lembra, para que eu não me esqueça de contar pro meu filho, que somos a terra dos caboclos de julho, dos tamoios, de Maria Filipa, Luiza Mahin, Chico da Matilde e de tantos heróis não emoldurados. Urge afirmar, contra os preconceitos mais mesquinhos, o Brasil que acalentamos. O nosso Congo Ameríndio de macaias, aldeias, botequins, ocas, calundus, jongos e avenidas. Com a proteção de Zambi, dos santinhos das novenas, do Cristo miudinho, de Villa-Lobos e das mães do samba.

T4 “Ato Distribui 1,7 mil placas em homenagem a Marielle no centro”.**Adalberto Neto. Notícia. País. 15/10/2018**

[...]Na madrugada de ontem, a Mangueira escolheu seu samba para o carnaval de 2019. A composição vencedora faz uma citação a Marielle, num samba que retrata a história do Brasil do ponto de vista de segmentos oprimidos da sociedade ao longo dos anos e de quem lutou por justiça social.[...]

T5 “O Brasil tem desprezo por sua história”.**Marina Caruso. Entrevista. Segundo Caderno. 22/10/2018**

Depois do enredo que pôs Crivella na berlinda, Leandro Vieira planeja outro desfile crítico. Em 2019, o carnavalesco de Mangueira vai colocar personalidades da escola para encarnar heróis populares 'que não tiveram reconhecimento merecido'

Quando a Mangueira surgir na Avenida no Carnaval do ano que vem, o público verá Nelson Sargento encarnando Zumbi dos Palmares, Leci Brandão na pele da líder negra Luíza Mahin e Alcione como Dandara, a mulher de Zumbi, que também lutou pela libertação dos escravos. Carnavalesco da escola há quatro anos, Leandro Vieira vai fazer do desfile uma aula, jogando luz sobre heróis populares que, a seu ver, não tiveram o merecido reconhecimento na história do Brasil. “Se a figura de Nelson Sargento despertar em uma pessoa o interesse em saber mais sobre Zumbi, que hoje é vítima até de fake news, terá valido a pena”, diz. “Vivemos um momento controverso do ensino. A proposta de retirar das escolas o pensamento crítico é um crime!”.

Nascido no Jardim América e criado na Ilha do Governador, Leandro é formado em Belas Artes pela UFRJ e, atualmente, aos 32 anos, se tornou o artista mais importante do carnaval do sambódromo. Por meio da cultura popular, dialoga com mundo contemporâneo. Foi assim no enredo deste ano, “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”, em que falou sobre os famosos blocos de rua do Rio para criticar a falta de apoio de Crivella ao carnaval (o prefeito reduziu à metade a subvenção às escolas de samba). Assim será em 2019, quando além de propor um acerto de contas entre o Brasil e sua história, falará do assassinato de Marielle Franco, um crime recente e ainda sem solução. “O enredo vai dar representatividade à mulher, e negra, pois o próprio movimento negro foi machista na hora de escolher seus símbolos máximos”.

O samba escolhido pela Mangueira, no sábado retrasado, era o seu preferido?

Eu gostava da safra, mas este (de Deivid Domênico e parceiros) me chamou atenção por falar nomes. Se falo em Luíza Mahin, é importante que o nome dela seja dito para despertar o interesse do público. Se vou desmistificar personagens históricos, é essencial dizer “que a liberdade não veio do céu nem das mãos de Isabel” (trecho do samba), consagrada como a libertadora.

Qual a importância de homenagear Marielle e falar sobre os “anos de chumbo” (citados no samba), num momento em que tem gente negando a ditadura militar?

A sociedade brasileira tem desprezo pelo conteúdo histórico e, por isso, está condenada a repetir erros. A anistia ampla, geral e irrestrita fez com que torturadores que participaram desse processo antidemocrático não fossem punidos. Isso faz com que o brasileiro tenha uma imagem distorcida sobre o que foi o regime militar e os benefícios da democracia.

Por isso o nome do enredo, “História para ninar gente grande”?

Sim, porque a nossa História não dá representatividade ao povo. A história oficial nos ensinou que alguém a fez em nosso lugar: Dom Pedro I realizou a Independência do Brasil; Princesa Isabel, a abolição da escravidão. Não foi bem assim. Há um bastidor de lutas, personagens históricos desprezados com interesse de diminuir a participação popular e o protagonismo de pessoas comuns.

Aquela história de país sem memória...

Somos mesmo um país sem memória. Se fizeram história em nosso lugar, isso reflete no descaso coletivo com o patrimônio público. Não temos a ideia de pertencimento: o museu não é nosso; a praça não é nossa; o ponto de ônibus não é nosso. O enredo quer mostrar que tudo isso é nosso, sim, que existiam líderes indígenas que assumiram resistência desde 1500, líderes negros desde o primeiro momento em que o processo de escravidão se deu no Brasil.

Depois de criticar Crivella, a Mangueira faz do enredo uma aula de história. Carnaval é política para você?

Para além da crise política, o Brasil vive uma crise de identidade, pela ausência de informação sobre o que somos. Numa sociedade que discute mal a demarcação das terras indígenas e a questão quilombola, acho importante uma escola de samba, território de minorias, se posicionar a favor delas e reassumir o papel de liderança popular. Tudo é política, mas até isso está difícil de debater. A política foi reduzida ao partidarismo. Se carnaval é arte, tem que ser político. O desfile das escolas perdeu quando passou a ser mero entretenimento, porque é um consumo curto, como um pacote de biscoito.

Em 2017, você vestiu a porta-bandeira de Nossa Senhora, misturou Jesus e Oxalá. Considera-se polêmico?

O enredo (“Só com a ajuda do santo”) dialogava com o universo político-religioso que está levando o Rio à Idade Média. Colocar porta-bandeira de Nossa Senhora ou prefeito de Judas não é polêmica, é cultura popular. Meu trabalho está do lado do Brasil, dos heróis populares. Carnaval não é espaço para assinar embaixo da ordem, mas para vislumbrar novas possibilidades. Não sou uma pessoa obcecada pela novidade, mas sim pela reflexão.

A Liesa é conservadora, e o Chiquinho (presidente de Mangueira), é deputado. Já sofreu censura?

Falam, “ah, o Chiquinho é político, e de direita”. Mas é ele quem me permite fazer tudo isso. Temos divergências políticas, mas ele sabe que administra uma instituição cultural e entende as nuances artísticas que existem. Bancou comigo o Crivella de Judas e o Cristo-Oxalá.

Acha que os políticos cariocas no poder atualmente não entendem o carnaval?

As pessoas têm uma visão errada do que é o carnaval e o desfile das escolas, acham que são coisas de preto e pobre. A visão do carnaval enquanto festa, com a qual o prefeito compactua, é tolice. É, sim, cultura popular, um dos maiores símbolos da cultura brasileira. Merece o mesmo investimento que existe para o teatro e o cinema. E não é uma despesa para o Rio, mas uma receita, um negócio fundamental. Qualquer outro país entenderia essa vocação. A Disney é um parquinho que movimenta milhões. Mas me sinto desafiado em fazer carnaval em período de escassez.

Acha que vai ter clima para pular carnaval pós-eleições?

Não sei se para pular, mas para resistir, manifestar-se com alegria, vai. Num momento em que o país está em cólera, o samba de Mangueira começa com a frase “Brasil, meu nego deixa eu te contar”. Existe um pensamento de acalanto, o enredo é uma espécie de farol para possíveis dias de escuridão. Ano passado, o carnaval de rua do Rio mostrou que essa efervescência não precisa do apoio do prefeito para acontecer, inclusive a falta de apoio serve de combustível para a criatividade do povo. O carnaval é resistência. Sempre vai ter carnaval, queira ou não queira.

Vai continuar em Mangueira depois do carnaval? Dizem que iria para a Portela...

Tenho compromisso com o presidente até 2019, quando termina o mandato dele. Não sei quem será o próximo presidente e se essa pessoa me dará as

mesmas liberdades. Não posso falar em permanência nem em saída. Gostaria de continuar. Não estou interessado em ganhar dinheiro, mas em produzir arte. Quero me expandir, e em Mangueira encontrei o terreno mais fértil para jogar essas sementes. Estarei em qualquer lugar onde tiver liberdade, que é o que faz as coisas serem grandes.

T6 “Lado B da nossa história na Sapucaí”

Bernardo Araújo. Nota. Segundo Caderno. 27/10/2018

Na madrugada de 4 de março de 2019, segunda-feira, a Sapucaí vai cantar com a Mangueira: “Atrás do herói emoldurado / Mulheres, tamoios, mulatos / Eu quero um país que não está no retrato”. Os versos do samba de Deivid Domênico e seus parceiros musicais são para o enredo “História pra ninar gente grande”, criado pelo carnavalesco Leandro Vieira — campeão do Grupo Especial em 2016, seu ano de estreia na escola verde-e-rosa.

Desta vez, Vieira lança um olhar crítico para a História do Brasil ensinada nos livros escolares, apresentando personagens ocultos, mas também releituras de figuras icônicas cuja reputação muitas vezes são obras de ficção.

Abaixo, veja em primeira mão os protótipos das versões desconstruídas que vão passar pela avenida, com as definições do próprio carnavalesco.

Tiradentes messiânico (imagem acima)

Construído à imagem e semelhança de Cristo, o mito do inconfidente foi forjado pelos republicanos. Na ausência de líderes populares para seu novo regime, eles encontraram na figura do alferes morto cem anos antes um personagem de apelo entre o povo brasileiro.

Pedro Álvares Cabral como irmão metralha

Cabral, que na visão eurocêntrica é apresentado como descobridor do Brasil, ganha um contorno caricaturado, uma versão que o associa ao “ladrão” tão bem difundido no imaginário popular através do uniforme de presidiário.

Dom Pedro I em versão jocosa

Uma alegoria cômica, mais apropriada à independência que foi um acordo de pai para filho, bem traduzida na frase dita por Dom João VI ao Dom Pedro: “Se o Brasil vier a se separar de Portugal, Põe a coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela”.

Marechal Floriano contraditório

O militar de aura abobalhada representa a República que nasce sem participação popular, proclamada por um monarquista e amigo pessoal do Imperador Pedro II.

Dom Pedro II heroico

A versão do bravo “pai da Independência” foi construída por seu filho, Pedro II. Para difundir o ideário da monarquia brasileira, buscou em Pedro I a figura de um herói digno de idolatria.

T7 “O sorriso e a voz que encantaram Veríssimo e a Mangueira”.**Bruno Alfano. Reportagem. Rio. 16/11/2018**

[...]"Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês", diz o samba de Mangueira de 2019. Mas não só elas. Também chegou o momento de ouvir Cacá Nascimento, a menina de 11 anos que encantou Luiz Fernando Veríssimo e a verde e rosa. [...]

Foi por meio de um vídeo que Veríssimo, lá de Porto Alegre, onde vive, conheceu Cacá. A mulher dele Lucia Helena Massa, encontrou a gravação da menina cantando ao lado dos compositores do samba-enredo e mostrou a apresentação ao escritor, que se apaixonou.

[...] Na quadra da escola, ao pé do Morro da Mangueira, a pequena cantora já havia feito os integrantes da verde e rosa se emocionarem. Para uma quadra lotada, Cacá Canto, sozinha, a primeira parte do samba que vai embalar o desfile da escola na Sapucaí.

O enredo da escola para 2019- "história para ninar gente grande- vai contar na avenida o lado b da história brasileira. A proposta é contar a trajetória de personagens pouco conhecidos pela sociedade. Um deles é Cunhambebe, líder dos índios tamoios que resistiram à ocupação portuguesa. Maria Felipa, negra que lutou pela independência da Bahia, também estará na Sapucaí ao lado de Chico da Matilde, jangadeiro que comandou o movimento que pôs fim à escravidão no Ceará quatro anos antes da Lei Áurea. Dos tempos modernos, a Mangueira vai homenagear a vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março.

- A Cacá é uma guerreira como Marielle- compara o pai da menina.

Cacá só ouviu falar da vereadora após a sua morte. O pai também não conhecia a política, mas fez questão de explicar à filha que Marielle era uma defensora dos direitos humanos.

-Eu perguntei, e ele me explicou quem era ela- conta a menina.

Mas foi Deivid Domênico, um dos compositores do samba-enredo, que incentivou Cacá a cantar. [...]

T8 “Heróis afros pouco conhecidos ganharão a Sapucaí no carnaval”.**Renan Rodrigues, Rafael Galdo. Reportagem. Rio. 21/11/2018**

Mangureira levará para a Avenida personagens do lado B da história brasileira. Segundo carnavalesco, objetivo do enredo da verde e rosa é despertar a consciência.

Em 1770, uma escrava piauiense escreveu uma das cartas mais antigas de denúncia de maus-tratos contra os negros que se tem registro no Brasil. O texto, entregue ao governador da província do Piauí, resultou na libertação de inúmeros escravos e fez com que essa mulher, após a morte, recebesse o título de advogada pela OAB do Piauí. Essa é a trajetória de Esperança García, uma das personagens que serão retratadas no desfile de Mangureira no próximo carnaval. A escola levará à Avenida o lado B da história do Brasil, de tantos heróis pouco conhecidos, às vezes esquecidos da narrativa oficial. Muitos deles negros, o que reforça a importância do dia da consciência negra, celebrado ontem, com eventos como o cortejo da Tia Ciata.

Além de Esperança García, o carnavalesco Leandro Vieira representará em alas e alegorias figuras como Dandara, mulher de zumbi e guerreiro da luta contra a escravidão; Luisa Mahin, líder do levante dos negros e malês em Salvador; e Luiz Gama, advogado, jornalista e patrono abolicionista.

- O que o enredo quer fazer é despertar a consciência- afirma Leandro.

No caso de Esperança García, o presidente da ONG Educafro, Frei David, lembra que a então escrava percebeu que várias pessoas eram escravizadas de forma ilegal, ferindo leis internacionais:

- Por ser uma pessoa sábia, fazia petições ao governador do Piauí exigindo libertação de escravos. E ele libertou várias pessoas por isso.

Se ainda ronda no barracão mangueirense o mistério sobre uma homenagem à Marielle Franco, assassinada no Rio e citada no samba enredo da verde e rosa, não há dúvidas quanto ao espaço reservado a Chico da Matilde, que, na visão de Leandro Vieira, ficou a sombra da princesa Isabel reconhecida como heroína pela assinatura da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil em 1888. Chico, também conhecido como Dragão do Mar, foi um dos líderes responsáveis pela abolição de escravidão no Ceará em 1884, antes de assinatura da Lei Áurea.

Apesar da busca por personagens pouco conhecidos, o enredo reservou espaço também para zumbi dos Palmares, um dos pioneiros na resistência contra a

escravidão, líder do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial.

- Não pude deixar de fora a figura dele porque é a mais importante da luta negra.

T9 “Gravações acertam o tom, sem overdose de purpurina”.**Bernardo Araújo. Notícia. Segundo Caderno. 3/12/2018**

[...]Entre temas que vão da autorreferência ao passar do tempo, das frestas na história do Brasil a um encontro de escritores no Ceará, a safra 2019 de sambas-enredos do Grupo especial ratifica o bom momento que vive o gênero. [...]

[...] Sucesso já no pré-carnaval, "história para ninar gente grande", de Mangureira, arrepia ao citar "Marias e Marielles" (referindo-se à vereadora assinada Mariele franco), mas talvez sua força esteja mais no conteúdo político (e necessário) do que na canção em si. [...]

T10 “Dois lados”.**Marina Caruso. Coluna. Segundo Caderno. 10/01/2019**

Duas escolas vão falar da Princesa Isabel em seus enredos no carnaval 2019. Na Vila, ela é protagonista da abolição da escravatura, como conta a história oficial do Brasil; em Mangueira, aparece como coadjuvante. Edson Pereira, da Vila, e Leandro Vieira, da verde e rosa, explicam deus pontos de vista.

Qual a importância da Princesa Isabel?

[...] A construção heroica em torno da Princesa Isabel reflete o nosso racismo. O protagonismo dela frente à abolição foi nulo, se comparado à atuação negra. Infelizmente, ela ganhou a "capa do livro". [...]

E o papel do negro na luta pela Liberdade?

[...] É dele o protagonismo. Bote nós livros os nomes de Aquilino, Acotirene, Dandara, José Piolho, Zeferina, Mariana Crioulo, etc., e o papel do negro está contado. [...]

O carnaval sempre optou por contar a história oficial. O que acha disso?

[...] Discordo. Sempre optou por um ponto de vista, oficial ou não. Carnaval é cultura popular viva. Com a crise de valores que o Brasil atravessa, a matéria que faz o carnaval assume sua natureza contestadora. [...]

T11 “O drama de Mangueira”.**Marina Caruso. Coluna. Segundo Caderno. 30/01/2019**

[...] Faltam 32 dias para o desfile das escolas de samba no carnaval da Sapucaí, e a Mangueira enfrenta um drama financeiro sem precedentes - que tem atrasado, e muito, o trabalho no barracão da verde e rosa, na cidade do samba.

Os salários dos funcionários (do carnavalesco aos aderecistas) estão atrasados há meses e falta de dinheiro para comprar material para a confecção de fantasias e adereços. As contas da escola estão bloqueadas por causa de dívidas de gestões anteriores e até agora não pingou a verba prometida pela prefeitura. A Mangueira corre contra o tempo para colocar o seu desfile de pé. [...]

T12 “Quem não seguiu o mendigo Joãozinho Beija-Flor”.**Aydano André Motta. Reportagem. Segundo Caderno. 7/02/2019**

[...] Entre os carnavalescos que Felipe aponta como "herdeiros dessa tradição narrativa estão Roberto Sznieck (várias passagens na Grande Rio), Leonardo Borba e Gabriel Haddad (a dupla da acadêmicos do Cubango), Jack Vasconcelos (Paraíso do Tuiuti) e Leandro Vieira (Mangueira).

Há quatro anos na verde-e-rosa, Vieira foi campeão logo em seu ano de estreia, 2016. Para 2019, ele vai levar para o sambódromo o enredo do "História para ninar gente grande", que homenageia heróis populares e propõe uma releitura crítica de figuras como Tiradentes e Dom Pedro II.

Com 32 anos, Vieira também não viu o desfile de 1989 ao vivo, mas celebra a ousadia de Joãozinho naquele e em outros carnavais. [...]

T13 “Abre a senzala”.**Carlos Andreazza. Coluna. Opinião.19/02/2019**

[...] Há também o caso do samba de Mangueira, segundo o qual, no Brasil, desde 1500, teria havido "mais invasão do que descobrimento"- isto a ser entoado por uma escola em cuja a quadra, não faz muito, havia passagem secreta para livre trânsito de traficantes. A obra é uma beleza. Uma ode à hipocrisia, mas uma beleza. Houve quem a apregoasse até como hino do Brasil. Decerto porque faz homenagem a Marielle Franco. Tomo, contudo, a liberdade de propor uma reflexão aos mistificafos.

Marielle foi exterminada pelo escritório do crime, braço matador da milícia criada para servir às necessidades facínoras de bicheiros e políticos, sócios cuja articulação concebeu algo como a Liesa, produto cultural de intendência militar aplicada à lógica da contravenção, e fomentou a existência pública de líderes como o atual presidente de Mangueira, deputado estadual e preso, agente do esquema que sequestrou o estado do Rio via Alerj, o sujeito que paga ao carnavalesco badalado que criou o enredo que celebrará Marielle- e que entenda apostando na alienação.

Quem matou Marielle?

Quem matou Marielle organiza o gurufim. [...]

T14 “Carnavalizar é preciso”.**Marcelo de Mello. Coluna. Opinião. 27/02/2019**

Imagine uma família norueguesa residente há pouco no Rio que precisa arrumar o filho para uma festa de carnaval na escola. Provavelmente, não vestiria a criança com roupas cotidianas porque sabe que se trata de momento de exceção. A ideia de que folia é excesso — estético, sexual, étílico — para compensar o dia a dia contido está no imaginário ocidental. Quando a Igreja Católica determinou o período da quaresma, acabou dando motivo a abusos para contrabalançar o tempo de abstinência a seguir. Ao comportamento exagerado correspondem alegorias de ornamentação abundante e sambas cheios de palavras do “campo semântico do esplendor”, definição da pesquisadora Rachel Valença.

Agora imagine um figurinista, cenógrafo ou bailarino clássico morador do Rio convidado a fazer carnaval. Não necessariamente criaria algo barroco. Enquanto a família norueguesa seguiria o código de vestimenta se quisesse integrar o filho aos colegas, um artista local poderia se sentir à vontade para impor sua estética, supondo dar grande contribuição por vir de ambiente mais abonado do que o do samba. Faria um espetáculo mais “limpo”. Mas “limpar” o visual na Sapucaí mal esconde a presunção de superioridade de quem domina artes de maior prestígio e ignora o óbvio: os desfiles têm estilo exuberante há décadas.

Todo ano, algo que por si só não agrega valor cria expectativa. Seja “efeito especial”, teatralização ou conteúdo político. Espera-se que a homenagem da Mangueira a Marielle Franco no enredo deste ano — sobre personagens não reconhecidos pela história oficial — empolgue, mas o carnavalesco Leandro Vieira não vai se garantir apenas na empatia da personagem; certamente pensa em como a imagem dela comporá uma cena bonita. Ela tinha sorriso luminoso, cabelo farto e vestia muitas cores. Tudo a ver com o carnaval e, diante da brutalidade do assassinato, não é pecado notar que seu rosto dá samba. Frida Kahlo, de vida sofrida, também é ícone por apelo estético e ideológico.

Carnavalizar Marielle não é se apropriar de sua militância para fazer alegoria. Mas necessário porque assim é a estética do desfile. Por outro lado, achar a correção política valor isolado é equivoco. O samba da Mangueira de 2019 é tão bonito quanto o de 1962 (“Casa-grande e senzala”), que tem versos de dar urticária na esquerda: “...Pretos escravos e senhores/ Pelo mesmo ideal irmanados...”. Uma romantização esquizofrênica da escravidão que expressa o clássico de Gilberto

Freyre em que se baseou o enredo. Num trecho do livro, o sociólogo diz que “verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e sentimentos. Predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo, os das casas-grandes.”

O momento em que as escolas de samba estão inseguras pela falta de verba abre espaço a propostas que ignoram a natureza da festa e iludem até quem deveria estar atento a isso. Ano passado, os jurados deram à Beija-Flor — que exaltou a ditadura militar nos anos 1970 e Lula em 2003 — o título mesmo com alegorias quase sem ornamentação e alguns componentes de roupa cotidiana, sob a justificativa de denunciar o drama brasileiro. Achar que na Sapucaí se pode dispensar a fantasia não está muito longe de abrir mão do próprio carnaval, alegando que só são importantes saúde e educação. Estas, não se discute, são prioridades — e tão fundamentais que podem ser vistas como pré-requisitos para ser feliz, e não como um fim em si.

Em situação alguma, apenas o básico satisfaz. Doentes precisam de remédios e exames, mas a visita dos Doutores da Alegria faz bem à saúde. Seria uma pena se a direção do hospital julgasse sua presença uma futilidade. E moradores de favela veem sentido em juntar trocados para ir ao Maracanã e pintar as unhas. Carnavalizar é preciso porque ninguém suporta a vida sem alguma evasão. E quem não entende isso reduz a condição humana a pouco mais do que o meramente fisiológico.

T15 “A espera de 10 momentos imperdíveis”**Renan Rodrigues, Rafael Galdo. Notícia. Rio. 3/03/2019**

[...] Legenda de foto: para emocionar. Ensaio técnico de Mangueira, que guarda um segredo a sete chaves para o desfile deste ano.

Uma misteriosa homenagem para Marielle Franco.

Alguns segredos resistem mesmo em tempos de redes sociais, e um só será revelado na Marquês de Sapucaí m quem o guarda é a Mangueira, que faz mistério sobre uma homenagem à vereadora Marielle Franco, assinada com o motorista Anderson Gomes em março do ano passado. Ela é lembrada no samba-enredo da verde e rosa, que menciona heróis esquecidos pela história oficial brasileira. Uma coisa é certa: a viúva de Marielle, Mônica Benício, que apareceu no ensaio técnico, estará na passarela.[...]

T16“Mangueira: a história do Brasil recontada”.**Reportagem. Revista Ela. 3/03/2019**

No desfile de Mangueira, personagens da história oficial, como Dom Pedro I e Princesa Isabel, terão a estética da caricatura. Já os heróis esquecidos dos livros didáticos, como Luisa Mahin ou Chico da Matilde, ganharão contornos épicos. É porque a verde e rosa pretende contestar as versões de alguns feitos ensinados nas escolas, para exaltar outros que nem sempre são reconhecidos. Chico da Matilde, por exemplo, foi um jangadeiro que liderou um movimento fundamental para a abolição da escravatura no Ceará em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea da Princesa Isabel. O personagem terá um carro alegórico para lembrar suas façanhas

Personalidades mangueirenses vão representar alguns dos personagens escolhidos pelo carnavalesco Leandro Vieira. Alcione será Dandara e Nelson Sargento, Zumbi dos Palmares. Há a rainha de bateria Evelyn Bastos se vestirá como uma poderosa Esperança García, escrava que foi considerada a primeira advogada do estado do Piauí.

Um momento aguardado é como a escola fará referência a Marielle Franco, morta ano passado e citada no samba.

T17 “Heróis de Mangueira vencem o estandarte”**Notícia. Rio. 6/032019**

Legenda de foto: o primeiro carro alegórico de Mangueira valorizava a cultura e história indígenas: escola, que venceu Estandarte de Ouro, levou para Avenida enredo com forte crítica política e social.

[...]Além de melhor escola, a verde e rosa conquista os prêmios de sambas-enredo e porta-bandeira.

Uma aula de história e de samba. Ao recontar a trajetória de índios e negros, a Estação Primeira de Mangueira emocionou o público e seus componentes, conquistando o Estandarte de Ouro de melhor escola do grupo especial na 48ª edição do prêmio concedido pelo GLOBO e pelo Extra. Na opinião dos jurados, a verde e rosa fez um desfile completo, em que tudo funcionou, desde as escolhas do enredo e do samba, passando pelas alegorias e fantasias, até o desembarque na Avenida de seu carnaval empolgante e crítico, que levantou a arquibancada da Sapucaí ao homenagear a vereadora Marielle Franco, assassina em 14 de março do ano passado.

A verde e rosa foi a agremiação mais premiada este ano, arrebatando também os Estandartes de melhor porta-bandeira, com squel, e melhor sambas-enredo para Deivid Domênico, Thomaz Miranda, Silvio Moreira Filho (o Mama), Márcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino. Segundo o júri, além de trazer para o carnaval uma das melhores letras da história dos sambas-enredo, a Mangueira apresentou uma bela melodia, que fugiu de clichês.

- Este é o trabalho de muita gente. É bom se reconhecido pelo Estandarte. Mais importante do que ganhar prêmios é se sentir orgulhoso do trabalho apresentado na Avenida - comentou Leandro Vieira, carnavalesco da verde e rosa.[...]

T18 “Mascará de oxigênio”

Maria Ribeiro. Coluna. Segundo Caderno. 6/03/2019

Se eu tivesse coragem eu não escrevia nada. Abria aspas e simplesmente reproduzia o hino novo. Que tá muito lindo. E que finalmente inclui "os versos que o livro apagou", pois é. Já não era sem tempo. Demorou, mas pelo menos valeu a espera. Ah, você ainda não sabia? Que o hino nacional tinha mudado? Então... Mudou. Ontem foi o primeiro dia. Não sei se saiu hoje no "Diário Oficial" ou se só sai na segunda-feira, mas a partir da próxima segunda já pode cantar na escola. Sim, pode gravar. Junto com aquela goteira ou com aquela quadra de esportes caindo aos pedaços. Sim, pode mandar pro ministro da educação. Não. Sem maiúscula. Que o meu teclado se recusa. Que ele é voluntarioso com essa coisa do tamanho da letra. Não, não tem um trecho específico. Pra gravação. Eu sugiro "desde mil e quinhentos tem mais invasão do que descobrimento". Ou então: "eu quero um país que não tá no retrato". Ou, mais importante ainda: "tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado".

Um país que não tá no retrato. Aliás, um país, só, não. Um país e uma gente. Um país, uma gente e um futuro. Porque este futuro de 2019 veio com a embalagem errada.

Sim, meu nego. A Mangueira chegou. E chegou como aquele início de ano perfeito, com a gente diante do jornal, ou da TV, ou do celular - de preferência com o amor da vida - assistindo à posse de homens e mulheres valorosos chegando a Brasília pra representar quem mais precisa: mulheres, negros, índios e pobres. Homens e mulheres que diante de tragédias como a de Brumadinho iriam pessoalmente acompanhar o trabalho dos bombeiros, e que frente ao luto de um ex-presidente que perdeu seu neto de 7 anos se comportariam com empatia e respeito. Homens e mulheres que certamente parariam o país numa quinta-feira de março quando completaria um ano de assassinato de uma vereadora covardemente assassinada, e diriam: "nada acontece enquanto este crime não for resolvido".

Mas, não. Marielle Franco foi morta há quase 365 dias e até hoje não sabemos quem a matou. Aliás, não só sabemos o autor dos tiros que a alvejaram - e também ao motorista Anderson Gomes -, como convivemos com personagens que desrespeitam sua memória. Na madrugada de ontem, enquanto a vereadora era homenageada de forma emocionante por uma escola de samba do Rio de Janeiro,

os deputados que posaram sorrindo com a placa de Marielle quebrada - quebrada propositalmente por eles - passeavam tranquilamente na Marquês de Sapucaí com seus crachás de homens do poder. Em seus peitos, lia-se "trânsito livre". É isso mesmo que você leu: trânsito livre.

É, meu prezado carnaval... Hoje você chega ao fim, e chega ao fim tendo feito as vezes de máscara de oxigênio. Hoje, nesta quarta-feira de cinzas de um país alagado, injusto e violento - e que durante quatro dias foi bonito graças a Pitangas, Leandros e Marielles -, pego sua coragem emprestada para atravessar 2019 como se fosse um ano novo.

T19 “Mangueira vence o Estandarte de Ouro”**Capa. Rio. 6/03/2019**

Legenda de foto: penúltima a entrar na avenida no segundo dia do Grupo Especial, a Mangueira representou as minorias no pavilhão nacional, que ganhou as cores da escola: desfile arrebatou o público.

A verde e rosa fez crítica social e política, homenageou Marielle Franco, resgatou heróis da história e venceu três categorias do estandarte de ouro: melhor escola, samba e porta-bandeira.

T20 “Atrás da verde e rosa”.**Marina Caruso. Coluna. Segundo Caderno. 06/03/2019**

[...]Foi no camarote Folia Tropical o esquentar de vários artistas que desfilaram, ontem, em Mangueira. Um bonde formado por Camila pitanga, Maria Ribeiro, Leandra Leal e georgiana Góes chegou com os Estandartes da ala que homenageou Luis Gama, escritor e patrono da abolição da escravidão no Brasil.

"Choro toda vez que eu ouço o sambas-enredo", disse Camila. "Precisamos recontar nossa história. Quem são os vencidos e os vencedores? Quem descobriu o país?".

Antônia pellegrino e Marcelo freixo, amigo e companheiro de trabalho de Marielle Franco, homenageada da verde e rosa, vestiam camisa da diretoria. "Foi uma bela homenagem não só à Marielle, mas a história que não se conta, e a gente não pode apagar", disse ele. [...]

T21 “Marielle Franco, uma bandeira da verde e rosa”.**Reportagem. Rio. 6/03/2019**

Homenagem à vereadora em Mangueira comoveu o público; Vila Isabel também lembrou a ativista

Há quase um ano, Marielle Franco era assassinada no Estácio, a menos de dois quilômetros da Marquês de Sapucaí, onde duas escolas homenagearam a vereadora na segunda noite de desfiles. Ela estava na letra do samba de Mangueira, num enredo sobre os heróis esquecidos da história brasileira. Ao ser cantado na Avenida em meio a bandeiras com a imagem de Marielle, causou comoção na pista e na plateia. Bastante emocionada, a viúva Mônica Benício desfilou no chão, ao lado da cantora Rosemary.

-Hoje é o dia da ressignificação a barbárie do dia 14 de março. Estou vindo nesta Avenida para fazer um ato, e não um desfile. E acho que a Mangueira está fazendo o mesmo- disse Mônica, lembrando a data do assassinato de Marielle e seu motorista, Anderson Gomes. - É uma emoção muito grande ver a imagem da Marielle nesse enredo que fala de representatividade.

Na comissão de frente da verde e rosa, a menina Cacá Nascimento, de 12 anos, abria uma faixa com a palavra "presente" durante a coreografia.

O público respondeu das frisas e camarotes com mensagens como "Mari presente" e "justiça por Marielle". Uma espectadora exibiu a placa Rua Marielle Franco. Nas arquibancadas populares, um bandeirão com o rosto da vereadora tremulava.

A homenagem, no entanto, causou polêmica. Assistindo aí desfile no recuo de bateria, o deputado estadual Rodrigo Amorim (PSL) disse que era mangueirense, mas que o enredo não o representava. Durante a campanha, ele apareceu num vídeo segurando uma placa com o nome da vereadora quebrada. No domingo, ele já tinha criticado a escolha da escola:

Eu fico muito chateado. Da mesma maneira que as universidades estão absolutamente dominadas por essa ditadura cultural que a esquerda tenta impor, infelizmente o mesmo chegou às escolas de samba - afirmou.

O carnavalesco de Mangueira, Leandro Vieira, respondeu:

-Ditadura cultural é impor a supremacia das versões históricas, em que índios, negros e pobres ocupam lugares subalternos e acabam não alcançando o protagonismo que nos daria o entendimento de fato do país que somos.

T22 “Os altos e baixos de cada escola”.**Notícia. Rio. 6/03/2019****Mangueira**

[...]Tudo o que se pode esperar de bom, de grandioso, de uma escola de samba, esteve no desfile de Mangueira. A começar pelo samba, que apresentou uma das mais belas letras da história. A escola passou vibrante, confirmando que tem chão. E teve ainda cadência de um enredo brasileiríssimo, impactante e provocador. [...]

T23 “Com Marielle presente, Mangueira é campeã”.**Capa. Rio. 7/03/2019**

Legenda foto: torcedores lotam a quadra de Mangueira para comemorar o título da escola, que obteve nota máxima em todos os quesitos ao levar para a Sapucaí enredo em homenagem aos heróis menosprezados pela história convencional.

A Mangueira conquistou seu vigésimo título do carnaval com um enredo que exaltou "o Brasil que não está no retrato" e seus heróis esquecidos, uma homenagem à vereadora Marielle Franco, cujo assassinato completa um ano daqui a uma semana, e ainda sem solução.

T24 “Mangureira fala mais alto”

Rafael Galdo. Notícia. Rio. 7/03/2019

Legenda foto: agora com 20 títulos, a verde e rosa levou à Avenida uma bandeira com o rosto da vereadora Marielle Franco, assassinada há quase um ano. Ela foi homenageada também na letra do samba-enredo e na comissão de frente

Enredo contestador dá o título à verde e rosa

Venceu o "o Brasil que não está no retrato", dos heróis esquecidos da história oficial e exaltados pela Mangureira, que conquistou seu vigésimo campeonato. Mas foi também o triunfo da emoção e do discurso da verde e rosa, que desbancou a riqueza de suas principais adversárias. Uma proposta que o carnavalesco Leandro Vieira tem defendido desde sua estreia no grupo especial, em 2016, quando conquistou seu primeiro título, na homenagem da escola a Maria Bethânia.

"Entre o alto e a ideia, sigo voando alto nos braços de uma boa ideia! Simbora, Mangureira. Boas ideias nos deram asas! É nosso, meu povo! Só tem herói no meu morro", publicou Leandro numa rede social logo após sair o resultado do carnaval.

Quando a escola anunciou o enredo "história pra ninar gente grande", em meados do ano passado, a repercussão foi grande. Na quadra, durante as disputas do samba, uma composição chamava a atenção pela bela melodia e pelos versos que incluíam um tributo a Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018. A Mangureira escolheu a música e decidiu dar forma à reverência na Avenida, já no começo do desfile. Na comissão de frente, uma menina abria uma faixa com a palavra "presente", numa referência à vereadora.

Dali em diante, a apresentação mangueirense manteve uma atmosfera de comoção, impulsionada também pelo samba, que extrapolou a Sapucaí e foi cantado em festas e blocos. E foi exatamente nesse quesito que a verde e rosa assumiu a liderança isolada da apuração, distanciando-se da Viradouro, vice-campeã, e de Vila Isabel, terceira colocada.

-A Mangureira merece essa festa. Representa uma comunidade importante. Os homens e as mulheres daqui são os heróis do meu enredo, devem ser sempre exaltados - disse Leandro, durante a festa na quadra.

Rainha de bateria, Evelyn Bastos também ressaltou o tom social da vitória:

-Sabemos que esse campeonato vai incomodar muita gente. Vai incomodar os preconceituosos, os racistas. A maior festa desse mundo é do preto, do pobre, do suburbano, do favelado. Ninguém consegue fazer o carnaval se não tiver isso na veia. Essa vitória é do país inteiro.

Obstáculos no caminho

Apesar de ter vencido também o Estandarte de Ouro de melhor escola e ter fechado a apuração com os 270 pontos possíveis, o pré-carnaval não foi fácil para a verde e rosa. A Mangueira foi uma das escolas mais atingidas pela crise na folia. Leandro afirmava que seria seu desfile mais difícil.

Além disso, em novembro do ano passado, o então presidente da escola, o deputado estadual Chiquinho de Mangueira (PSC), foi preso na operação fumaça da onça desdobramento da lava-jato no Rio. Entre outras acusações, foi denunciado à justiça por procurar a organização criminosa comandada pelo ex-governador Sérgio Cabral para pedir dinheiro à escola. Os valores, disseram os investigadores, teriam sido usados no desfile de 2014. A Mangueira, então, pisou na Avenida presidida interinamente por Aramis Santos e com Chiquinho cumprindo em prisão domiciliar. Agora, a escola passará por eleições. Só depois da votação, no fim de abril, será decidida a permanência da atual equipe de carnaval, incluindo Leandro.

Celebração na quadra

A festa de ontem começou debaixo de muita chuva e sem energia elétrica na quadra. Faltou luz por mais de duas horas- a iluminação só voltou as 20h20m. Nada que desanimasse os campeões.

Pelo twitter a Viradouro, a escola parabenizou a campeã: perder para a Mangueira, com esse samba, com essa história, com esse chão, é um senhor resultado".

T25“Nasce uma estrelinha verde e rosa”**Nota. Rio. 7/03/2019**

[...] Garota questionadora, com espírito de "Mariellinha". Cacá Nascimento de 11 anos, encantou a Sapucaí. Intérprete de Mangureira do amanhã, ela desfilou na comissão de frente, abrindo um livro que se transforma numa faixa com a palavra "presente", em alusão à vereadora. Sua performance era um segredo guardado pela diretoria.

Logo ao passar pelo setor 1, a cantora mirim, que ficou famosa ao participar do programa "The Voice kids", da TV Globo, ganhou o público.

Ao lado de negros e índios, Cacá simbolizava o futuro que está sendo preparado por gente pequena, mais consciente da vida real e não mais disposta a ouvir "história para ninar gente grande", mote do enredo.

Cacá, que frequenta a quadra de Mangureira com os pais, Barbara Russo e Márcio Nascimento, sentiu a responsabilidade que teria. "Fiquei um pouco nervosa no começo do desfile", admitiu ela, que mora na Tijuca e foi destaque do público no estandarte de Ouro. A mãe, é claro, ficou orgulhosa. "Ela é uma criança que conhece a história por trás dos nossos livros oficiais".

Quem também se sentiu orgulhosa foi a mãe de Marielle, Marinete Silva. "Eu me emocionei. Tenho fotos da minha filha, na mesma idade, fazendo trabalhos de escola com o mesmo olhar dessa menina. Marielle adorava livros. A homenagem foi linda demais". [...]

T26 “Este carnaval foi das críticas”.**Miriam Leitão. Coluna. Economia. 7/03/2019**

[...] O majestoso desfile de Mangueira com o seu samba-enredo que certamente ficará na história, a mesma que ela se propõe a corrigir incluindo as visões dos que têm sido excluídos da história oficial, é apenas um exemplo.[...]

T27 “O sorriso de Cacá”**Luís Fernando Veríssimo. Coluna. Opinião. 7/03/2019**

Minha escola, o Salgueiro, desfilou antes, e estava linda, mas meu coração traidor não se deixou levar. Confesso que traí. Eu queria ver a Mangueira. Todo o desfile até a Mangueira aparecer, pra mim, foi prólogo. Tudo o que precedia a Mangueira atrasava a Mangueira. Blocos de argentinos indo na direção errada, nórdicos perplexos, baterias quilométricas, madrinhas de bateria com coxas intermináveis, alegorias adernadas, baianas cansadas... Saiam da frente! Abram alas para só o que interessa, a Mangueira!

Está certo, meu entusiasmo pela Mangueira não é desinteressado. Tenho um plano político pessoal que, se tudo der certo, acabará com a Cacá Nascimento na comissão de frente permanente da sua escola e, eventualmente, na Presidência da República. Cacá e seu sorriso se tornarão uma espécie de termômetro da disposição nacional, e como ela está sempre sorrindo e/ou cantando o humor nacional será de eterno otimismo, não importa o que esteja acontecendo em Brasília. Seu rosto e seu sorriso garantirão nosso futuro, pois um país que pode produzir uma Cacá, pode tudo. Cacá desfilando no sambódromo seria um teste da sua capacidade de nos salvar de nós mesmos.

Bobagens de ministros? Sorriso da Cacá. Excesso de Generais? Sorriso de Cacá. Um certo anti-intelectualismo em todos os níveis do governo, tanto que jpa se ouviu a frase “Quem tem QI tem medo? Sorriso de Cacá.

Mas aconteceu o seguinte. A Mangueira começou a desfilar lá pelas quatro da madrugada. Eu comecei a dormir já pelas duas da madrugada. Perdi o desfile de Mangueira. Tenho grandes planos para consertar o mundo e, se der certo, o Brasil. Mas preciso dormir. Já se disse que revolução é idealismo mais tempo. Acho que o idealismo é a revolução com sono. O sono me atrapalhou

Mas me contaram que a Mangueira abafou e que a Cacá desfilou na frente. Sorrindo.

T28 “Na luta, a gente se encontra”

Flávia Oliveira. Coluna. Opinião. 8/03/2019

Ao longo de pelo menos quatro décadas de olhar atento aos desfiles, aprendi com o carnaval muitas histórias — contadas ou não — nos livros escolares. Nenhuma delas se relacionou com o vídeo chulo compartilhado por um presidente da República que ainda não aprendeu a liturgia do cargo, e a quem é altamente recomendável a leitura de um código de conduta ou, melhor ainda, um detox das redes sociais. Jair Bolsonaro se elegeu com agenda tão ambiciosa quanto desafiadora. Prometeu dedicar os dias de folia a montar a estratégia de adesão de congressistas e da sociedade à reforma da Previdência elaborada pela equipe econômica. Em vez disso, tuitou conteúdo impróprio e depreciativo à pedagogia da mais importante festa nacional.

O que o carnaval ensina não é pouco nem recente. Décadas antes de Leandro Vieira, o artista catapultado a protagonista do espetáculo das escolas de samba, ter a ideia que levou à maiúscula vitória de Mangueira este ano, os desfiles já presenteavam o grande público com episódios soterrados pela História oficial. Em 1960, Fernando Pamplona, forjado na Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ), inaugurou com “Zumbi dos Palmares” no Salgueiro a série de enredos afro que transformariam para sempre a folia. Joãozinho Trinta, outro gênio, reverenciou personalidades negras — de Ganga Zumba a Grande Otelo e Pelé, de Clementina de Jesus a Pinah — em “A grande constelação das estrelas negras” (Beija-Flor, 1983). A Vila Isabel, que neste 2019 deu vivas à princesa de quem tomou emprestado o nome, 31 anos atrás foi campeã com “Kizomba”, enredo de valorização das origens africanas no centenário da Lei Áurea. No mesmo 1988, a Mangueira conseguiu o vice com desfile crítico à Abolição, que não livrou os negros da exclusão social.

Grandes mulheres foram apresentadas ao país pelo carnaval: da ex-escrava e empreendedora Xica da Silva (Salgueiro, 1963) à bailarina negra Mercedes Baptista (Acadêmicos do Cubango, 2008). Foi o então carnavalesco Milton Cunha que, pela Beija-Flor, me revelou a botânica Margaret Mee (1994) e a soprano Bidu Sayão (1995); e pela Unidos da Tijuca (2003), a saga dos agudás, negros que fizeram o caminho de volta do Brasil para o continente de origem.

Necessária e alinhada ao nosso tempo, de cobrança por representatividade e protagonismo feminino, negro, indígena, popular, a narrativa de Mangueira de 2019 não é nem inédita nem suficiente. É o capítulo mais recente e, talvez, contundente

de um ativismo que pavimentou longo caminho de reconhecimento a personagens e episódios menosprezados ou invisibilizados pela História. Em 1924, o jornal “Clarim da Alvorada” publicava em São Paulo coluna sobre vultos históricos, como os irmãos engenheiros Antonio e André Rebouças e o advogado Luís Gama.

Na primeira metade do século XX, a Frente Negra Brasileira reivindicava a obrigatoriedade do ensino de História da África e cultura afro-brasileira nas escolas. Nos anos 1940, o Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias Nascimento — que completaria 105 anos neste 14 de março, o do primeiro aniversário da execução brutal da vereadora Marielle Franco, homenageada pela Mangueira —, defendia o mesmo, conta a historiadora Giovana Xavier, da UFRJ. Mas a legislação só foi promulgada em 2003 — e jamais aplicada plenamente.

“A Lei 10.639 é resultado de lutas centenárias para reconhecer o protagonismo negro. Ao longo de 22 anos de carreira como professora, conheci centenas de colegas em todo o Brasil, que, nas condições mais precárias, contam essas histórias que não estão no retrato todos os dias”, resume a historiadora.

Desfiles na Sapucaí ampliam visibilidade, escancaram polêmicas, provocam a opinião pública, despertam o interesse. Sozinhos, não transformam. Nem o carnaval nem o Brasil. O que traz mudança é batalha diária, ação incessante. O Rio de Janeiro e o Brasil dormiram mais felizes com a vitória de Mangueira, mas não acordaram diferentes. Como bem ensinou o espetacular samba-enredo de Manu da Cuíca e parceiros: “Na luta é que a gente se encontra”.

T29“Folia de rua promete ir atrás da verde e rosa”**Arthur Leal. Notícia. Rio 9/03/2019**

Coletivos culturais dispararam convites pelas redes sociais para que organizadores de blocos da cidades ocupem a Sapucaí depois da Mangueira, que será a última a se apresentar no desfile das campeãs, a partir de hoje a noite, no Sambódromo.

Um chamado circulou nas redes sociais ontem, na véspera dos desfiles das campeãs, que acontecem hoje, no sambódromo. Nele, todos os blocos da cidade foram convocados para ir atrás da verde e rosa. A ideia é ir para a Sapucaí e, depois, da apresentação de Mangueira, que será a última a desfilas, seguir a escola pela avenida. Lembra um pouco o que aconteceu em 1984 quando o público, empolgado, desceu para se juntar aos componentes em "yes, nós temos Braguinha". Desta vez, a proposta é fazer algo mais organizado para exaltar a Estação Primeira que teve enredo crítico neste carnaval.

O objetivo também é fazer um ato para cobrar a solução do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, no ano passado. [...]

Mas o presidente da Liga das Escolas de Samba, Jorge Castanheira, disse que não vai abrir a pista para o público de fora:

- Se eu abrir a avenida para quem estiver fora, perdemos o controle. Acho uma irresponsabilidade grande, pois não há qualquer tipo de planejamento.

T30 “Os heróis do barracão que deram vida ao samba de Mangueira”.**Rafael Galdo. Reportagem. Rio. 10/03/2019**

[...] Vinte anos atrás, Tânia Bisteka brilhava como rainha de bateria de Mangueira e vencia o Estandarte de Ouro de melhor passista do carnaval. No título da verde e rosa em 2019, continua soberana, mas como uma das muitas mãos que construíram o desfile campeão. Ela está entre os heróis do barracão cantados pela Estação Primeira. Hoje, coordena o almoxarifado da escola, um cargo que, na Cidade do Samba, é dominado por homens. E não é só ali que derruba muros e contraria padrões. Na vida, assim como prega o enredo da escola este ano, aprendeu a ser resistência. [...]

T31 “O samba de Mangueira fala das maiorias”

Aydano André Motta, Daniela Name. Entrevista. Segundo Caderno. 10/03/2019

Compositora conta por que não assinou a parceria, revela como Marielle foi incluída e fala sobre o machismo na escola

A estrofe do samba campeão de Mangueira é feita de uma aliteração — a repetição da sílaba “ma”, presente em “Marias”, “Mahins”, “Marielles” e “Malês”. Manuela Trindade Oiticica, a Manu da Cuíca, também tem “ma” no início do nome, mas não está na letra que escreveu e já é incluída na antologia dos desfiles. Uma das responsáveis pelo título da verde-e-rosa, a escritora, compositora e percussionista torce, por essas ironias carnavalescas, pela rebaixada Imperatriz Leopoldinense. Casada com o também compositor Luiz Carlos Máximo, ligado à Portela, é mãe da pequena Havana, de 4 meses.

Ela e o marido permaneceram ocultos na assinatura do samba de Mangueira porque, na época da disputa, também concorriam pela Portela.

— Foi uma opção nossa, as escolas não tiveram a ver com isso. Depois, eu estava muito envolvida com a gravidez, tinha outras prioridades, mas, quando o samba bombou, as amigas começaram a me cobrar que eu o assinasse. Achei que não devia fugir a essa responsabilidade — diz.

Craque de futebol (jogou no Fluminense), Manu é cria do Bip Bip. Credita a Alfredinho, dono do bar, que morreu sábado de carnaval, sua formação. E relata que já enfrentou machismo nas rodas de música da cidade, na primeira disputa de samba da qual participou, na Canários das Laranjeiras, e também ao concorrer na Portela. Até 2006 a própria Mangueira proibia a presença de mulheres na bateria.

— As pessoas acham que a mulher está lá para torcer, não nos veem como autoras.

Letrista de todas as canções do último disco de Marina Iris, "Rueira", e do samba do Simpatia É Quase Amor ano passado, ela não acha que a projeção conseguida em Mangueira vá mudar sua carreira.

— Um letrista não tem sequer perfil no Spotify. Somos invisíveis.

Aos 34 anos, ela agora integra a pequena lista de compositoras das escolas, com um hino que trata do Brasil.

— O samba fala das maiorias, e não das minorias. A maioria das pessoas não é príncipe, princesa ou rainha. A maioria são os “heróis de barracões”. As pessoas se reconhecem, e se abraçam.

Você e seus parceiros tinham a ideia prévia de incluir Marielle?

Fomos atraídos pelo tema, fascinante não só para os compositores, mas pela forma de ver o mundo. Era uma sinopse necessária, de um desfile artisticamente imprescindível. Mas a Mangueira estava muitíssimo bem servida de samba-enredo nos anos anteriores, todos com 40 pontos do júri, aprovados pelos críticos e pelo público. Sabia que pra ser ouvida e considerada, precisaria chamar atenção.

A decisão mais difícil seria como abordar a sinopse e pensamos numa letra que fosse um diálogo com o Brasil. A melhor forma era fazer disso uma conversa afetiva e uma reivindicação de um país. Em oposição ao resumo em 140 caracteres, do meme, da fake news, de alguém que não vai nos debates e termina eleito.

Optamos também por fazer uma espécie de lista de presença daqueles nomes da sinopse. O objetivo não era explicar, mas instigar, com a responsabilidade de trazer os nomes, num diálogo. A embocadura seria da reivindicação de um país. Foi o ponto de partida tanto da letra quanto da melodia. Mas não é aí que entra a Marielle.

E como foi?

A estrofe veio rápido, e formava uma aliteração pela repetição dos nomes. Pensamos na ideia de trabalhar no plural, por causa dos anônimos, das pessoas que estão aí hoje. Nesse “ma, ma, ma”, não tinha Marielle — só Marias, mahins, malês, marês. Quando parecia pronta, veio a ideia da Marielle, no sentido das pessoas que lutam pela sobrevivência diária, por justiça social. A Marielle está nesse enredo, como estão as Marias anônimas, a Maria Quitéria... Entendemos que o nome dela era totalmente pertinente.

Se ela se chamasse Joana, talvez não entrasse...

Sim. Mas não tivemos qualquer resistência. O Leandro e a escola entenderam a dimensão política da menção, que tinha tudo a ver com a sinopse e o enredo e a grandeza de aceitar que ali era um roteiro e que a gente podia se apropriar dele, acrescentando ou suprimindo nomes.

Como foi sua participação na disputa, já que o crédito a sua autoria só veio depois?

Estava na parte final da gravidez, com outras prioridades, e meu envolvimento foi reduzido. Fui a algumas disputas, assisti e saí. Éramos azarões. Não tomava cerveja, sequer ia lá pra frente. Na reta final, estava com oito meses, maior barrigão. E não era conhecida no universo do samba-enredo. Não assinamos de início porque estávamos disputando (Manuela e o marido, Luiz Carlos Máximo) na Portela, que exige exclusividade.

Quando você se incomodou com a invisibilidade de sua participação?

Acho que foi porque o samba se fortaleceu. Eu não pude viver direito o processo, por estar no final da gravidez, depois me mudando, casando, parindo. Minha ligação afetiva com o samba era pouca, porque estava com outras coisas na cabeça. Quando a Havana fez três meses, respirei e comecei a pensar emocionalmente e politicamente nisso tudo.

É muito difícil a gente, que é mulher, ocupar alguns lugares, e não me senti no direito de invisibilizar a gente, justamente quando consegui. Vale ressaltar que não foi nenhum impedimento ou dificuldade com meus parceiros. Somente porque estava participando de outra disputa. Mas, em certas situações, não temos o direito de nos calar.

Você enfrentou esse problema também na sua vida de compositora?

Senti muito como percussionista, um lugar muito masculino nas rodas de samba, onde os homens reafirmam valores como virilidade e potência. Sempre tem dois caminhos: a tutela, do homem que apadrinhou e diz "já viu como ela toca?"; e o do exotismo, que é o que diz "nossa, uma mulher tocando isso tudo!" Como jogar futebol, meio onde eu também experimentei o machismo. Num e noutro, não dão às mulheres o direito de ser medianas.

Qual é sua escola?

Imperatriz, onde tive relação territorial mais forte. Minha mãe trabalhou muito tempo com o Fábio de Melo na comissão de frente e depois com alas coreografadas. Ia muito lá. Mas minha mãe é mangueirense.

A vitória de Mangueira, num palco que a amplifica tanto como o carnaval carioca, é também uma espécie de gol da esquerda?

O samba de Mangueira fala das majorias, e não das minorias. A maioria das pessoas não é príncipe, princesa ou rainha. A maioria são os “heróis de barracões”. Quando isso é explicado, as pessoas se reconhecem. E, ao se reconhecerem, elas abraçam.

A gente tem poucos espaços para dizer que esse país não é feito de banqueiros, e sim de trabalhadores. As redes sociais são espaços que invertem as coisas, um lugar onde as minorias viram majorias, porque há robôs que multiplicam essas vozes minoritárias que desejam o poder e agora infelizmente chegaram à presidência do Brasil.

Não tenho dúvidas de que moro no país em que a maioria das pessoas não acham normal rasgar uma placa que homenageia uma mulher que foi assassinada. Quero acreditar que esse é um país onde as pessoas repudiam o assassinato de mulheres, ainda que sejamos recordistas nisso.

A barbárie tem sido um projeto político vitorioso e precisamos entender a encrenca em que a gente se meteu. Mas a maioria dos brasileiros não gosta, não aposta, não quer e não vive na barbárie.

Durante o desfile de Mangueira, vi inúmeras mulheres passando por mim e mudando a letra do samba, se apropriando dos versos. Elas diziam: “Brasil, o meu nome é Dandara”. As pessoas são muito mais próximas de Dandara, de Chico da Matilde e de Marielle Franco do que da Princesa Isabel ou Duque de Caxias.

Esse é um enredo contra a Escola Sem Partido, porque o perigo desse projeto é que esse país tem uma História da qual elas não fazem parte, em que tudo foi feito de cima pra baixo.

T32“Era uma vez o ano um”**Ana Paula Lisboa. Coluna. Segundo Caderno. 13/03/2019**

[...] Era eu e uma amiga relembrando nosso pacto sagrado e carnavalesco de priorizar mulheres ambulantes na compra de cerveja no carnaval. Não que os homens não precisam vender, mas reparou como as mulheres além de vender, estão sempre acompanhadas de pelo menos uma criança? Muitas vezes dão famílias que inteiras na tua e quanto antes a mercadoria daquela mulher acabar, mais cedo ela descansa. Era essa regra.

Era a história que a história não conta, mas hoje conta um pouquinho porque existe a câmera do celular pra gravar. Na luta é que a gente se encontra, mas vão ter que ter mais lutas, para além do carnaval. Era assim que tinha que ser.

Era não precisar comemorar a vitória de Mangueira porque não haveria a morte da Marielle. Não haveria bandeira verde e rosa, não haveria arrepio no corpo cantando o samba, não haveria choro, nem vela, nem dor.

Mas ainda haveria carnaval, porque carnaval tem todo o ano. Mas agora há também o ano sem ela. Era uma vez o ano um sem Marielle Franco ano que vem tem mais. [...]

ANEXO D- POSTAGENS DAS REDES SOCIAIS DE MANGUEIRA E DE LEANDRO VIEIRA

- Leandro Vieira., **Bastidores da criação.** 17 de out. de 2018.
<https://www.facebook.com/LeandroVieirarj/posts/1870177279733205>
- Leandro Vieira, **Bastidores da criação.** 24 de out. de 2018.
<https://www.facebook.com/LeandroVieirarj/posts/1882009605216639>
- Leandro Vieira, **Bastidores da criação,** 26 de out. de 2018
<https://www.facebook.com/LeandroVieirarj/posts/1883901268360806>
- Leandro Vieira, **Desfile para guardar no lado esquerdo do peito,** 7 de mar. de 2019. <https://www.facebook.com/LeandroVieirarj/posts/2075339202550344>
- Mangueira, **10 dias para o desfile,** 22 de fev. de 2019.
https://www.instagram.com/p/BuMsFeRI_mH/?igshid=mdcczrbkx0u2
- Mangueira, **4 dias para o desfile,** 28 de fev. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BubzuvQH6le/?igshid=11zyu804v1hde>
- Mangueira, **5 dias para o desfile,** 27 de fev. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BuZM3UxnN9a/?igshid=1bc57t6qf8md8>
- Mangueira, **6 dias para o desfile,** 26 de fev. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BuXCOB5HG2d/?igshid=8epiez8lk1ur>
- Mangueira, **9 dias para o desfile,** 23 de fev. de 2019.:
<https://www.instagram.com/p/BuOuyeJHOz1/?igshid=1gmsmks05qjam>
- Mangueira, **Conquista do Estandarte de Ouro.** 5 de março de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BuoCQY9HIrr/?igshid=19wa6kge4cli0>
- Mangueira, **É hoje o desfile,** 4 de mar. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BummX45HIEf/?igshid=d0hui7hibtft>
- Mangueira, **Enredo de Mangueira para 2019,** 22 de jun. de 2018.:
<https://www.instagram.com/p/BkV7oXOIDi8/?igshid=d3cbntd2ofhm>
- Mangueira, **Gravação do samba-enredo,** 26 de out. de 2018.
<https://www.instagram.com/p/BpalkmVHGxV/?igshid=5k7v7st4ricl> em: 6 de jun. de 2020.
- Mangueira, **Mangueira é campeã** 6 de mar. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BurpFnPnuKD/?igshid=hoj7bmapthf8>
- Mangueira, **Mangueira escolhe seu samba-enredo.** 14 de out. de 2018.
<https://www.instagram.com/p/Bo91vYMF9YB/?igshid=1m2biaqw0vjgg>.
- Mangueira, **Mangueira irá dar aula na Avenida,** 20 de novembro de 2018.
<https://www.instagram.com/p/BqZwvl9HauG/?igshid=1bfh4ucsxllzf>
- Mangueira, **Monica Benício e Leandro Vieira,** 25 de janeiro de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BtDgvUbFDNh/?igshid=x0xbunk9ws4u>
- Mangueira, **Primeira eliminatória do samba-enredo,** 24 de ago. de 2018.
<https://www.instagram.com/p/Bm4GpYnl63p/?igshid=7ukavup7b9t3>.
- Mangueira **Segunda eliminatória do samba-enredo,** 13 de set. de 2018.
<https://www.instagram.com/p/BnrSCqfFglG/?igshid=hq243uw6i62k>.
- Leandro Vieira **Monica Benício e Leandro Vieira,** 25 de jan. de 2019.
<https://www.instagram.com/p/BtDqAloHQVY/?igshid=rpaooof7b9r3>
- Leandro Vieira, **Fantasia do desfile,** 16 de out. de 2018.
https://www.instagram.com/p/Bo_2yAVH-pv/?igshid=1wkuf1oznen4x
- Leandro Vieira, **Leci Brandão e Luísa Mahin,** 20 de nov. de 2018.:
<https://www.instagram.com/p/BqaCEnsHQ0E/?igshid=wmdn5g6hh2x1>